



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

AS NARRATIVAS MÍTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR:
ANÁLISE DA PRODUÇÃO TEXTUAL DE APRENDENTES DO
SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE MANAUS

Marlene Gomes

MANAUS-AM
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARLENE GOMES

AS NARRATIVAS MÍTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR:
ANÁLISE DA PRODUÇÃO TEXTUAL DE APRENDENTES DO
SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE MANAUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Antonia Silva de Lima.

MANAUS-AM
2008

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Gomes, Marlene

A663i

As Narrativas Míticas no Contexto Escolar: Análise da Produção Textual de Aprendentes do Sétimo Ano do Ensino Fundamental de Uma Escola Municipal de Manaus – UFAM: UFAM, 2008.

204 f.; s/ il.

Dissertação (Mestrado em Educação) —
Universidade Federal do Amazonas, 2008.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Antonia Silva de Lima.

1. Educação 2. Tradição Oral 3. Narrativa Mítica
4. Produção Textual Escrita I. Lima, Antonia Silva de
II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 364.122.5 (811.3)(043.3)

MARLENE GOMES

AS NARRATIVAS MÍTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR:
ANÁLISE DA PRODUÇÃO TEXTUAL DE APRENDENTES DO
SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE MANAUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Antonia Silva de Lima.

Aprovado em 26/11/2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Antonia Silva de Lima – Presidente
Faculdade de Educação/UFAM

Prof.^a Dr.^a Lilane Maria de Moura Chagas – Membro
Faculdade de Educação/UFAM

Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Albuquerque – Membro
Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFAM

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais
Joventino Gomes e
Alice Rodrigues Gomes,
expressão viva de amor incondicional,
mestres na compreensão
da dimensão sagrada da existência.*

*À minha filha, Alice Maria,
Aurora de todas as manhãs
E razão do meu existir.*

Dedico essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inexaurível de amor.

Aos meus irmãos, José Osmar, Maria Luisa, Edgard José, Antônio e Rosângela, pelo incentivo e apoio em todos os momentos.

A Rosângela, Tereza e Cláudia, mulheres fortes, quais Amazonas do Segundo Milênio, cujo labor provê, ante tudo, o amor.

Ao Antônio e ao Cleiton, pelo respeito e admiração que inspiram.

A meus queridos sobrinhos, rebentos comuns, porque comungam a mesma seiva.

Às Irmãs Passionistas, com as quais aprendi a dimensão passiológica da educação.

Ao Abdias, pela compreensão, ajuda e amor.

À Eglê, testemunha da concepção do projeto desta pesquisa, amiga e partícipe de momentos que marcaram ciclos de renascimento.

À Prof^ª Dr^ª Antônia Silva de Lima por acreditar no meu projeto e orientar, pacientemente, o seu desenvolvimento, e pelo exemplo de dedicação à causa da educação.

Especialmente, agradeço ao Prof. Dr. Gabriel Arcajo de Albuquerque e à Prof^a Dr^a Lilane Maria de Moura Chagas por aceitarem fazer parte dessa caminhada de formação pessoal e profissional.

À Secretaria Municipal de Educação de Manaus por me proporcionar maior disponibilidade de tempo para dedicação aos estudos.

Aos alunos do sétimo ano, Turma A/2007, do turno vespertino, da Escola Municipal Rodolpho Valle, pela inestimável contribuição para a realização dos propósitos desta pesquisa.

Aos meus queridos colegas professores da Escola Municipal Rodolpho Valle, pela amizade, incentivo e apoio, sempre.

Às amigas Marilezi e Luiziane, pelo abraço verdadeiro ao me comunicarem que eu fora selecionada para o curso de Mestrado em Educação.

A todos os que marcam minha vida com o bem que irradiam.

Agradeço.

Robertinho,

Você chegou primeiro...

SER PESSOA

*Custa tanto ser uma pessoa plena
que muito poucos são aqueles
que têm a luz ou a coragem
de pagar o preço.*

*É preciso abandonar por completo
a busca de segurança
e correr o risco de viver com os dois braços.*

É preciso abraçar o mundo como um amante.

*É preciso aceitar a dor
como condição da existência.*

*É preciso cortejar a dúvida e a escuridão
como preço do conhecimento.*

*É preciso ter uma vontade obstinada no conflito,
mas também uma capacidade de aceitação total
de cada conseqüência
do viver e do morrer.*

*Morris L. West
In "As Sandálias do pescador".*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a contribuição das narrativas míticas regionais no processo de produção textual escrita, de uma turma de aprendentes de sétimo ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Manaus, bem como identificar, nos textos produzidos nesse processo, traços expressivos da cultura amazônica assimilados da tradição oral. A pesquisa percorreu uma análise comparativa das produções escritas, em número de três, verificando a progressiva desenvoltura dos aprendentes quanto à narrativa escrita da Lenda da Mandioca, a partir de versões colhidas da oralidade e relatadas à turma pelos próprios aprendentes, e da versão de José Coutinho de Oliveira, apresentada como possível modelo. A análise das seqüências encontradas nos textos revelou a eficácia das narrativas míticas, enquanto recurso metodológico, para a orientação de produção de textos escritos no contexto escolar. Isso foi percebido por meio da criatividade com que os aprendentes se expressam, acrescentando elementos novos às seqüências narrativas da lenda, dos recursos utilizados na caracterização das personagens, e, do emprego de uma linguagem na qual se pode verificar a projeção da sua realidade sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Tradição Oral; Narrativa Mítica; Produção Textual Escrita.

ABSTRACT

This research has as its objective to analyze the contribution of regional mythic in the process of written textual production, from a group of seven grade learners of a public school in Manaus. Its other intention is to identify in the produced texts in this process expressive traces of Amazonian culture assimilated by oral tradition. The research ran three comparative analyses of written productions verifying the progressive evolvement as to the written narrative of The Manioc Legend; of versions collected from oral counts and told to the group by the learners themselves up to the one by Jose Coutinho Oliveira, presented as a possible model. The analyses of sequences found in the texts revealed the efficacy of mythic narratives as a method resource to orient the production of written texts in school setting. This was firstly noticed through creativity expression presented by the learners by adding new elements to the narrative sequences of the legend, as well as, the utilized resources in characterizing the layers; as a last element, it was the use of a language of which one could verify the projection of its socio-cultural reality.

KEY-WORDS: Education; Oral Tradition; Mythic Narrative; Written Textual Production.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Como os aprendentes projetam a lenda no tempo.....	66
Quadro 2 – Como os aprendentes projetam o espaço (mais amplo) no qual as ações acontecem.....	70
Quadro 3 – Como os aprendentes projetam a personagem mãe da protagonista.....	74
Quadro 4 – Como os aprendentes introduzem o sonho da mãe da protagonista.....	77
Quadro 5 – Como os aprendentes descrevem o jovem dos sonhos a mãe da protagonista – projeção do ser sobrenatural.....	79
Quadro 6 – Como os aprendentes projetam a reação da mãe da protagonista ao sonho.....	81
Quadro 7 – Como os aprendentes narram o desaparecimento do jovem dos sonhos da mãe da protagonista.....	82
Quadro 8 – Como os aprendentes projetam a gravidez da mãe da protagonista.....	83
Quadro 9 – Como os aprendentes projetam a reação dos pais da jovem ao tomarem conhecimento da gravidez da filha.....	86
Quadro 10 – Como os aprendentes narram o nascimento da protagonista.....	91
Quadro 11 – Como os aprendentes descrevem a protagonista.....	93
Quadro 12 – Como os aprendentes projetam o definhamento da protagonista.....	98
Quadro 13 – Como os aprendentes projetam a morte da protagonista.....	101
Quadro 14 – Como os aprendentes projetam o enterro da protagonista.....	104
Quadro 15 – Como os aprendentes projetam o luto da mãe da protagonista e da tribo.....	107
Quadro 16 – Como os aprendentes projetam o ressurgimento da protagonista....	110
Quadro 17 – Como os aprendentes projetam a reação da mãe da protagonista e ou da tribo ante o surgimento de uma planta na sua cova.....	113
Quadro 18 – Como os aprendentes descrevem o vegetal que brotou da cova da protagonista.....	116
Quadro 19 – Como os aprendentes projetam o sonho do cacique.....	120
Quadro 20 – Conclusão e explicação do nome Mandioca.....	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
Gênese da Temática.....	14
Questões da Pesquisa.....	20
Objetivos.....	20
Procedimentos Metodológicos.....	21
Estruturação do Trabalho.....	23
As Bases Empíricas – Momentos da Pesquisa	24
As Bases Teóricas da Pesquisa.....	27
CAPÍTULO 1	
1 – EDUCAÇÃO E MITO.....	30
1.1 – A Narrativa Mítica.....	32
1.1.1 – Mito e Oralidade.....	37
1.1.2 – Narrativa Mítica e Produção Textual Escrita.....	42
1.1.2.1 – <i>Produção Textual</i>.....	51
CAPÍTULO 2	
2 – O MITO ALIMENTA A EDUCAÇÃO NUMA CUIA NARRATIVA.....	54
2.1 – Mito e Lenda.....	54
2.2 – A Lenda como Mito de Origem – Explicação da Realidade.....	57
2.2.1 – A Lenda da Mandioca.....	59
CAPÍTULO 3	
3 – PERSCRUTANDO OS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS APRENDENTES....	65
3.1 – Análise das Seqüências Narrativas encontradas nos Textos dos Aprendentes.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXOS.....	137
ANEXO A.....	138
TEXTOS DOS APRENDENTES – Primeira versão.....	139
TEXTOS DOS APRENDENTES – Segunda versão.....	161
TEXTOS DOS APRENDENTES – Terceira versão.....	182
ANEXO B.....	203
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	204

INTRODUÇÃO

Humanizar o humano para experimentarmos nossas raízes e nossas asas. (GUERREIRO, 2003, p. 82).

Gênese da Temática

Dedicando-nos, há alguns anos, à educação aprendemos que trabalhar com a criança e o adolescente numa das fases decisivas para o seu futuro exige, além da formação profissional, suficiente habilidade em acompanhar a aprendizagem de modo a torná-la prazerosa tanto para o *aprendente* quanto para o *ensinante*¹. A prática da produção de textos escritos, tendo como suporte as narrativas míticas regionais, constitui-se em importante recurso nesse processo. A narrativa mítica proporciona, ao aprendente e ao ensinante, contato com um nível específico de linguagem, cuja expressão é resultante, também, de um específico modo de exercício do pensamento.

A nossa região é, particularmente, rica no que diz respeito aos mitos, às lendas, aos causos e aos contos. Essa riqueza toda não pode ser ignorada nem esquecida nas gavetas da memória, mas precisa, pela palavra falada e escrita,

¹ Termos empregados por Hélène Trocmé-Fabre, na obra *A árvore do saber-aprender* (2004), para designar aluno e professor, respectivamente. Os referidos termos serão empregados, neste trabalho, com o mesmo sentido.

continuar encantando e provocando a imaginação de aprendentes e ensinantes nas diversas situações de aprendizagem.

Histórias, lendas, mitos, representações, imaginário, legados de uma cultura amazônica milenar, narrados no âmbito familiar geram identidades, e, no contexto mais amplo, como o escolar, abrem um leque de possibilidades de construção de saberes. Esses saberes socialmente construídos põem-nos em contato com o outro, possibilitando o encontro respeitoso de seres, de crenças e de valores, através do cultivo da memória mítica que é adquirida no seio de uma sociedade tradicionalmente marcada pela oralidade. Por isso, nas suas sucessivas etapas, a educação encontra, na língua e na linguagem, a sua mais contundente forma de expressão, o que as torna imprescindíveis a todas as matérias do currículo e ao ato comunicativo enquanto tal.

A experiência docente junto aos alunos do ensino fundamental nos permitiu observar que alguns aspectos do ensino da língua portuguesa merecem maior atenção por parte do ensinante. Destacamos dois, por considerarmos importantes para um bom desenvolvimento da aprendizagem: o exercício da produção textual oral e escrita e o fato da língua portuguesa se constituir, para os falantes desse idioma, em argamassa que dá consistência ao processo de construção das diferentes formas de conhecimento. O pensamento do falante de determinada língua se articula de acordo com a estrutura dessa mesma língua o que a permite transitar por todas as atividades curriculares e extracurriculares de uma instituição educacional.

Entendemos que esses dois aspectos do ensino e da aprendizagem da língua representam uma possibilidade de construção de conhecimento criativo pautado na

experiência cultural dos aprendentes. O fato concreto ilustrativo dessa afirmação deu origem ao projeto desta pesquisa.

Foi uma turma de sétima série. Aquela considerada difícil tanto no que refere ao aspecto comportamental quanto ao cognitivo. Numa determinada aula, desejando obter uma participação expressiva daqueles aprendentes, pedimos a eles que falassem sobre histórias comuns na região, contos, lendas, causos, aqueles comumente ouvidos no ambiente familiar. Ficamos surpresa com a avalanche de histórias que os iam narrando com tanta naturalidade e vimos dissipada a costumeira timidez e resistência quando solicitados a fazer uso da expressão oral em público. Todos, absolutamente todos, tiveram um caso a contar, uma lenda a narrar, e mais, com tal convicção sobre a veracidade dos fatos narrados que era como se tivessem sido vivenciados por eles mesmos.

A experiência provocou em nós profunda reflexão a respeito do fazer pedagógico no cotidiano da sala de aula e a vontade de realizar um trabalho mais elaborado com lendas amazônicas. No entanto, vimos, de um lado, alunos com um potencial criativo imenso e quase inexplorado. De outro lado, uma estrutura curricular com uma gama de conteúdos a serem trabalhados, na maioria das vezes num prazo reduzido e em condições de aprendizagem nem sempre favoráveis, quais sejam turmas numerosas, salas muito quentes, defasagem série/idade, desmotivação do aluno e do professor ocasionada por diversos fatores.

A inquietação interior ou a insatisfação com algo que já não está respondendo às nossas expectativas pode ser indício não só de que algo não vai bem, mas, sobretudo, e com um significado bastante positivo, de que algo novo está sendo gerado no plano interior e quer ganhar vida na realidade objetiva. Por isso, apresentamos ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade

Federal do Amazonas o projeto dessa pesquisa para estudar a produção textual a partir de mitos e lendas, orientada, também, por uma visão transdisciplinar de educação.

Essa abordagem propõe uma reavaliação do papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e se baseia no respeito absoluto às alteridades, bem como no reconhecimento do direito de idéias e verdades contrárias às nossas (NICOLESCU, 1999). Em concordância com esse pensamento, encontramos em Koch (2003), uma concepção de texto na qual o sentido vai sendo construído no curso de uma interação onde se estabelece uma atividade verbal coerente, tornando a comunicação possível, assim como, a identificação de um texto como tal. Para a autora:

[...] um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido (p. 30).

Por isso, este trabalho pretende se constituir numa experiência de análise que permite transitar pelas diversas áreas de estudos, promovendo um diálogo com a Sociologia, Antropologia, Geografia, Economia e Religião, incorporando aos textos analisados “[...] dimensões como o sagrado, o mistério e a complexidade, o que comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível”. (WANZELER, 2002, p. 8).

Os estudos teóricos do mito contribuem para a compreensão de uma realidade cultural, ou mesmo transcultural, que encontra ressonância na visão de educação aqui buscada, enquanto redescobre e revaloriza aspectos do Ser, relegados pelo homem moderno, historicamente, fragmentado nos seus valores, certezas e crenças. O mito vem de encontro à necessidade humana de identificação

com valores capazes de manter a coesão social construída na interação. Isso pode ser desenvolvido, também, pela prática pedagógica da produção textual, se entendermos que as narrativas míticas traduzem conhecimentos construídos, socialmente, desde as civilizações mais remotas.

Nesse contexto, os textos míticos e sua atualização através da escritura de novas versões, podem revelar ao aprendente aspectos de si mesmo que apontam para a transcendência de uma realidade de negação de suas potencialidades para experiência de auto-afirmação. Isso se dá, ao perceber-se capaz de avançar como protagonista de seu processo educativo, processo esse que se constrói na interação, também, com os saberes que as gerações que nos precederam, desde os mais remotos tempos, nos legaram.

No propósito da nossa pesquisa, a opção pelo texto escrito, a partir da tradição oral, justifica-se por ser um mecanismo por meio qual o aprendente toma contato com a sua origem cultural. Esse propósito encontra eco em Lima, (2003, p. 68), quando afirma que “A tradição, que durante alguns séculos os habitantes das terras amazônicas criaram, é fundamental para garantir a formação sociocultural das gerações atuais, cujas raízes estão na sua origem”. A educação, em seu sentido mais amplo, abarca o compromisso de oferecer essa garantia ao aprendente.

Continuando este pensamento, Lima, (2003, p. 68), diz que “A busca em torno da permanência dinâmica de continuidade do manancial lendário amazônico é condição primeira para o processo de reconhecimento do sujeito amazônico em sua singularidade”. Podemos, dizer, então, que as narrativas constituintes do acervo mitológico específico de uma determinada região contribuem significativamente para o registro e a identificação da trajetória cultural pessoal e coletiva.

Cabe lembrar que a língua é como o ar que respiramos. O oxigênio impregna cada célula do corpo humano, dos organismos vivos, enfim. A língua é a base sobre a qual a comunicação se estabelece, ou seja, está acima das disciplinas, embora conste, nos currículos escolares, como disciplina.

A linguagem oral antecede a linguagem escrita, quando a partir do nascimento a criança já entra em contato com o mundo dos falantes e, em pouco tempo já balbucia sons e, logo depois, palavras que vão aumentando em número e complexidade. Nesse movimento interativo propiciado pelo desenvolvimento humano vai se construindo, também, a formação da identidade cultural à qual nos referimos.

Diante das inúmeras possibilidades que o trabalho com produção textual oferece, delimitamos a pesquisa em torno da narrativa de natureza mítica regional amazônica, onde histórias narradas no meio familiar geram identidades e constituem-se em material riquíssimo para a produção acadêmica. No contexto mais amplo, lendas, mitos, representações, imaginário, legados de uma cultura amazônica milenar, abrem um vasto leque de possibilidades de construção de saberes por meio do diálogo, do respeito, da criatividade. Estes saberes, em situações didático-pedagógicas específicas, podem gerar excelentes textos escritos.

Nesse sentido, a superação dos próprios limites por meio da construção de conhecimento, pode representar uma possibilidade de reconhecimento, por parte do outro e de si mesmo, do próprio potencial. Esse reconhecimento proporciona autoconfiança, autoconhecimento, aumenta a auto-estima e, conseqüentemente, estimula novas produções, pois, “[...] como atividade interindividual, o processamento textual, quer em termos de produção, quer de compreensão, deve

ser visto também, como uma atividade tanto de caráter lingüístico, como de caráter sociocognitivo” (KOCH, 2003, p 31).

Questões da Pesquisa

A recuperação da oralidade enquanto narrativa que expressa sensibilidades, identidades e processos diferenciados de conhecimento, representa, também, uma prática possível de aprendizagem, por meio da escrita. Os recursos produzidos pela tradição oral, situando, especialmente, a amazônica, constituem-se pela diversidade cultural inerente à própria região, o que implica considerar não apenas os saberes desta tradição, mas fundá-los enquanto processos educativos legítimos de aprendizagens no campo escolar. O ensino e a aprendizagem por meio da produção de textos escritos, cuja temática advém da tradição oral, se constitui em um modo, dentre tantos outros, da escola valorizar os saberes tradicionais.

A partir dessa compreensão, fizemos os seguintes questionamentos:

- As narrativas míticas orais contribuem para o desenvolvimento da produção textual escrita dos aprendentes do sétimo ano do Ensino Fundamental?
- Os textos narrativos, escritos pelos aprendentes, expressam traços da cultura regional amazônica, contidos na tradição oral?

Objetivos

- Analisar a contribuição das narrativas míticas regionais no processo de produção textual escrita de uma turma de aprendentes de sétimo ano do Ensino Fundamental.

- Identificar, nas narrativas escritas pelos aprendentes, traços expressivos da cultura amazônica, assimilados da tradição oral.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa, tendo como *lócus* uma escola da Rede Municipal de Educação de Manaus, mais precisamente, uma turma de alunos do sétimo ano (Turma A) do Ensino Fundamental, turno vespertino, portanto, dentro da faixa etária normal. A referida turma constitui o ambiente natural da pesquisa e, os textos por ela produzidos, fonte direta dos dados.

Utilizaremos, para discussão e análise dos dados, a Técnica da *Análise de Conteúdo*, proposta por Laurence Bardin (1977) Segundo a autora, "A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações. [...] marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações". (p. 31).

Os textos dos aprendentes são verdadeiras comunicações que relatam uma história mítica na qual se encontram saberes tradicionais, traduzindo informações da sua vivência sociocultural e de sua linguagem constituídas no trajeto de sua formação pessoal e escolar.

Para a autora, esse conjunto de técnicas de análise das comunicações objetiva:

[...] obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 42).

Para dar suporte à produção textual dos aprendentes adotamos narrativas míticas voltadas para a realidade simbólica da cultura amazônica, tais como mitos e lendas. Esses textos, traduzidos primeiro na modalidade oral, depois, na escrita, permitem novas formas de representação da realidade explorada, ampliando o universo estético-criativo dos aprendentes. Desse modo, os textos produzidos por eles, a partir das versões colhidas da oralidade, se constituirão em novos textos, nos quais se entrecruzam as marcas do seu autor (o aprendente que produz o texto) com as marcas da tradição oral (presente nos textos contados pelos colegas) e as da versão lida para a turma (versão de José Coutinho de Oliveira), mas jamais serão uma cópia ou mera reprodução.

Faz-se necessário esclarecer que a versão de José Coutinho de Oliveira, ao ser apresentada para os aprendentes em forma de leitura de uma obra escrita e publicada, não perde o caráter de literatura oral, uma vez que, antes de ser publicada, foi construída a partir narrativas colhidas da oralidade.

A análise dos textos produzidos pelos aprendentes deu-se por meio de uma investigação das estruturas lingüística e semântica, relativa à progressiva desenvoltura do aprendente no exercício da produção textual escrita. Em outras palavras, ocupamo-nos, sobretudo, em verificar o avanço do aprendente escritor quanto à habilidade de expressar-se por escrito, demonstrando capacidade de produzir textos liberando-se, progressivamente, de bloqueios ou medos de escrever, uma vez que, em muitos casos, essa atividade escolar pode gerar angústias, justamente pelas dificuldades com a escrita que ainda apresentam.

Certamente, um trabalho minucioso de auxílio à atividade ortográfica se faz necessário, no entanto, o mesmo não vem contemplado nos objetivos dessa pesquisa. Não temos dúvida de que seria oportuno fazê-lo em outro momento, o que

contribuiria muitíssimo não somente para com a formação dos aprendentes do Ensino Fundamental, como também, para com a formação continuada de professores que se dedicam tanto aos anos iniciais quanto finais dessa etapa formativa.

A Estruturação do Trabalho

O primeiro capítulo desse trabalho se constitui em um estudo bibliográfico do tema e está dividido em duas partes. A primeira é uma reflexão que procura integrar os conceitos de “educação” e “mito”. Com tal reflexão, pretendemos evidenciar aspectos do mito que consideramos relevantes para a educação sob a ótica pretendida nesse trabalho. Ressaltamos a importância de se considerar o momento histórico atual no qual a humanidade sofre os danos causados pela insensibilidade em relação à vida nas suas diferentes formas de manifestação. A segunda parte da investigação bibliográfica é constituída de um estudo sobre “a narrativa mítica”, “mito e oralidade” e “narrativa mítica e produção textual escrita”.

O segundo capítulo, intitulado “O mito alimenta a educação numa cuja narrativa”, procura mostrar a especificidade do mito e da lenda. Enquanto essa se volta para uma realidade mais específica e localizada, geograficamente, aquele possui um caráter universal. Ambos continuam vivos, graças ao dinamismo de seu principal veículo: a tradição oral.

O terceiro e último capítulo tem como título “Perscrutando os textos produzidos pelos aprendentes”. Consiste no estudo comparativo e sistematizado dos dados a partir dos textos produzidos. Compõe-se de vinte quadros, nos quais se pode visualizar cada uma das seqüências narrativas, constituintes dessas produções.

As Bases Empíricas: Momentos da Pesquisa

1º momento - Nosso trabalho de campo teve início a partir do contato com a escola, representada pela sua gestora, no qual solicitamos permissão para realizarmos a coleta de dados para a nossa pesquisa, efetuada por meio de produção de textos narrativos de natureza mítica.

2º momento - Encontro com a turma “A” do sétimo ano do Ensino Fundamental. Acolheram-nos o professor de Língua Portuguesa da referida turma e os aprendentes. Naquele momento expusemos o objetivo de nossa estadia com a turma, em alguns tempos de aula de Língua Portuguesa, e esclarecemos que a participação de cada um seria extremamente importante para a consecução dos objetivos da nossa pesquisa.

3º momento - Com o intuito de introduzir os alunos no clima das lendas e mitos amazônicos, fizemos, com a participação turma, a uma listagem das lendas conhecidas pelos aprendentes no contexto familiar, momento que foi marcado por intensa participação dos mesmos.

Posteriormente, selecionamos da referida lista a Lenda do Boto e a Lenda da Mandioca sendo que a escolha da Lenda do Boto deu-se apenas como o intuito de utilizá-la como experiência preliminar à pesquisa a que nos propusemos, porém não foi considerada enquanto material da análise para a mesma.

Para a seleção dessas duas lendas, adotamos como critério: a temática do encantamento, com a lenda do boto, utilizada como trabalho anterior à pesquisa, e a temática do renascimento, com a lenda da Mandioca, escolhida para se constituir no material a ser analisado. Essa escolha se deu de modo aleatório.

4º momento - Reprodução oral de diferentes versões da Lenda da Mandioca, dos alunos para a turma seguida de conversa interativa a respeito da narrativa ouvida pela turma.

5º momento - Depois de escutarmos as versões orais daqueles aprendentes que conheciam a Lenda da Mandioca, trabalhamos, com a turma, as seqüências que, do ponto de vista estrutural, são constituintes do texto narrativo. Identificamos essas seqüências, com a turma, oralmente, na Lenda da Mandioca contada e ouvida pelos aprendentes.

O referido trabalho foi considerado pertinente por estarmos realizando nossa coleta de dados num tempo (hora aula) destinado ao ensino da Língua Portuguesa, conforme a distribuição da carga horária da série em questão. Esse tempo foi cedido, gentilmente, pelo professor titular da turma, com a devida autorização da gestora da Escola.

O estudo do texto narrativo, assim como a prática da produção de textos, compõe o conteúdo programático do sétimo ano do ensino Fundamental e a turma não poderia ficar prejudicada com parte do total dos tempos de aula absorvida pelos trabalhos da pesquisa se não fosse oferecida a contrapartida. Por isso, comprometemo-nos a fazê-lo. Explicar que isso foi iniciativa nossa e não uma exigência da escola.

6º momento - Tendo os aprendentes tomado contato com a Lenda da Mandioca segundo o processo descrito, apresentamos a eles, por meio de leitura, a versão da mesma lenda retirada da obra de José Coutinho Oliveira, intitulada *Lendas Amazônicas*, 1916, transcrita no Caderno de Educação, Culturas e desafios Amazônicos, vol. 1. n.1. Jan./Dez. (2005). Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. Essa versão foi apresentada à turma como modelo possível, ao lado

das versões contadas pelos aprendentes, e será tomada por nós, na comparação das seqüências presentes nas três versões produzidas para análise, como paradigmática.

Após a leitura da Lenda da Mandioca da obra supracitada, repetimos o procedimento descrito no 5º momento. Trabalhamos, com a turma, as seqüências encontradas nessa versão da lenda, identificando o fato ou ação, personagens, como se desenvolve o fato ou ação, o lugar em que se deu a ocorrência, a causa ou motivo da ação, e a conseqüência do fato ou da ação (SENA, 2005, p. 169).

7º momento – Redação da primeira versão da Lenda da Mandioca pelos aprendentes. Pedimos que a escrevessem da forma como a conheciam ou a tinham entendido a partir dos nossos encontros. Assim, obtivemos a produção da primeira versão da Lenda da Mandioca a partir da narrativa oral (trazida pelos alunos da vivência no ambiente familiar/social) e da versão de José Coutinho de Oliveira.

8º momento - Redação da segunda versão da Lenda da Mandioca produzida pelos aprendentes, depois de retomada do conteúdo da lenda, bem como de elementos que compõem a estrutura do texto narrativo.

9º momento - Redação da terceira versão da Lenda da Mandioca pelos aprendentes, agora com apenas uma retomada (revisão) do conteúdo da lenda, oralmente, na qual se ouviu os relatos dos aprendentes, na medida em que iam exercitando a memória no processo de recordar e contar. Nesse exercício, o texto oral foi se construindo de modo interativo com a contribuição dos aprendentes, sem que houvesse interferência da pesquisadora. Essa não interferência foi intencional.

10º momento - Análise dos textos produzidos pelos aprendentes, observando os aspectos propostos nos objetivos da pesquisa, que se traduzem: na desenvoltura quanto à produção textual, na presença de elementos míticos essenciais como

cosmogonia (origem), sacralidade, figura do herói: chamado, provação, superação, transmutação (retorno), rito (CAMPBELL, 1999), para verificação de elementos que são mantidos, ou não, nas sucessivas versões (três) e se aparecem elementos novos ou não.

11º momento - Comparação das produções em número de três, verificando o que muda no processo de produção e reprodução e, detectando a presença progressiva de elementos que valorizam a cultura regional amazônica, numa atitude de abertura ao novo, ao imprevisível, uma vez que cada texto poderá aportar algo de original, tornando-o único.

12º momento - Sistematização e análise dos dados obtidos no material coletado.

Observamos que os três últimos momentos da pesquisa se deram concomitantemente. À medida que se deu a análise dos dados obtidos pela comparação das seqüências narrativas, fomos interpretando os resultados com o auxílio dos autores, bem como, chegando a conclusões parciais a partir de inferências.

As Bases Teóricas da Pesquisa

Nesta pesquisa, focalizamos a educação a partir do cenário mitológico amazônico, integrando-os como pressupostos importantes na prática pedagógica da produção de textos escritos, tendo como referência primeira a prática da escrita a partir da tradição oral, considerando que a língua falada e escrita é a seiva que mantém a vitalidade da comunicação no corpo social.

Teoricamente, fundamentamos nosso estudo nas obras de Mircéa Eliade (1998), para quem o mito conta e explica como as coisas aconteceram “*in illo*

tempore, no tempo fabuloso dos começos“. Joseph Campbell (1990), que entende os mitos como expressão de uma visão do mundo social e pessoal, representando, portanto, uma cosmologia. Zelita Seabra (1996), para o mito existe em função do fato de que preenche os espaços vazios do ser, do homem. Para a autora, o mito revela-se como a manifestação de um encontro com o Tu – o sagrado. Nesse encontro, o tempo se constitui em paradoxo e enigma, não sendo contínuo nem homogêneo e sim, descontínuo, vivência. Atualizado no rito, o mito preenche simbolicamente os espaços psicológicos, realizando uma função catártica. Constança Marcondes César em *As razões do mito* (1980), explica o mito como expressão simbólica, por imagens, de valores. Expressão esta com forte conotação afetiva, o que caracteriza o seu poder de sedução. Antonia Silva de Lima (2003) contribui com a tese de que as narrativas míticas amazônicas são expressão de uma realidade primeira de relevância única e condição para “[...] garantir o processo de reconhecimento do *sujeito* amazônico em sua singularidade” (p. 68).

Trazemos Basarab Nicolescu (1999 e 2000), para quem essa visão comporta uma atitude de abertura frente ao mito e àqueles que o respeitam com espírito transdisciplinar. Edgar Morin (2005), que, ao defender uma postura diferente diante dos exageros da sociedade do conhecimento, incita-nos a uma revisão das nossas práticas pedagógicas diante da necessidade de situar a importância da educação no contexto dos desafios e incertezas de um mundo globalizado e, ao mesmo tempo, ameaçado pela ação do próprio homem. Severino Antônio (2002), apostando no resgate da poesia, da sensibilidade e do sagrado enquanto possibilidades outras de educação.

Oferecendo importante contribuição quanto à leitura e produção de textos no ensino fundamental, e, de modo mais específico, quanto à construção de textos

narrativos Beatriz Citelli (2001) e Salvatore D'Onofrio (1999). Ingedore V. Koch (1994) contribuem quanto às bases de análise quanto à lingüística textual. Ainda quanto aos aspectos lingüísticos do texto, encontramos em Maria da Graça Costa Val (1999 e 2002), suporte para a compreensão e análise da competência textual dos sujeitos em questão.

CAPÍTULO 1

1 – EDUCAÇÃO E MITO

Mas o educador pode sonhar e construir a utopia. A utopia e o sonho manifestam-se na transcendência, no cuidado para com a parte sadia do homem, com a dimensão luminosa que nos habita (GUERREIRO, 2003, p. 8).

Nesse trabalho, enfocamos a educação na perspectiva da valorização dos saberes tradicionalmente construídos. Isso comporta uma atitude de abertura e de reconhecimento desses saberes, essencialmente presentes nas narrativas míticas encontradas em todas as culturas, dentre os quais, destacamos aqueles presentes nas lendas amazônicas.

Partimos do pressuposto de que essas narrativas, embora localizadas numa região específica, a Amazônica, podem auxiliar-nos, ensinante e aprendente, na compreensão de que nosso destino, enquanto seres humanos, vai muito além das realidades étnicas ou geográficas. A preservação da Amazônia passa, também, pela identificação e preservação do patrimônio cultural advindo das comunidades primitivas que habitavam a região, desde muito antes dos portugueses aportarem no litoral e estabelecerem o seu domínio. Esse patrimônio se constitui na herança que o passado nos legou, não somente a nós, amazônidas, mas à humanidade enquanto comunidade habitante da Terra. Se hoje o equilíbrio planetário se encontra

ameaçado de morte “[...] somente a consciência comunitária pode conduzir a Humanidade a uma comunidade de vida” (MORIN, 2005, p. 14).

As narrativas míticas amazônicas falam de vida, ensinam a vida, explicam o surgimento de diferentes manifestações da vida. Por meio delas a educação pode vislumbrar aprendizagens do humano, ir se inteirando da aprendizagem mais profunda e que realmente interessa: conhecer o humano, o mundo humano. Entendemos que, ao longo do ensino e aprendizagem dos conteúdos ensinantes e aprendentes exercitam essa aprendizagem. Importa, portanto, investir numa educação voltada para uma nova ética na qual a vida seja, de fato, defendida, preservada e promovida.

No diálogo entre ciência e tradições, resgata-se a concepção de que o homem “constitui uma unidualidade cérebro-espírito, na qual tudo o que afeta o ser, afeta o espírito, e tudo o que afeta o cérebro-espírito, envolve também o ser” (MORAES, 1997). Nessa ótica podemos situar a importância, para a educação, do resgate do Sagrado e, nele, da busca pela nossa sacralidade original. O homem arcaico encontrava essa sacralidade no mito revivido no rito, pela celebração periódica, o que permitia a aproximação, ou, o não distanciamento, do seu ser físico com a realidade metafísica.

A educação nos permite valorizar a intuição, a emoção, a razão e a sensibilidade, acolhendo a humanidade em sua totalidade. Sob este prisma, a atuação do educador/ensinante pode adquirir uma dimensão mais ampla, pois, através dos conteúdos trabalhados, possibilita ao aprendente e ao ensinante o contato com a vastidão e o mistério do ser humano, com as certezas e incertezas do conhecimento, com os erros e as ilusões de nossa racionalidade. (GUERREIRO, 2003).

A Carta da Transdisciplinaridade, adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, em 1994, ressalta, no seu artigo 11, que uma educação autêntica deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar em lugar de privilegiar a abstração no conhecimento. (NICOLESCU, 2000, p. 180). Essa perspectiva de educação implica na abertura para um ensino contextualizado e pautado nas experiências de vida, despertadas pelas diversidades de culturas, saberes, práticas e fazeres humanos. Significa, também, que educação requer investimento na construção da pessoa, assegurando-lhe a possibilidade de máximo desenvolvimento de suas potencialidades.

Ao ocupar-se da formação da pessoa, a educação se ocupa, também, da construção da cidadania, da formação do homem na sua integralidade, de modo a oferecer suporte para que este venha a tornar-se alguém integrado nos diferentes aspectos da sua vida.

Para Hélène Trocmé-Fabre (2004), a transdisciplinaridade é o reconhecimento da existência de vários níveis de realidade regidos por lógicas diferentes. Neste sentido o mito se impõe por seu caráter formativo, de modo amplo e abrangente, em cuja perspectiva, acreditamos ser possível desenvolver um trabalho que se pretende constituir em mais uma iniciativa de valorização e reconhecimento dos saberes tradicionais presentes na tradição oral amazônica.

1.1 – A Narrativa Mítica

Mitos são narrativas orais que traduzem a cultura de um povo. Possuem uma linguagem específica e uma maneira peculiar de exercitar o pensamento e expressar idéias. Joseph Campbell (1990) apresenta o conceito de mito como sendo uma narrativa construída para orientar a vida e indicar valores, organizar um senso de

espaço e continuidade, mas também para organizar uma maneira de agir e de se comportar, expressando, desse modo, uma visão do mundo social e pessoal, representando, portanto, uma cosmologia. Para o autor,

O mito é uma história contada numa linguagem específica que os seres humanos inventaram para si mesmos. Contar um mito, uma parte do organismo pode falar com outra e os indivíduos podem partilhar as suas experiências internas com as pessoas a sua volta. O mito é uma maneira de perceber os mundos interior e exterior. O corpo organiza a sensação que emerge do metabolismo tissular e isso é o que chamamos de consciência. Esse processo somático é a matriz para as histórias e imagens do mito (p. 27).

O Brasil se constitui a partir da diversidade cultural dos povos que aqui se encontravam muito antes da chegada dos portugueses. Cada um desses povos encontra sua maneira própria de interpretar o mundo, com seu modo específico de atribuir significado a suas experiências de vida, a fenômenos da natureza ou da realidade social, às condutas dos animais e também das pessoas.

Há modos diversos de compreender o mundo e de dar significado às coisas e aos eventos naturais constituintes do fazer cotidiano de um povo (NASCIMENTO, 2007, p. 47). Entretanto, existe um elemento comum entre os humanos que é a memória mítica, aquela que possibilita, pela narrativa, o resgate da identidade coletiva, o que garante a sua continuidade, o repasse para as futuras gerações.

Embora se possa afirmar que diferentes grupos humanos, naturalmente, interpretam a realidade a partir das suas próprias experiências, também se pode afirmar que algumas maneiras de perceber e interpretar a realidade circundante tal qual se manifesta, são comuns aos povos primitivos.

Eliade (1998, p. 22) afirma que o mito, na concepção e experiência das sociedades arcaicas “[...] constitui a História dos atos dos Entes Sobrenaturais”.

História verdadeira e sagrada. Verdadeira porque se refere a realidades e sagrada porque essas realidades são obras de seres superiores.

Para o autor, mito sempre faz referência à criação de algo; conta como alguma coisa, um ser, uma instituição passou a existir, até mesmo o estabelecimento de uma maneira de trabalhar. O mesmo autor afirma que, por esse motivo, os “[...] mitos constituem paradigma de todos os atos humanos significativos” (p. 22).

O conhecimento do mito possibilita o conhecimento da origem das coisas. Não se trata de um conhecimento parcial, exterior, mas de conhecimento vivido, experiencialmente celebrado por meio de ritual. Poder-se-ia dizer que o mito é passaporte para um conhecimento mais abrangente, que abarca realidades complexas, porém, vividas e celebradas, portanto apreendidas, de modo simples e natural.

O mito é vivência capaz de impregnar pelo poder sagrado do evento celebrado. Daí seu caráter religioso, uma vez que se distingue da experiência comum da vida cotidiana. A experiência ritual, de certa forma, abstrai o indivíduo do tempo cronológico, por meio da evocação e presença dos Entes Sobrenaturais e o torna contemporâneo deles, vivendo num tempo primordial “[...] em que algo de *novo*, de *forte* e de *significativo* se manifestou plenamente” (ELIADE, 1998, p. 22). Também, como afirma Campbell (1992), um ritual é uma organização de símbolos mitológicos; e participando do drama do rito, o homem é colocado diretamente em contato com eles, não como relatos verbais de eventos históricos, sejam eles pretéritos, presentes ou ainda por vir, mas, como revelação, aqui e agora, daquilo que sempre foi e será sempre.

O mito coloca o homem mediante um valor, algo sagrado, capaz de apontar um direcionamento à sua conduta. Neste sentido, para oferecer um modo de compreensão mais claro com relação à natureza e função do mito nas sociedades primitivas, Eliade (1998, p. 23), citando Malinowski, diz que o mito é:

[...] uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas. Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável; ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática [...].

O conjunto de valores ditados pelos mitos de determinada cultura deve ser considerado na especificidade dessa mesma cultura, pois a crença nas histórias míticas se justifica pelo que é condizente com a sua realidade. Nas comunidades primitivas o mito acompanhava cada momento da vivência comunitária ressignificando cada acontecimento: o nascimento, o plantio, a colheita, a chuva, o sol, a vida e a morte. Cada ciclo da existência é vivido e celebrado guiado pelos princípios sagrados do mito.

As narrativas míticas expressam de maneira maravilhosa os atos da criação. Narram como algo passou a existir e pode-se observar nessas narrativas algo de fascinante e encantador, o narrador como que possuído pelo desejo “[...] de dar a conhecer a todos as origens do mundo e ao mesmo tempo de manter permanentemente vivo o momento da criação” (NASCIMENTO, 2007, p. 38). A autora afirma que, “[...] para o homem arcaico a vida seria danificada e vazia sem a linguagem mítica, por isso sem a linguagem não existe o mito e sem o mito a linguagem seria vaga” (p. 36).

Estamos diante da função comunicativa do mito, com a qual revela a excelência da linguagem humana e sua capacidade de manter viva a memória de um povo. O jeito amazônida de manter viva essa memória é tecido de um jeito também muito específico de contar.

As narrativas trazem no seu rebojo algo como que um extremado zelo pela floresta, pelos rios, pelos animais e pelo homem e mulher que habitam esta vasta extensão. Estamos nos referindo a uma extensão mais que geográfica, a uma dimensão que evoca histórias e anseios comuns ao narrador e ao ouvinte, ao homem de ontem, de hoje e de sempre, que vão sendo percebidos e despertados no ato de narrar.

Não raras vezes, ocorre um narrar silencioso, denso de sentido, a lançar um lampejo sobre o inconsciente coletivo, trazendo a tona tantos raios de luz a clarear o entendimento. Talvez essa modalidade narrativa se revele permanentemente intensa, sobretudo naqueles espaços mais próximos à natureza selvagem². Por isso as narrativas míticas são tão contagiantes.

Campbell, num conversa com Bill Moyers, em sua obra “O Poder do Mito” (1995) diz que o mito é a chave para a nossa mais profunda força espiritual, é força capaz de nos levar ao maravilhamento, à iluminação e até ao êxtase.

A nossa região é a grande narrativa mitológica que atrai, provoca a introspecção, é capaz de possibilitar o contato com a essência da vida, com a espiritualidade, com a transcendência.

Encontramos, nas lendas amazônicas, uma riqueza de linguagem variada, e, essa variedade, compõe o linguajar próprio que o indígena e o caboclo têm de contar como as coisas aconteceram num passado distante. Nesse sentido, a região

² A palavra *selvagem* aqui é entendida no seu sentido mais natural, ou seja, relativo à selva, à grande extensão de floresta inexplorada pelo homem dito civilizado.

Amazônica possui uma gama de lendas que relatam o surgimento de alguma realidade: de um rio, de uma planta, de um animal, de um peixe, de alimento, de fenômenos naturais, como é o caso da Lenda da Noite. Algumas lendas abordam a temática do encantamento, já outras, a temática do renascimento. No rol destas últimas encontra-se a Lenda da Mandioca, que, reescrita pelos aprendentes se constitui na fonte textual dos dados da pesquisa.

1.1.1 – Mito e Oralidade

Adentrar o espaço mítico não é tarefa fácil, sobretudo aos neófitos. Lembra, de certa forma, a situação de Moisés ao aproximar-se da sarça ardente. Algo envolto em mistério, que encanta, traz o novo, o diferente, o que parece inexplicável, mas ao mesmo tempo tranquiliza e esclarece. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés, descalça as sandálias; porque o lugar onde te encontras é uma terra sagrada”.³

Eliade (1998) afirma ser difícil encontrar uma definição de mito que fosse universalmente aceita, independentemente do nível de instrução e conhecimento teórico. Para ele “[...] o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (p. 11). E nos agracia, em seguida, com sua clássica definição de mito:

³ cf. Ex. 3,5.

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido num tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo, pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a sobrenaturalidade) de suas obras.

O autor afirma que o mito conta, por meio da narrativa as epopéias heróicas e é povoado por seres sobrenaturais. A narrativa tem o poder de encantar, construir internamente, naquele que ouve e naquele que narra, uma nova realidade, ou melhor, permite que uma realidade primeva se torne nova cada vez que é contada de novo. Um acontecimento primordial é atualizado pela palavra que narra. Por isso o mito não morre, mas torna-se vivo pela ritualização. Nesse processo, a memória exerce papel fundamental, “[...] é considerada o conhecimento por excelência [...]” (p. 83); e mais, “Aquele que é capaz de recordar dispõe de uma força mágico-religiosa ainda mais preciosa do que aquele que conhece a origem das coisas” (p. 83).

A magia da tradição oral, veículo dos mitos que chegam até nós com força de novidade, energia capaz de identificar o homem com sua cultura ancestral e ao mesmo tempo projetá-la para as futuras gerações, ao tomar a forma de registros escritos não perde o encanto característico da oralidade, ao contrário, ganha nuances novas e se transforma em matriz geradora tanto para narrativas que retomam a sua origem oral quanto para narrativas escritas que se multiplicam pela imaginação criativa daqueles que nelas se identificam. “[...] estamos diante de expedientes capazes de ajudar a constituir ou reconstituir experiências, indagações, desejos, projeções, utopias etc., do ser humano” (CITELLI, 2001, p. 105).

Nas culturas arcaicas, o cultivo da memória enquanto capacidade de recordar significava poder. Hoje não é diferente. Aquele que recorda dá demonstração de que sabe. Recordar é garantir a perpetuação da história pessoal e coletiva através da memória que permite a releitura e, portanto, possibilita correção e redirecionamento onde e quando for necessário.

No seu aspecto simbólico, o mito é compreendido como elemento integrador dos diferentes saberes e da constante busca do ser humano por compreender a polissemia do existir. Para Eliade (1998, p. 8), “[...] o mito é ‘vivo’ no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significado e valor à existência”.

O mito nos leva a fazer uma viagem à infância em busca do ser primitivo que precede o estágio no qual somos introduzidos ou reconhecidos como adultos. A criança é o homem mítico. A cada criança que nasce o mundo renasce. A cada nova vida humana um novo verbo se faz carne, porque a vida se pronuncia proclamando o início e começa uma nova narrativa frente a homens e mulheres, extasiados ante a inexplicável fragilidade e grandeza de um recém-nascido. Uma hierofania que também precisa ser resgatada como tal, pois, se no dizer do autor, “[...] o sagrado se opõe ao profano” (1998, p. 25), o lugar onde habita uma criança se constitui em espaço numinoso.

Freqüentemente, escondemos ou camuflamos a nossa criança interior, porque nossa cultura separa o que é coisa de criança e o que é coisa de adulto, o que é comportamento infantil e o que é comportamento adulto. Não estamos aqui fazendo apologia à eterna puerícia, mas afirmando a importância da manutenção e do resgate da fantasia - berço da criatividade - da transparência do olhar e do sentimento de solidariedade tão natural às crianças. Cada um de nós é, por

essência, um ser mítico, não raras vezes surpreso com a rica herança cultural acumulada, vivida, celebrada.

Campbell (1999) fala-nos das fantasias que guardamos da infância e que buscamos encontrá-las nas histórias, em ações ritualizadas que nos trazem à lembrança tais imaginações. Essas fantasias, muitas vezes, constituem-se num refúgio poderoso, no qual o homem e a mulher encontram o segredo para a superação das inúmeras provas que no cotidiano se lhes interpõem. Para o autor:

[...] a fantasia é uma garantia – uma promessa de que a paz do Paraíso, conhecida pela primeira vez no interior do útero materno, não se perderá, de que ela suporta o presente e está no futuro e no passado [...]. Tendo respondido ao seu próprio chamado e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as conseqüências, o herói encontra todas as forças do inconsciente do seu lado. Mãe Natureza, ela própria, dá apoio à prodigiosa tarefa (p. 76).

Nessa dinâmica, uma história puxa outra história, da mesma forma como os galos tecem o amanhecer e o eco do seu canto garante a continuidade do ato de cantar, que, por sua vez, assegura a sucessão das auroras, conforme o atesta o poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto⁴ (1979, p. 17).

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe o grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seu grito de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
Que, tecido, se eleva por si: luz balão.

⁴ Poeta pernambucano que marca a poesia na Terceira Fase do Modernismo no Brasil. Suas obras alternam a densidade do valor simbólico e a crítica social.

O poema acima reflete a dimensão coletiva dos atos naturais e humanos. Há um encadeamento regido por uma lei natural maior a cuja desobediência produziria a desestruturação do todo, o caos. Essa mesma lógica é encontrada na narrativa mítica ao cumprir uma função advinda de um simbolismo por meio do qual representa uma ressignificação interna, como a individuação, nos contos de fadas, possibilitando uma ampliação do conhecimento do sentido existencial (FRANZ, 2003).

O simbolismo imanente no mito permite o encontro da consciência individual com uma realidade meta-humana, um saber mais antigo que o homem. César Marcondes (1980, p. 84), denomina esse encontro de “epifania do Ser”. Esse dinamismo implica na participação do homem na construção cultural do ambiente em que vive ao mesmo tempo em que sofre as influências culturais desse meio (NOVASKI, 1980, p. 25).

Com relação à função do símbolo, no sentido etimológico, Roberto Crema⁵ apresenta uma explicação que nos ajuda a compreendê-lo no modo como é empregado nesse trabalho, ou seja, de vincular, unificar.

Como o paradigma do racionalismo científico é, inerentemente, analítico, houve uma hipertrofiada utilização deste método de decomposição e de fracionamento sistemático do todo em suas partes e de redução dos fenômenos ao seu aspecto causal. Este caminho *diabólico* – de *diabolos*: o que divide – precisa ser complementado pelo *simbólico* – de *symbolos*: função do sagrado, que vincula e indaga pelo sentido. Portanto, a unidade aberta do mito e do rito, para ser compreendida de forma abrangente e plena, precisa ser submetida a esta dupla metodologia, da fragmentação analítica e da revinculação simbólica.

Num momento histórico marcado pela fragmentabilidade e pela transitoriedade dos saberes e das relações, buscamos uma aprendizagem a partir

⁵ Fonte: http://dialogosdosser.com/artigos/roberto_artigos/artigos_06.pdf. MITOS E RITOS BREVE RESENHA Roberto Crema.htm.

de processos emancipatórios cooperativos acreditando na possibilidade de construir formas não fragmentadas de aquisição do conhecimento, não negando as bases sobre as quais a educação está assentada desde séculos, mas apostando na possibilidade de reinventá-la a partir de experiências comuns, e que, de alguma forma, pautam o nosso modo de ser na história.

O homem e a mulher, amazônidas que brotaram deste chão ou que aqui vieram para deste mesmo chão nutrirem a sua carne e seu o saber, portanto sentados à mesa comum, cumprem um intransferível destino: dar continuidade às narrativas que compõem a síntese do conhecimento mítico milenar daqueles que nos precederam em outras auroras. Desse modo, cabe à educação reinventar a arte de narrar os fatos grandiosos dos tempos fabulosos dos começos, para que as crianças do presente sintam-se ligadas, por um radical comum, às diferentes etapas pelas quais passou a humanidade.

Segundo Lima (2003, p. 175), “A instituição escolar ainda está distante do acervo cultural das lendas amazônicas, riqueza da literatura e da tradição oral esquecida na memória daqueles que são os responsáveis pela formação cultural das futuras gerações”. A educação não pode deixar de considerar este importantíssimo instrumento de incentivo ao desenvolvimento da imaginação e da criatividade do aprendente. Um meio de fazê-lo é o desenvolvimento de atividades didáticas que valorizem essa modalidade literária na escola.

1.1.2 – Narrativa Mítica e Produção Textual Escrita

De acordo Antônio Severino (2002, p. 61), a “[...] concepção transdisciplinar, não se limita apenas ao conhecimento, mas se revela uma nova compreensão da natureza e do homem”. Isto nos leva a considerar que o processo de aprender e de

ensinar representa, nessa perspectiva, um encontro entre os saberes e, principalmente, funda-se na lógica dos viventes, nos seus contextos diferenciados, portanto, em suas formas de aprendizagens múltiplas, das quais, o texto escrito, além de se constituir em uma das variadas formas de aprendizagem, é elemento imprescindível na veiculação do conhecimento. Dessa forma, o exercício da produção textual é compreendido como expressão da identidade individual e coletiva porquanto vai conferindo consistência ao desenvolvimento cognitivo do aprendente, conforme Hélène Trocmé-Fabre (2004, p. 21), para quem educar é revelar ao aprendente todo o seu potencial criativo e criador,

A linguagem oral escutada pelo ouvinte e a linguagem escrita, lida pelo leitor, ao mesmo tempo constrói e resulta da complexidade do acoplamento do nosso sistema perceptivo e de nossas ações no mundo. Escutar é criar e se criar, compreender e se compreender. Ler é descobrir e se descobrir [...], interpretar e se interpretar.

Nesse aspecto, a autora propõe uma aprendizagem pautada no saber-aprender, segundo o qual os seres humanos nascem para aprender, portanto, são portadores de um potencial de aprendizagem, que se faz a partir de adaptação e de organização. Cabe, pois, aos ensinantes, “revelarem ao aprendente o seu próprio potencial de aprendizagem, as potencialidades de atualização, e de estabelecer relações que nós possuímos enquanto seres vivos” (TROCMÉ-FABRE, 2004, p. 13). Segundo a mesma autora,

Para compreender o aprendente em seu itinerário, para segui-lo em seu percurso, durante o qual ele se constrói instante após instante, nós temos a necessidade de interrogar a vida em sua pluralidade, de nos pormos à escuta das ciências do vivo e, em particular, da **lógica do vivente** [...] (p. 15). (grifo nosso)

Esse processo implica em assegurar a continuidade e a historicidade do aprendente, ou seja, sua aprendizagem biográfica. Devem-se considerar suas

etapas biológicas sem desvinculá-las de seu contexto cultural e de seu meio ambiente. Compreende-se, assim, que aprender é um processo de transformação e, portanto, intervém na duração, preenchendo uma função de crescimento e de desenvolvimento.

Concebemos, nessa dinâmica, um duplo movimento no qual a disciplina da audição casual ou intencional está diretamente associada ao exercício da produção, posto que se trata de um modo específico de trabalhar pedagogicamente a produção textual escrita. Nela, as narrativas míticas, naturalmente presentes na tradição oral, constituem-se em elemento essencial do gene criador.

Segundo Eliade o mito apresenta três funções básicas que são exercidas simultaneamente. São as funções de contar, explicar e revelar: “[...] mas o mito da origem da morte conta o que aconteceu in *illo tempore* [...]”, (ELIADE, 1998, p. 16); “[...] e, ao relatar esse incidente, explica porque o homem é mortal.” (p. 16); “O conhecimento dessa realidade revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais, indicando-lhe o modo como deve executá-los.” (p. 23). (As palavras foram destacadas por nós). O autor enfatiza essa tríplice função, exemplificando:

De modo análogo, uma certa tribo vive da pesca, e isso porque, nos tempos míticos, um Ente Sobrenatural ensinou seus ancestrais a apanhar e a cozer os peixes. O mito **conta** a história da primeira pescaria, efetuada por um Ente Sobrenatural, e dessa forma **revela** simultaneamente, um ato sobre-humano, ensina aos homens como devem efetuá-lo por seu turno e, finalmente, **explica** porque essa tribo deve nutrir-se dessa maneira. (p. 16) [grifos nossos].

Nessas três funções do mito situa-se a sua intrínseca natureza educativa. Implicitamente, também, pode-se detectar a função potencializadora da capacidade cognitiva e expressiva do aprendente, possibilitando, assim, maior compreensão da sua realidade subjetiva e da experiência do seu meio sócio-cultural.

O estudo da língua permeia todas as áreas do conhecimento. Através dela nos comunicamos oralmente e por escrito, expressamos nossas crenças e valores assimilados da tradição oral. É ainda a língua que, nos textos orais e escritos, possibilita a expressão de uma postura transdisciplinar subjacente na complexidade das relações implicadas nos processos de aprendizagem. Desta forma o ensino e aprendizagem (entendemos que o professor aprende enquanto ensina e o aluno ensina no processo de aprender) da Língua Portuguesa encontram, no texto narrativo, importante aliado para a expressão criativa dos aprendentes, conforme afirma Citelli (2001, p. 105):

Coisa dos homens no mundo dos homens, a narrativa tem seu jeito de contar a aventura humana, quer diminuindo a pressão sobre os signos conotativos, intensificando, portanto, o 'efeito de realidade', quer pressionando os mecanismos de linguagens capazes de alcançar os efeitos de sentido buscados.

Importa considerar também que a compreensão semântica do texto supõe sensibilidade, posto que a vida e as relações que a tornam possível são representações textuais que implicam na dinâmica da construção humana. Nesse sentido, as narrativas míticas permitem trabalhar a capacidade criativa do aprendente, por meio de um processo de ensino e aprendizagem da produção textual que valorize a sua tradição cultural. Essa tradição encontra-se vivamente presente nos mitos e lendas, o que representa a possibilidade de tomar contato com a fonte, com tudo aquilo que esta significa em termos de valores, crenças, orientação, explicação de fenômenos, de manutenção da memória.

A experiência de leitura e produção de textos de natureza mítica conduz o aprendente a um contacto com sua natureza ontológica. Leva-o a visualizar o texto e a si mesmo mais amplamente e assim deduzir novas interpretações, ou ainda, recriá-lo/recriar-se e apresentá-lo/apresentar-se à existência com aporte novo,

capaz de descobrir e expressar valores construtores de cidadania. Assim, a narrativa oral, enquanto veículo da tradição de um povo, se constitui, em elemento primordial na construção de aprendizagens significativas. Um trabalho de produção textual que ousa trazer à discussão, à reflexão e compreensão, o cenário representacional mitológico regional, busca, na cultura, uma ressignificação simbólica da própria identidade do aprendente e das relações sociais do seu meio.

Essa busca se constitui, não em algo momentâneo, mas numa constante, na cadeia de significados que entrelaça o cotidiano das relações de determinada sociedade. Dessa forma, o conteúdo a ser registrado graficamente, no exercício da produção textual escrita, passou, antes, pelo registro psíquico do portador ou dos portadores do legado mítico que, nessa proposta de produção textual, resulta em algo novo, porque cada aprendente projeta no texto o seu jeito pessoal de representar determinada lenda. Assim os significados vão sendo construídos e se ajustando a atuais possibilidades de assimilação e acomodação. Um novo ciclo se estabelece e, ao presente, cabe garantir a continuidade da narrativa, herança dinâmica de um tempo primordial extremamente fecundo.

A garantia de que as narrativas tradicionais de um povo não se perderão reside no ato de contá-las, oralmente, ou por escrito. Para Citelli, (2001, p. 106), “A constituição dos elementos da narrativa passa por alguém - o narrador - que pode acentuar ou arrefecer uma idéia, velar ou desvelar situações e personagens”. É nesse rico movimento que os significados vão sendo construídos e as seqüências narrativas compondo quadros, com maior ou menor semelhança com outras tanta versão, porque as narrativas míticas ganham vida e, sendo assim, não podem ser aprisionadas.

Portanto, consideramos as narrativas míticas regionais suporte transdisciplinar para a produção textual escrita porque expressam realidades profundamente arraigadas na cultura regional tal como o caráter sagrado dos fatos narrados, as vozes polissêmicas que delas ecoam, o fortalecimento das relações sociais, um modo de ser que pauta o cotidiano dos diferentes grupos. Mas, sobretudo, porque contam como as coisas aconteceram no seio dos mais diversos grupos humanos desde um tempo remoto. Porque, por meio do texto mítico, o aprendente encontra um modo peculiar de contar a sua própria história, a história do seu ambiente cultural.

No texto de natureza mítica o aprendente pode encontrar-se com o seu passado, redimensionar o seu presente e, neste movimento, amadurecer para o futuro. Nesse sentido, o discurso narrativo é entendido como construção, a partir de uma linguagem que tem suas particularidades, uma das muitas janelas para se ver o mundo e o coração dos homens (CITELLI, 2001, p. 106).

Navegando no caudal das possibilidades de expressão da criatividade inerentes ao homem e à mulher amazônicas, Wanzeler (2002, p. 105), aposta nas manifestações culturais amazônicas como fonte de criatividade para as diferentes modalidades de expressão, por sua abrangência e envolvimento do ser humano com o cosmos, revelando a ele uma tríplice dimensão: natural, sagrada e profana, ao afirmar que:

A cultura amazônica é polissêmica e, dentro dos espaços por onde ela se manifesta, existe uma relação mítica e contemplativa, que permite a ligação do homem com a natureza, com o sagrado e com o profano, bem como revela um sentido espiritual e identitário que dão origem à criatividade de suas manifestações.

O desejo e a busca da imortalidade que acompanham o ser humano desde os estágios mais primitivos de sua existência ressurgem e permanecem no mito e dele se

alimenta a cada nova narrativa. Ao passar do estágio de consciência mítica para a consciência histórica a humanidade não rompeu com a sua origem mais remota, e isso, de certa, forma se manifesta no fato de que o homem vive em permanente estado de busca, quem sabe de algo que preenchesse o vazio existencial deixado para trás junto com aquele estado simbiótico com a natureza, em seu estágio edênico.

O texto é ferramenta indispensável na vida de todo indivíduo, pois extrapola os limites do puramente gráfico, construído com os recursos que o processo de alfabetização e letramento proporcionam. Além disso, a compreensão semântica do texto supõe a educação da sensibilidade, posto que a vida e as relações que a tornam possível são representações textuais que implicam na dinâmica da construção humana.

Para Lima (2003, p. 181), a dinâmica da produção ou reprodução textual implica, para o aprendente, numa apropriação de instrumentais comunicativos, seja do plano da oralidade ou da escrita, que envolvem os diferentes níveis da aprendizagem.

No processo de construção de uma história, ou mesmo de reprodução de uma já ouvida ou lida, os alunos agem, tomando para si os instrumentais do plano da linguagem escrita e oral (recorrem a marcadores conversacionais para dar seqüência às idéias), da memória, do pensamento lógico temporal, da atenção, da assimilação, da capacidade criadora, da forma de estruturar o pensamento, da capacidade de comparar, sintetizar, correlacionar e fazer analogias. Desenvolvem uma narrativa que se revela no processo da estruturação do texto, num encadeamento lógico e seqüencial dos passos da história.

Ainda Lima (p. 168), diz-nos que “a atividade criadora representa uma realização humana que resulta em algo novo”. Segundo a autora, o aprendente reproduz uma história partindo de uma reelaboração interna compondo-se, necessariamente, de elementos novos que estariam passando por um processo de

sedimentação, de modo que tudo o que o aprendiz registra nos seus textos está vinculado à relação realidade e fantasia e vice-versa.

A reprodução escrita de textos de natureza mítica oportuniza aos aprendentes, a experiência, envolta na ludicidade, de realidades vivenciadas pelas personagens das narrativas e a identificação, de um modo ou de outro, com essas personagens. O registro escrito passa a ser, então, a reprodução de uma experiência a nível subjetivo. Nesse caso o recurso gráfico vai sendo produzido à medida que o aprendiz dá vazão à criatividade, numa seqüência coerente de palavras.

Sabemos que a atividade de escrever textos não depende apenas da criatividade das idéias, mas sim, do como transportá-las para o papel ou para a tela do computador. Por esse motivo, sempre que nos referimos à produção textual escrita, nesse trabalho, empregamos a expressão *exercício de produção textual escrita*. Esse exercício comporta disciplina do pensamento, o gosto pela reflexão e sem dúvida, opção pela leitura, ainda que seja aquela preparatória para compor um texto sobre determinado tema.

Para ser leitor não é preciso ser escritor, mas, para escrever é imprescindível a leitura, pois ela fornece provisão de idéias que poderão ser processadas e transformadas textos importantes, conforme diz Othon Garcia (1998, p. 291):

[...] aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar idéias e a concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não se providenciou.

Reconhecemos que essa tarefa requer permanente exercício, independentemente da fase em que o aprendiz se encontra, se no início ou no final do Ensino Fundamental, no ensino Médio, na Universidade ou na Pós-

Graduação. Daquele que está na posição de aprendente espera-se, também, que assuma uma postura humilde ante o aprendiz, sob pena de ver seu progresso truncado.

Autores consagrados afirmam que escrever é trabalho árduo que requer método e persistência (SENA, 2005 p. 16). Entretanto, a produção textual escrita que aqui se pretende, não é aquela isenta de imperfeições, mas aquela plena de intenções e desejos de registrar uma narrativa que tenha algo de verdadeiro a dizer, porque se apóia em histórias verdadeiras e sagradas para si e para o seu entorno cultural. Essas produções escritas apóiam-se em registros na memória, para muitos, desde os primeiros anos de vida, pois se trata de histórias veiculadas, oralmente, no seio comunitário.

Diante disso, faz-se necessário que o ensinante adote uma postura de acolhimento e valorização do aprendente, na qual subjaz a confiança de que necessita para continuar com segurança seu itinerário de formação. O aprendente do qual o texto é visto e acolhido como obra inacabada, passível de aperfeiçoamento, e que compartilha desse olhar, tem grandes chances de vir a ser bem sucedido em atividades que envolvam a escrita, porque vai aprendendo num processo no qual a interação e o sentido de aprendizagem se constroem de modo natural.

É importante lembrar que, em se tratando de situações de produção textual escrita, no contexto de aprendizagem escolar, cabe ao ensinante, orientar, e, ao aprendente, dispor-se à orientação, de modo a se obter um texto bem elaborado, tanto do ponto de vista gramatical quanto lingüístico. No entanto deve ser respeitado o tempo de maturação individual, pois se trata de um processo no qual entram jogo

fatores complexos como o amadurecimento neuropsicossocial, além de um relativo conhecimento do tema a ser tratado.

Nesse trabalho já reafirmamos a convicção de que as narrativas míticas contribuem, de modo significativo, para o aprendizado da produção textual escrita, no Ensino Fundamental. Nessas narrativas encontram-se possibilidades de aprendizagens com as quais a escola, o aprendente e o ensinante poderão se enriquecer muito, além de contribuírem para a continuidade desse legado extraordinário, presente na nossa tradição oral.

1.1.2.1 – *Produção Textual*

Sendo o texto narrativo a matéria-prima para o nosso trabalho de pesquisa, entendemos ser pertinente, aqui, um estudo referente à produção textual. Partimos da idéia de que “[...] o texto ou discurso pode ser definido como ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal” (COSTA VALL, 1999, p. 3). Ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não apenas uma seqüência de frases, a autora denomina de textualidade.

Dentre os fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer, Costa Vall (1999, p. 3), aponta a coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e lingüístico do texto. E sena (2005), acrescenta a esses fatores a unidade, formando, assim, a tríade das qualidades internas necessárias para que um texto seja classificado como bom. Para o autor, o problema das regras gramaticais pode ser resolvido através de consultas a um compêndio gramatical, sendo que um bom texto tem “[...] alma, tem vida, tem lógica, tem expressividade, tem emoção e se alicerça em tantas outras qualidades [...]” (p. 90).

Dessa forma, a textualidade, qual harmonia da palavra, diz e encanta ao dizer, despertando a sensibilidade do leitor para a beleza subjacente à morfologia e à sintaxe e descortina o vasto campo das possibilidades semânticas contidas na língua e na linguagem. No entanto, para que um texto seja aceito como coerente é preciso que apresente configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor, pois, como afirmam os autores, a coerência é responsável pelo sentido global do texto, que não tem significado por si mesmo. O sentido do texto é construído tanto pelo produtor quanto pelo leitor, destinatário do texto, ou receptor. Dessa forma, a lógica interna do texto constrói a rede de relações que se estabelecem entre o mundo conceitual do produtor e do receptor.

Do ponto de vista lingüístico, fatores como a coerência e a coesão são responsáveis pela condução da seqüência lógica das idéias expressas no texto. Utilizando-se de mecanismos gramaticais e lexicais, promovem a inter-relação semântica entre os elementos do discurso, respondendo, assim, pelo que a autora chama de conectividade textual (COSTA VALL, p. 6). Essa conectividade é percebida através da presença daquele fio condutor das idéias, conferindo unidade ao texto, que é obtida por meio de alguns recursos coesivos específicos que têm, por finalidade, o estabelecimento de elo entre os chamados elementos textuais. Esse elo é o responsável pelo nexos entre as idéias do texto (SENA, 2005, p. 98).

O domínio dos recursos da escrita se adquire no uso e na reflexão sobre o uso no qual o ensinante se articula de modo a valorizar o saber lingüístico do aprendente. Seu objetivo deve ser a criação de situações em que os aprendentes possam, a partir do que sabem e de seus vínculos sociais, desenvolver habilidades lingüísticas, principalmente aquelas ligadas à capacidade de escuta, à leitura, à escrita, e às situações de fala orientada pela escrita.

Entendemos que o aprendente que opera com competência o discurso, na idade e no ano em que se encontra, é capaz de, em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos bem formados, apoiando-se em capacidades textuais básicas. Segundo Travaglia (2001, p. 18), isso significa ser capaz de parafrasear textos e reconhecer diferentes tipos de textos, dentre outras habilidades textuais. Interessa-nos, nesse trabalho, que o aprendente reconheça e revele competência em produzir texto narrativo, a partir de textos veiculados pela oralidade.

CAPÍTULO 2

2 – O MITO ALIMENTA A EDUCAÇÃO NUMA CUIA NARRATIVA

“[...] essa história primordial, dramática e algumas vezes inclusive trágica, deve ser não só conhecida, mas também continuamente rememorada” (ELIADE, 1998).

2.1 – Mito e Lenda

Cada vez que um povo volta os olhos para as suas origens encontra, em lugar de fatos documentados, registrando historicamente os acontecimentos importantes e significativos que construíram seu passado, as narrativas míticas e as lendas. Essas narrativas formam a cultura de uma comunidade e podem ser a chave para as buscas do homem contemporâneo. Se as vivências que marcaram a gestação e a infância de uma pessoa são determinantes para sua conduta e mesmo para a felicidade na fase adulta, poder-se-ia afirmar, também, que o empreendimento na busca de conhecer as origens de uma sociedade é ‘determinante para a sua compreensão no presente, e até mesmo para a aceitação de determinadas características coletivas e pessoais construídas ao longo do tempo.

Essa idéia nos permite reiterar, uma vez mais, a convicção de que atividades relacionadas à produção textual, tendo como referência as narrativas míticas

regionais, trabalham, paulatinamente e de modo profundo, questões ligadas à identificação com a cultura de origem. É comum encontrarmos pessoas, sobretudo de origem interiorana, adotando uma postura de maior valorização de costumes, por exemplo, da capital, ou mesmo importados de outras regiões do país. É importante que o aprendente desenvolva a consciência de que o patrimônio de maior valor de sua região é o ser humano que nela habita.

A lenda se fixa numa visão mais direcionada, determinada em uma comunidade. Seus elementos são da própria vivência e experiência dos sujeitos, das populações, para os quais adquire uma significação que lhe é específica, pelo fato de estar intimamente ligada à realidade do local onde surgiu. A lenda, além de constituir narrativa mítica, também compõe todo um cenário local ou regional. É uma tela composta de elementos que nos revelam a especificidade cultural e a riqueza simbólica de determinado local. Está de tal forma ligada ao local de origem que, ao ouvi-la ou ao lê-la, facilmente se pode identificá-lo.

Tanto a o mito quanto a lenda são narrativas populares de caráter “maravilhoso”, que se referem a fatos ocorridos em lugares e tempos diferentes e distantes, entretanto o mito, por seu caráter universal, é marcado por um sentido mais abrangente, sendo que ocorrem diferentes narrativas sobre os mesmos personagens mitológicos ou sobre personagens mitológicos semelhantes, enquanto a lenda, como já afirmamos, “[...] está associada a determinado lugar e/ou a determinado tempo passado” (FILHO, 1986, p. 49). Para o mesmo autor, “[...] lenda, mito e rito, dão coerência interna à cultura de uma coletividade, quando lhe faltam elementos científicos para certos problemas ou fenômenos observados” (p. 49).

A tradição oral amazônica elenca inúmeras lendas destinadas a explicar o surgimento de realidades específicas, como a noite, o pirarucu, o cupuaçu, o

guaraná, a vitória-régia, a mandioca. Lima (2003, p. 69), afirma que “São vários os mitos de origem, compostos da temática de passagem e ressurgimento das profundezas do centro do mundo (*axis mundi*), que apresentam seres ou fenômenos numa nova forma e, portanto, como uma nova realidade”.

Esses mitos só chegaram até nós graças à memória dos povos amazônicos, cultivada no ritual sagrado de contar e recontar. Na tradição oral, a repetição permite lembrar aquilo que deve ser lembrado e aquilo que é digno de ser lembrado. Esse processo se dá de modo natural e contínuo. Para o processo de construção da memória lendária amazônica Lima (2003, p. 70), fala de uma “[...] infatigável e sedutora voz [...]” portadora de autoridade.

A memória lendária dos povos amazônicos traz consigo a força da voz que emana de sua origem sagrada, infatigável e sedutora voz, sempre acompanhada pela autoridade da fala do narrador que conta as proezas dos deuses e dos seres encantados, cujo poder lhes é atribuído, graças às ações transformadoras que fazem surgir realidades novas.

Uma vez mais podemos identificar o caráter educativo das narrativas míticas e a sua significativa contribuição para a educação. Não é o acúmulo de conhecimentos adquiridos ao longo de vários anos de estudos que garante a eficácia da ação pedagógica do educador/ensinante.

Na perspectiva do mito, essa garantia resulta da internalização de um conhecimento que se processa na mente e no espírito, daí a autoridade pedagógica desse processo a contribuir para que a educação seja entendida, também, como possibilidade de desencadeamento de ações transformadoras e que o aprendente perceba e atue no sentido de desenvolver todo seu potencial criativo.

2.2 – A Lenda como Mito de Origem – Explicação da Realidade

O aprendente constrói as imagens através da cultura. Tomemos como exemplo o medo que é, inclusive, uma questão cultural. Ainda pequenina a criança ouve a mãe ou quem cuida dela, cantar, enquanto a embala: “Bicho papão, saia do telhado, deixa esta criança dormir sossegada!”. Essa é uma das inúmeras maneiras que a sabedoria popular encontrou para exorcizar o medo da criança, medo do escuro, do relâmpago, do trovão, da ausência do pai ou da mãe, etc. A lenda, como especificidade cultural, expressão do pluralismo cultural, pode interferir na formação da consciência do aprendente, desde pequenino.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional insiste sobre a importância que a educação deve dar às especificidades regionais. Assim reza o artigo 26:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum a ser complementada pelos demais conteúdos curriculares especificados nesta Lei e, em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

O parágrafo 1º desse artigo fala do ensino da Arte e do seu objetivo de “promover o desenvolvimento cultural dos alunos” e, no parágrafo 4º, diz que “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e européias”. Não será casual a redação do referido artigo colocar matrizes indígenas em primeiro lugar na ordem de registro. As lendas regionais são originárias dessas matrizes e o contato com essa forma de literatura põe-nos em contato com nossas origens.

Um modo possível de evidenciar aspectos significativos da cultura da qual o aprendente é herdeiro, é a utilização de lendas regionais. Elas são um recurso, dentre tantos outros, para o desenvolvimento da aprendizagem da oralidade e da escrita no âmbito escolar. As lendas são ricas em imagens que povoam a fantasia, e a escola pode possibilitar ao aprendente contato com a riqueza existente nelas, uma vez que estas nos ajudam a compreender determinados aspectos da realidade. No dizer de Eliade (2002, p. 86), “Narrando como vieram à existência as coisas, o homem explica-as e responde indiretamente a uma outra questão: por que elas vieram à existência?”.

As lendas estão repletas de entes sobrenaturais nos quais o aprendente pode identificar atividades humanas importantes como a alimentação, a sexualidade, a educação, o trabalho etc. Quando esse ente se comporta como ser humano, pode-se estabelecer uma relação entre o homem e os deuses, pois esse repete seus atos desde quando age por puro instinto, quando de uma função fisiológica como comer, beber ou quando de uma função ou atividade cultural e social.

Assim, por exemplo, o homem é o que é hoje porque há algum tempo atrás uma mulher, uma jovem, uma criança deixou-se sacrificar para que daí surgissem alimentos. De um corpo imolado surgiram árvores frutíferas, tubérculos, peixes, bem como a explicação da sexualidade como único meio de reprodução humana. Esse tipo de simbolismo desempenha um papel fundamental na vida do aprendente, pois graças a ele, “[...] o mundo se torna transparente, suscetível de revelar a transcendência” (ELIADE, 2002, p. 109).

As narrativas míticas mostram o homem em todo tempo e lugar às voltas com a necessidade de acreditar, afirmar ou dar explicação a tudo, de conquistar amparo para as incertezas nas quais se vê, às vezes, perdido. Nesse tipo de literatura a vida

humana não é sentida como breve aparição. A lenda dá a ela explicações assim como o dá também para a morte. Algumas lendas apresentam a morte como um caminho necessário para um ressurgimento. Nesse processo o ser retorna à vida, geralmente, com poderes sobrenaturais, e é este o grande atrativo, o mistério da inegável aparição da vida, a capacidade infinita que o Cosmo possui para se regenerar. É o caso da Lenda da Mandioca.

2.2.1 – A Lenda da Mandioca

A versão da Lenda da Mandioca apresentada aos aprendentes produtores dos textos analisados na pesquisa é a de José Coutinho de Oliveira, considerada, aqui, paradigmática. A essa versão somaram-se as versões orais apresentadas por alguns aprendentes nos momentos que antecederam a produção da primeira versão. No momento da produção das versões subseqüentes foram retomados, oralmente e com a participação dos aprendentes, aspectos significativos da lenda bem como dos momentos constitutivos da narrativa.

Alguns aprendentes apresentaram, nos encontros posteriores, versões pesquisadas por eles na biblioteca da escola, sem que pra isso fossem orientados. No entanto valorizamos a iniciativa uma vez que denotava interesse por conhecer melhor a lenda e as diferentes versões possíveis da mesma, assim como uma salutar preocupação com uma boa produção textual, dentro do que lhes foi solicitado.

Transcrevemos, a seguir, a versão de José Coutinho de Oliveira.

MANDIOCA – O PÃO INDÍGENA⁶

Mara era uma jovem índia, filha de um cacique, que vivia sonhando com um amor e um casamento feliz. Em noites quentes, enquanto todos dormiam, deitava-se na rede ao relento e ficava a contemplar a lua, alimentando o seu desejo de tornar-se esposa e mãe. Porém, não havia na tribo jovem algum a quem daria seu coração.

Certa noite, Mara adormeceu na rede e teve um sonho. Um jovem loiro e belo descia da lua e dizia que a amava. O sonho repetiu-se muitas vezes e acabou por apaixonar-se. Entretanto, não contou a ninguém. O jovem, depois de lhe haver conquistado o coração desapareceu de seus sonhos como por encanto, deixando-a mergulhada em profunda tristeza.

Passado algum tempo, a filha do cacique, embora virgem, percebeu que esperava um filho. Contou então a seu pai o que sucedera; a mãe deu-lhe apoio, mas o severo pai, não acreditando no que ouvira, passou a desprezá-la.

Para surpresa de todos, Mara deu a luz a uma linda menina, de pele muito alva e cabelos tão loiros quanto a luz do luar. Deram-lhe o nome de Mandi e na tribo ela era adorada como uma divindade.

Pouco tempo depois, a menina adoeceu e acabou falecendo, deixando todos amargurados. Somente seu avô, que nunca aceitara a netinha, manteve-se indiferente. Mara sepultou a filha em sua oca, por não querer separar-se dela. Desconsolada chorava todos os dias, de joelhos, diante do local, deixando cair leite de seus seios na sepultura. Talvez assim a filhinha voltasse à vida, pensava. Até que um dia surgiu uma fenda na terra de onde brotou um arbusto. A mãe surpreendeu-se; talvez o corpo da filha desejasse dali sair. Resolveu então remover a terra, encontrando apenas raízes muito brancas, como Mandi, que, ao serem raspadas, exalavam um aroma agradável.

Naquela mesma noite, o jovem loiro apareceu em sonho ao cacique, revelando a razão do nascimento de Mandi. Sua filha não mentira. A criança havia vindo à Terra para ter seu corpo transformado no principal alimento indígena. O jovem ensinou-lhe como preparar e cultivar o vegetal. No dia seguinte, o cacique reuniu toda a tribo e, abraçando a filha, contou a todos o que acontecera. O novo alimento recebeu o nome de Mandioca, pois Mandi fora sepultada na oca.

A narrativa da Lenda da Mandioca *conta*⁷ o que aconteceu: a concepção, envolta em mistério, de Mandi; Mandi era adorada na tribo como uma divindade; sua doença e sua morte; o lamento de Mara que regava a sepultura de mandi com o próprio leite. O texto também diz que o jovem (o mesmo Ente Sobrenatural que aparecera em sonhos a Mara) *explica*, também em sonho, ao Cacique, pai de Mara, a razão do nascimento de Mandi e que sua filha dissera a verdade. Em seguida o jovem *revela*⁸ o motivo de Mandi ter vindo a Terra, ou seja, sua missão: “para ter seu corpo transformado no principal alimento indígena”. Pode-se perceber, de modo bastante didático, diríamos, a natureza educativa e mesmo instrutiva presente na narrativa desta Lenda.

⁶ Fonte: Lenda retirada da obra de José Coutinho de Oliveira, intitulada *Lendas Amazônicas*, 1916.

⁷ Tríplice função do mito (contar, revelar e explicar) citada neste trabalho no item 1.2.2 conforme ELIADE, 1998, p. 16. (O destaque, em itálico, é nosso).

⁸ O General Couto de Magalhães, em *O Selvagem*, (1975, p. 85) faz menção à tradição, entre os *Tupis*, de que “[...] uso da mandioca, que tão importante papel representa na vida dos índios, lhe foi **revelado** por um modo sobrenatural” o que está em plena consonância com Eliade.

O caráter sociológico e antropológico do mito cosmogônico revela-se, nesta lenda, com toda veemência. Nela a vida se faz alimento capaz de nutrir gerações após gerações de modo dinâmico e criativo e, ao mesmo tempo, tão natural, tão original, conforme afirma Eliade (1998, p. 25): “Toda história mítica que relata a *origem* de alguma coisa pressupõe e prolonga a cosmogonia”, assim a existência de uma nova planta, no caso, a mandioca, na lógica do mito implica a existência de um Mundo”.

Parece-nos importante perceber que o que era objeto de rejeição por parte do chefe da tribo, passa a prover o pão para a mesma tribo. Torna-se fruto da terra, em torno do qual as pessoas se reúnem, saciam a fome. Alimento comum, fruto de um solo comum. Ao passar pela experiência de morte Mandi retorna *saciando* a fome. O verbo no gerúndio foi empregado intencionalmente, significando o mítico eterno retorno. É sabido que a mandioca faz parte de um processo dinâmico e criativo na gastronomia não só regional, mas também continental. É alimento que revigora quem dele se serve e quem por ele se permite ser servido.

Encontramos informações importantes a respeito desta lenda com o General Couto de Magalhães, (1975, p. 85), que afirma ser a mandioca “[...] não só o pão de nosso selvagem como também a substância de que tiram diversos vinhos, como o *cauim*, a *muniquera*, o *puchirum* e outros”. O autor afirma, também, que a descoberta da mandioca foi, para os índios, “[...] mais importante do que a do trigo o foi para os árias”. A respeito da Lenda da Mandioca o autor diz, ainda, que “[...] encerra duas coisas comuns a todas as religiões asiáticas: 1º) atribuir a um deus o ensino do uso do pão; 2º) a concepção, sem perder a virgindade” (p. 86).

No sentido exposto acima, o General Couto de Magalhães, p. 85, registrou o seguinte “[...] as índias Xavantes, no seu estado selvagem, devoram os filhos que

morrem, na esperança de acolherem novamente no seu corpo a alma do menino”. Esse fato, e outros, como o costume de deixar junto à sepultura de seus mortos, panelas de comida, armas do morto, crendo que ele precisava das mesmas para prover seu alimento, denotam a crença na imortalidade da alma e, uma das formas do ente permanecer presente era a transformação em outros seres.

A Lenda da Mandioca não conhece fronteiras étnicas. Mandi era muito branca. Depois, as raízes que brotaram de sua sepultura eram, sob a fina pele marrom, brancas como Mandi. Independente da origem étnica, o ser humano encontra seu ponto de partida e de chegada num elemento comum, a terra.

Na versão da Lenda da Mandioca proposta como paradigmática encontramos oito seqüências narrativas. Pareceu-nos importante destacá-las para, em seguida, passarmos à análise dos textos produzidos pelos alunos. Essas seqüências são as seguintes:

- Seqüência inicial;
- O sonho de Mara, mãe da protagonista;
- Gravidez de Mara;
- Nascimento, vida e morte da protagonista;
- Enterro da protagonista seguido do luto da sua mãe e da tribo;
- O ressurgimento da protagonista em forma de planta – natureza vegetal;
- Revelação da razão do nascimento da protagonista, em sonho, ao cacique;
- Desenlace. O cacique reúne a tribo e conta o que acontecera com a protagonista. Ela seria o novo alimento da tribo;

Na análise dos textos produzidos pelos alunos denominaremos esses momentos de seqüência, sendo que a última seqüência será identificada por Seqüência conclusiva. Nela, os aprendentes encontraram seu jeito próprio de dizer, não à tribo, mas ao leitor do seu texto, ou ao ouvinte da sua narrativa, como os fatos narrados chegam a seu termo.

Para utilização desse termo, encontramos apoio em Othon M. Garcia (2000, p.258), para quem “[...] toda narrativa consiste numa espécie de seqüência de fatos, ações ou situações que, envolvendo participação de personagens, se desenrolam em determinado lugar e momento, durante certo tempo”. Garcia menciona a obra de Vladimir Propp, *Morfologia do conto* (2006), na qual o estudioso russo emprega o termo “funções” para designar as seqüências de ações das personagens, frisando, ainda, que esse termo tornou-se consagrado entre os adeptos da semântica estrutural.

A pesquisadora Antonia Silva de Lima (2003), da Universidade Federal do Amazonas, utiliza o método morfológico de Propp em sua tese de doutorado, ao analisar a estrutura narrativa da Lenda da Vitória Régia, na versão de Altino Berthier Brasil. Ao obedecer à disposição organizada por Propp, Lima inclui a codificação que esse autor dá a cada função, e, em seguida, faz um esquema das seqüências da história, empregando a nomenclatura criada por Propp.

Sena (2005, p. 169), concorda com Garcia quanto ao emprego do termo *seqüência*. O autor diz: “[...] o que caracteriza um texto narrativo é uma seqüência de ações que vão se sucedendo no tempo e no espaço, uma vez que sua matéria é o fato”. O autor lembra, ainda, que nessa modalidade textual predomina a ação.

O referido autor afirma também que a ausência de simultaneidade é uma das características relevantes do texto narrativo, permitindo que uma sucessão de ações

se desenrole no interior de uma ação mais ampla e determinante para o contexto narrado. No nosso trabalho, a essa sucessão de ações chamaremos ações secundárias.

Nos textos produzidos pelos alunos, foram encontradas as mesmas seqüências presentes na versão paradigmática da lenda, no entanto, encontramos versões que omitem algumas seqüências, principais ou secundárias, conforme será demonstrado no estudo a seguir.

CAPÍTULO 3

3 – PERSCRUTANDO OS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS APRENDENTES

*“Senhor, não quero mais ir à sua escola...
Prefiro escutar o que diz, à noite,
A voz alquebrada de um velho, que conta,
fumando, as histórias de Zamba e do
Compadre Coelho e muitas outras coisas ainda...
E depois, é realmente muito triste a sua escola,
Triste como... esses senhores bem educados
Que não sabem mais contar histórias”.*

Guy Tirolien

(CITELLI, 2001, p. 103).

A seguir, apresentamos a transcrição das versões produzidas pelos aprendentes tal qual as recebemos no original. Nada foi modificado no corpo textual. No entanto, fragmentamos os textos de acordo com as seqüências encontradas na versão paradigmática e, em seqüências secundárias, estas com a finalidade de evidenciar detalhes importantes encontrados nas versões dos aprendentes, ou omissões⁹ significativas, em relação à versão paradigmática.

Embora tenhamos tomado como referência a versão de José Coutinho de Oliveira, não perdemos de vista a modalidade oral com que os aprendentes tomaram o primeiro contato com a Lenda da Mandioca na sala de aula. Com isso,

⁹ Convencionamos que as omissões serão indicadas por um hífen.

entendemos que eles tiveram como suporte para as suas produções a narrativa da Lenda da Mandioca proveniente da tradição oral amazônica.

Designaremos os autores dos textos analisados por meio de duas letras maiúsculas, e para a identificação da ordem em que os textos foram produzidos empregaremos numerais arábicos de 1 a 3. Assim: GS2 – corresponde ao segundo texto da Lenda da Mandioca produzida pelo aprendiz GS.

3.1 – Análises das Sequências encontradas nos Textos dos Alunos

- Sequência inicial

Quadro 1
Como os aprendentes projetam a lenda no tempo

Aprendente	T1	T2	T3
AC	Era uma vez	Há muito tempo atrás	Era uma vez
CD	Era uma vez	Havia uma tribo muito, mais muito longe daqui,	Há Muito tempo, mais muito tempo atrás
DA	A lenda da mandioca aconteceu quando	Certa vez	Há muito tempo
DL	Havia na tribo	A muito tempo,	Era uma vez,
GS	Era uma vez	Era uma vez	Era uma vez
IJ	Era uma vez,	(há muito tempo atrás	há muito tempo atrás
JM	-	-	ERA UMA VEZ
JÁ	Bom Era uma vez	Era uma vez	Era uma vez
KO	-	Em um certo dia	Em um certo dia
KV	Um belo dia	Havia	Há muito tempo,
MF	-	-	-
MS	Era uma vez	-	-
NF	Era uma vez	Era uma vez	Era uma vez
RS	Essa lenda fala sobre a mandioca, como ela se originou. E foi assim... Era uma vez	Havia uma tribo	Há muitos anos atrás existia uma tribo indígena que
RA	Puxa! Falando em mandioca lembrei da lenda que minha mãe contou pra me. Era uma vez	Tudo começou quando	Era uma vez uma história da mandioca que comesa a muito tempo atrais que
SC	Era uma tribo	-	Era uma vez
SU	-	-	-
TA	A lenda da mandioca	Um belo dia	-
TS	-	-	-
YG	-	-	Há muitos e muitos anos atrás

Nos textos dos alunos vimos que essas seqüências vão sendo registradas de forma variada. Começaremos por destacar como eles iniciam a história.

AC1/3, CD1, DA2, DL3, GS1/2/3, IJ1, JM3, JA1/2/3, MS1, NF1/2/3, RA1/3, SC1/3 iniciam a história com a expressão “Era uma vez”, própria de contos de fadas. Essa expressão assinala a entrada no mundo mágico da ficção e “[...] remete a um tempo indefinido, eterno, que pode ser o pretérito, o presente ou o futuro, pois o passado mítico se renova constantemente, tornando-se paradigmático” (D’ONOFRIO, 1999, p. 112).

Por ser a lenda uma narrativa popular, e ter na oralidade uma das suas principais características, os aprendentes acima demonstram ter assimilado a expressão “Era uma vez” de narrativas que chegaram até eles através da oralidade.

No entanto, não importa, para o aprendente, a modalidade narrativa, importa, sim, o transporte no tempo por meio da imaginação, sendo o “Era uma vez” a chave mágica para a entrada no mundo fantástico.

Para D’Onofrio (1999, p. 96) a chave para a entrada no mundo fantástico da imaginação são as informações temporais e espaciais que “têm o papel de enraizar a ficção na realidade, tornando-a inteligível; mas, de outro lado, instauram o mundo do imaginário, suspendendo as leis do real”. Segundo o autor,

As fórmulas introdutórias de alguns contos populares “Era uma vez...”, “Num certo reino...”, etc. têm a mesma função dos sinais que convidam o público a entrar na sala do espetáculo: o ambiente fechado e o tempo limitado da representação indicam a separação do espaço e do tempo real. Durante a projeção de um filme, a representação de uma peça, um recital de poesias, a leitura de um romance, passamos a viver num outro universo, no mundo da fantasia criado pela arte, onde tudo pode acontecer: metamorfose de homens em animais, paralisação do tempo cronológico (as pessoas não envelhecem), suspensão das leis físicas (tapetes voadores), etc. (p. 97).

AC2 entra nesse mundo fantástico dizendo “Há muito tempo atrás”; CD3, “Há muito tempo, mas muito tempo atrás”; DA3, “Há muito tempo”; IJ2. “(há muito tempo atrás)”; IJ3, “há muito tempo atrás”; KV3, “Há muito tempo”; RS3, “Há muitos anos atrás”.

RA1 inicia seu texto se referindo a um estímulo, a algo que despertou nele o desejo de contar o que ouviu de sua mãe: “Falando em mandioca [...]”, e vai buscar na memória, por meio da lembrança, a lenda: “[...] lembrei da lenda que minha mãe contou pra me. Era uma vez...” Verificamos, nesse modo de introduzir a lenda, que a memória quer garantir a manutenção e a perpetuação da narrativa ouvida, recebida por meio da oralidade, de alguém muito significativo, a mãe. Isso pode ser percebido, primeiramente, pela exclamação inicial como que despertando no aprendente consciência de que, uma vez depositário do conhecimento dessa lenda, passá-lo adiante será algo natural, como natural foi recebê-lo. Depois, as formas verbais: “lembrei” e “contou”. A mente só permite lembrar aquilo que ficou registrado, e só o que ficou registrado na memória pode ser contado, passado adiante. Assim a tradição oral se mantém viva desde os tempos remotos.

Para Lima, 2002, p. 57, “No mundo das narrativas da criação, é a memória que se constitui como o lugar exclusivo do que merece ser mantido vivo e deve, por sua dignidade e glória, sempre de novo ser lembrado”. O que ficou guardado na memória permanece vivo. A memória é o registro da vida que, por sua vez, é puro dinamismo.

De acordo com o exposto acima, o ato de produção textual mobiliza diversos sistemas de conhecimentos que os sujeitos têm, representados na memória, englobando um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual que compõem sua experiência de mundo (KOCK, 2003, p. 31).

Retomando os registros mnemônicos, RA2 começa sua versão assim: “Tudo começou quando...” É como se ele tivesse presenciado os fatos ocorridos na lenda que agora é rememorada. E, no seu terceiro texto, depois de empregar o já mencionado “Era uma vez”, indefine o tempo, no entanto, temporaliza a ação que irá se desenrolar situando-a num pretérito muito distante: “uma história da mandioca que comesa a muito tempo atrais”.

YG3, embora também situe a narrativa no pretérito, tem-na num tempo mensurado e convencional: “Há muitos e muitos anos atrás”. Para DA1, “A lenda da mandioca aconteceu...” KO2/3, “Em um certo dia...” KV1 e TA2 começam dizendo: “Um belo dia...” RS1 inicia o texto definindo a natureza da narrativa que caracteriza a sua produção: “Essa lenda fala sobre a mandioca, como ela se originou. E foi assim... Era uma vez ”. Somente depois de breve preâmbulo é que RS1 emprega a expressão clássica dos contos de fadas, ocupando-se, já no início, em deixar claro que a lenda fala sobre a origem da mandioca. Sem ter nenhuma consciência do que isso implica, esse aprendente evidencia o caráter pedagógico do mito, na sua função de contar como algo aconteceu no princípio.

Eliade (1998, p. 11), ao tratar do conceito de mito, define-o exatamente como uma narrativa que relata um acontecimento do tempo primordial dos começos. Para o autor, o mito é “uma narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser”.

Os textos analisados revelam que os aprendentes demonstraram surpreendente habilidade em romper o limite do tempo real para introduzir o leitor do seu texto num tempo fictício fortemente envolvente.

KV1 escolheu a expressão “Um belo dia” para dar início ao texto. Aqui, entendemos que o adjetivo belo está indicando um dia em que algo grandioso

aconteceu; o fato acontecido, ou que será narrado, é que é belo, é grande, é maravilhoso. É uma abertura apoteótica, deixando o leitor/ouvinte na expectativa, desejoso de conhecer toda a seqüência narrativa.

Também constatamos que cinco aprendentes situam a lenda no tempo em apenas uma das versões, os demais, quinze (quinze), fazem-no nas três versões o que denota a importância desse momento introdutório da narrativa.

Quadro 2
Como os aprendentes projetam o espaço (mais amplo) no qual as ações acontecem (onde)

Aprendente	T1	T2	T3
AC	em uma tribo indígena	-	-
CD	-	Pois lá	vivia numa aldeia
DA	em uma tribo	Numa tribo tupi	em uma distante aldeia
DL	-	-	ano 1500 no passado
GS	numa tribo indígena	numa tribo indígena	no meio da floresta numa tribo chamada Tupi
IJ	-	Em uma tribo	Existia, numa tribo
JM	numa tribo tupi	numa tribo tupi	numa tribo indígena ainda desconhecida
JÁ	numa tribo indígena	numa tribo indígena	numa tribo indígena
KO	numa tribo	-	-
KV	-	numa tribo	-
MF	numa tribo indígena	-	-
MS	numa linda tribo	-	-
NF	-	-	-
RS	-	-	existia uma tribo indígena que
RA	-	-	-
SC	-	em uma tribo	-
SU	-	-	na aldeia
TA	-	-	-
TS	-	-	-
YG	morava numa tribo com seus pais	-	numa tribo de índios

Constatamos que dos sessenta textos produzidos, vinte e sete apresentam o espaço de ocorrência dos fatos.

Creemos ser importante lembrar que o material analisado é constituído de vinte textos de cada uma das versões produzidas pelos aprendentes. Foram produzidas

três versões da mesma lenda em momentos e situações diferentes. Somam-se, portanto, sessenta textos na composição do material pesquisado.

Na primeira versão, nove textos apresentam o registro do espaço maior da narrativa. Na segunda, oito textos e na terceira, dez textos. Na versão paradigmática não temos o registro textual do local onde ocorrem os fatos. Esse espaço aparece contextualizado. No entanto, um número significativo de aprendentes projetou o espaço físico/social da narrativa, provavelmente com a intenção/ou pela necessidade de situar-se como autor/ouvinte do próprio texto.

Ressaltamos que no decorrer da análise da Lenda da Mandioca encontramos outros espaços constituintes de ações secundárias, que se apresentam por força da própria dinâmica da narrativa. (O espaço psicológico do sonho da jovem, durante o sonho e, no final, o do cacique, o local onde a protagonista foi enterrada (oca) bem como o espaço que constitui a sepultura (interior da terra – útero – lugar de profundidade fecundante, ação oculta e silenciosa, porém eloqüente), bem como o espaço sociológico a ser conquistado pela protagonista com o ressurgimento). Esses espaços serão evidenciados a seu tempo e estão contidos no espaço maior que alguns aprendentes registraram da forma como transcreveremos a seguir.

AC1, “em uma tribo indígena”; CD2, “em uma tribo indígena”; DA1/SC2, “em uma tribo”; DA2, “em uma tribo Tupi”; GS1/GS2/K1/JK2/JK3/MF1, “numa tribo indígena”; GS3, “no meio da floresta numa tribo chamada Tupi”; IJ2/IJ3, “em uma tribo”; JM1/JM2, “numa tribo tupi”; JM3, “numa tribo indígena ainda desconhecida”; KD1/KD2, “numa tribo”; MS1, “numa linda tribo”; YG1, “morava numa tribo com seus pais”; YG3, “numa tribo de índios”.

Os textos evidenciaram que, para esses aprendentes, a palavra tribo¹⁰ equivale à palavra aldeia¹¹, uma vez que a empregaram com o mesmo sentido.

Nesses textos, o espaço geográfico se confunde com o espaço social, o que é perfeitamente compreensível, uma vez que as palavras “aldeia” e “tribo” comportam uma mesma cosmovisão.

Embora, de modo geral, os textos coincidam na expressão designadora do local onde aconteceram os fatos narrados, alguns apresentam uma especificação mais detalhada, ou, mesmo, mais definida.

É o caso de DA2, JM1, JM2 que, inclusive, referem-se ao nome próprio da tribo: “numa tribo Tupi”. Há, ainda, GS3: “no meio da floresta numa tribo chamada Tupi”. Além da especificação do nome da tribo, o aprendente empregou a expressão adverbial, “no meio da floresta”, agregando, assim, a idéia de lugar remoto, e criando, ao mesmo tempo, uma atmosfera de mistério, na qual acontecem coisas extraordinárias.

Referindo-se à situação inicial no texto narrativo D’Onofrio (1999, p. 75) diz que “Geralmente ela é representada simbolicamente por uma paisagem edênica, pitoresca e colorida e indica um estado de felicidade, que serve como fundo contrastivo à infelicidade que vai se seguir”. GS3 constrói os eventos de seu texto numa paisagem similar à que o outor se refere.

¹⁰ *Antrop.* Grupo social com relativa coesão territorial, lingüística e cultural, sem autoridade central nem organização política fortes, e que pode incluir famílias ou subgrupos em estreita interação. Fonte: Mini Aurélio Século XXI, O minidicionário da língua portuguesa.

¹¹ *sf.1.* Pequena povoação inferior a vila; povoado. *2. Bras.* Povoação formada só de índios; maloca. Fonte: *Mini Aurélio Século XXI*, O minidicionário da língua portuguesa.

Apenas três dos vinte e sete textos que fazem menção ao local situaram os fatos com a designação de um espaço físico. São eles, CD3; DA3, SU2. Estes textos são unânimes no emprego da palavra “aldeia” representando o espaço físico no qual vive determinada tribo indígena, no entanto a palavra “aldeia” pode estar representando, por extensão, tribo indígena, o que está em conformidade com o significado encontrado no dicionário que é “de povoação formada só de índios”.

DL3 apresentou grande diferença na projeção do espaço em relação aos demais. Esse aprendente situa sua narrativa no passado, numa cronologia bem definida: “no ano de 1500”.

Historicamente, o ano de 1500 registra a chegada dos portugueses ao Brasil. Embora aqui tenham encontrado civilização com uma cultura, uma história provavelmente milenar, a consciência de nação e de cultura brasileira que temos hoje e que naturalmente os aprendentes assimilam, começa com o fato histórico ocorrido no ano de 1500.

É possível que, para DL3, o tempo passado mais distante imaginável comece a partir do ano por ele assinalado, por ser a partir daquele ano que o Brasil se tornou conhecido.

JM3 também se diferencia dos demais quanto à projeção do local. O aprendente acrescenta a “numa tribo indígena” a caracterização “ainda desconhecida”. Esse recurso pode criar, no leitor, a sensação de ser o primeiro a tomar conhecimento dos fatos narrados simulando, desse modo, relação de cumplicidade narrador/leitor.

Quadro 3

Como os aprendentes projetam a personagem mãe da protagonista

Aprendente	T1	T2	T3
AC	existia uma menina chamada Mara	uma índia chamada Mara, filha do poderoso cacique	uma mulher chamada Mara Mara era filha do cacique
CD	uma filha de um cacique	havia uma linda mulher filha de um cacique	uma mulher filha de um cacique
DA	a filha do cacique	a filha do cacique	havia uma índia que tinha um grande desejo Era ter um bebê
DL	a filha do tuxaua que tinha muita vontade de se tornar mãe	havia uma menina que se chamava Mara. Era filha de um cacique	uma linda mulher (índia) filha do cacique
GS	havia uma mulher chamada Mara	a mãe chamada Mara e os pais tupis	Ela desejava muito ser mãe, a filha do cacique
IJ	uma bela jovem de uma tribo tupi, seu nome era Mara e era filha do cacique	existia uma jovem índia muito bonita, ela era filha do pajé, ela se chamava Moema [...] Moema tinha a pele morena e os olhos tão negros quanto uma noite sem estrelas, todavia ela era muito bonita	a filha do cacique
JM	existia Mani uma jovem muito bonita que era filha do cacique que queria que ela se casasse com um jovem da tribo, só que ela não estava disposta a entregar o seu coração a nenhum jovem da tribo.	-	-
JA	-	-	avia uma índia muito bonita
KO	a filha do cacique	-	a filha do cacique
KV	moça da tribo dos tupis	uma índia	havia uma índia muito bela que gostaria de ter um filho e que fosse uma bela criança
MF	-	-	-
MS	<i>grandes casais muito felizes mais um casal tinha uma moça esperando uma filha</i>	-	-
NF	uma jovem que sonhava ter um marido e ser mãe	uma menina que sonhava ter uma família o nome dela era Mara	uma jovem menina que sonhava ter sua família e ter um filho
RS	a filha do cacique	que tinha uma índia chamada de Mandiara	havia uma índia
RA	uma menina que si chamava mara. ela era filha do cacique	-	a filha do cacique que se chamava Mara
SC	-	-	uma índia que se chamava Mara
SU	Mania era uma jovem linda filha de um casique até que certo dia em uma noite	Madica era uma jovem muito bonita que tinha o sonho de se casar	lanka era uma jovem filha do casique
TA	-	-	-
TS	Mara era uma jovem muito bonita querida por todos na tribo	Mara era uma jovem muito bonita filha de um cacique	Mara era uma jovem índia, filha de um cacique
YG	Mara era o nome de uma índia muito bonita	um casal de índios tupis	uma índia muito linda que era filha do Kacique A linda jovem queria muito ter uma criança que de preferência fosse uma menina

Quinze (15) textos mantêm o nome Mara para designar a mãe da protagonista, conforme o nome apresentado na versão paradigmática da lenda. No entanto encontramos textos que a designam por outros nomes: IJ2, “Moema”, RA1, “Mania”, RA2, “Madica”, RA3, “lanka”.

Como vimos, o aprendente RA emprega nomes diferentes para a mesma personagem em cada versão. NF3 denomina-a “Mandiara”. JM1 chama-a de “Mani”, nome que nas versões mais comuns da lenda é dado à protagonista e não à sua mãe.

Notamos que esse aprendente emprega o nome Mani para a personagem mãe da protagonista somente nesse momento do texto, passando a identificá-la por Mara nas ações seguintes. Isso é, talvez, indício de que esse aprendente, na primeira versão, ainda não tivesse definido mentalmente cada uma das personagens.

Alguns textos identificam a personagem como “menina”, “jovem”, “mulher”, “índia”, porém, vinte e três deles chamam-na “filha do cacique”, acrescentando, normalmente, adjetivos como “bela”, “linda”.

Esses atributos permitem perceber não apenas o quão bonita é a jovem, mas, também, a entrega do aprendente à sua produção escrita e o seu empenho em dar o melhor de si ao trabalho proposto.

Além disso, a descrição da mãe da protagonista, de modo a ressaltar-lhe as qualidades, revela a importância atribuída a essa personagem na narrativa, o que, a nosso ver, é um fator relevante para a consecução dos objetivos da pesquisa.

IJ2 constrói sua visão dessa personagem cuja descrição inclui a seguinte comparação: “tinha a pele morena e os olhos tão negros quanto uma noite sem estrelas, todavia ela era muito bonita”.

Na construção do período, a oração coordenada sindética adversativa revela que ser morena de olhos negros, não está em conformidade com os padrões de beleza adotados por seu autor. No entanto, em razão da importância dessa personagem na lenda narrada, ela precisa ser concebida como bonita.

Não podemos deixar passar despercebido que a constatação em relação a padrão aceitável de beleza encontrada em IJ2 é reflexo de uma cultura imposta desde a colonização. Encontraremos aspectos semelhantes em relação a esse tema em algumas das seqüências posteriores.

Tanto as adjetivações encontradas nessa seqüência relativas a essa personagem, quanto as comparações, de modo a exaltar-lhe a beleza, não são encontradas na versão paradigmática. Elas aparecem nos textos dos aprendentes a propósito da criatividade seu autor.

Cinco textos afirmam que a personagem desejava ser mãe, sendo que YG3 fala da preferência por uma menina. Também sobre isso não há menção na versão paradigmática. O aprendente encontra esse dado na imaginação criativa.

- O sonho da mãe da protagonista

Quadro 4
Como os aprendentes introduzem o sonho da mãe da protagonista/mudança de plano

Aprendente	T1	T2	T3
AC	Mara estava sentada observando o luar e sonhando em se casar e ser mãe. Enquanto dormia Mara sonhava	Em uma bela noite de luar, Mara dorme profundamente, e tem um sonho de que	um dia Mara foi dormi e teve um sonho
CD	-	-	-
DA	-	-	Certa vez, enquanto dormia, teve um sonho. No sonho dela
DL	contemplava muito a lua	Mara queria ser mãe e contemplava a lua	e contemplava muito a lua cheia
GS	Mara um dia, no sonho dela	-	-
IJ	-	Praticamente, todas as noites, quando Moema se deitava em sua rede para dormir, ela via	Ela fala pro seu pai, ou seja, o cacique, que em seus sonhos aparecia
JM	Passando-se algumas semanas, Mara estava deitada em sua rede, pensando na vida e adormeceu, no seu sonho	-	-
JA	-	-	-
KO	-	-	-
KV	-	ao ter um sonho	Um belo dia, teve um sonho
MF	-	-	-
MS	-	-	-
NF	e toda noite ela sonhava	serto dia ela dormiu e sonhava	ela sonha
RS	-	-	-
RA	e quando era de noite ela sonhava	um jovem que apareceu em sonhos da Amanda em uma noite	A Mara tinha um sonho que era se casar e ter um filho mais a Mara não gostava de ninguém da tribo e sim do jovem rapaz que ela sonhava todo dia com [...] quando foi um dia Mara sonhou de novo com o jovem rapaz
SC	-	Mara, antes de Mani nascer sempre sonhava com um homem branco com Mani	-
SU	que tinha um sonho de ter uma filha até que certo dia em uma noite	até que um certo dia, numa noite, veio	-
TA	-	-	-
TS	ai ela foi dormi olhando pro relento e para a lua ai dormiu ela sonhou	que vivia sonhando com um amor e um casamento feliz. Em noites quentes, enquanto todos dormiam, deitava-se na rede ao relento e ficava a contemplar a lua, alimentando seu desejo de tornar-se esposa e mãe. Certa noite Mara dormia em sua rede Ela sonhou	que vivia sonhando com o amor e um casamento feliz em noites quentes enquanto todos dormiam deitava-se na rede ao relento e ficava a contemplar a lua, alimentando seu desejo de tornar-se esposa e mãe porém não havia na tribo jovem a quem daria seu coração. Certa noite Mara adormeceu na rede e teve um sonho estranho
YG	-	-	-

Ao narrarem o sonho da mãe da protagonista percebemos uma preocupação dos aprendentes em criar um cenário propício. Oito textos dizem que era “noite de luar” e que a jovem contemplava a lua. Outros dizem ambientam o sonho “em noites

quentes de luar”. DL3 fala em “lua cheia”. A lua cheia, na tradição popular, em vários contos ou lendas, como a do Lobisomem, desperta a sensualidade. No caso do sonho da mãe da protagonista, a descrição do luar constrói todo um clima para o envolvimento idílico.

Alguns textos também falam que a jovem se deitava “na rede”. A rede é um elemento tipicamente indígena, naturalmente assimilado pela cultura cabocla. A versão paradigmática diz que “Mara adormeceu na rede”, hábito totalmente familiar aos aprendentes produtores dos textos. 25 os textos dentre os constantes nas três versões produzidas por dez aprendentes registram o sonho da jovem e 35 omitem-no. Alguns aprendentes evoluem bastante de uma versão para outra. É o caso de RA1/2/3, TS1/2/3. Alguns, no entanto, se mantêm no mesmo nível ou fazem pequenas alterações.

RA evolui significativamente da primeira para a terceira versão. Na primeira a jovem apenas sonha. Na segunda, aparece um jovem em seus sonhos, e, na terceira versão o aprendente elabora toda uma seqüência secundária a respeito do sonho da jovem na qual fala do seu desejo de ser mãe. A seguir, continua justificando que a jovem não gostava de nenhum jovem da tribo e sim, do rapaz com quem ela sonha repetidas vezes. Evolução semelhante é encontrada em TS.

Aqueles aprendentes que enriqueceram seus textos com essa seqüência também demonstraram habilidade em transitar em espaços muito sutis como tais como a mente e o coração da jovem, seu mundo psicológico e emocional.

A dimensão vertical se relaciona com o espaço divino ou sobrenatural. Ao narrar o sonho da mãe da protagonista, ainda que de forma resumida, alguns aprendentes empregam poucas palavras, como NF3 que, com apenas duas, “ela sonha”, consegue alterar, momentaneamente, o espaço (D’ONOFRIO p 97).

Quadro 5
Como os aprendentes descrevem o jovem dos sonhos da mãe da
protagonista – projeção do ser sobrenatural

Aprendente	T1	T2	T3
AC	com um rapaz loiro que vinha do luar,	aparecia-lhe um rapaz loiro com os olhos da cor do luar, e esse sonho sempre se repetia,	aparecia-lhe um rapaz loiro com os olhos da cor do luar, e esse sonho sempre se repetia,
CD	-	-	-
DA	-	-	havia um homem muito lindo dizendo que o desejo dela iria se realizar
DL	-	Enquanto isso, no futuro, havia um homem lindo, Era o Diego. Ele viu que os índios passavam muita fome, e como ele era dotado de poderes, viu que a solução era mudar o passado para o futuro se modificar. [...] Ele apareceu em sonho a Mara, descendo da lua e dizendo que a amava. isso repetiu-se muitas vezes até ela se apaixonar e ela não contou a ninguém.	Enquanto isso, 500 anos no futuro, Thiago McDonald, um pesquisador norte-americano de sucesso, viu a tribo de Mara passando fome e vivendo no caos. As plantações e milho tinham pragas, porque uma fábrica cortou a floresta e tomou terras da tribo e como a floresta era o habitat dos gafanhotos, depois do desmatamento, [...]. Então Macdonald com seus segredos (Era bruxo com poderes na Lua Cheia) voltou no 1500 anos no passado e Mara sonhou com esse homem
GS	apareceu um homem loiro com os olhos azuis	-	-
IJ	disse pro pai dela que tinha engravidado de um lindo garoto branco que aparecera em seus sonhos.	um lindo rapaz branco com a cabeleira loira, olhos verdes, era realmente um rapaz muito bonito e muito diferente de Moema e dos rapazes da tribo. Moema tinha a pele morena, e os olhos tão negros quanto uma noite sem estrelas, todavia ela era muito bonita.	um rapaz branco de olhos azuis esverdeados e cabelos negros. Era um rapaz muito lindo realmente. E que esse rapaz falava com ela em seus sonhos
JM	apareceu um jovem branco que descia da lua. O seu sonho repetiu-se várias vezes,	-	-
JA	-	-	-
KO	-	-	-
KV	-	com um belo homem	com um belo rapaz, com os olhos verdes, e com os cabelos loiros enrolados, e todos os dias sonhava com esse rapaz
MF	-	-	-
MS	-	-	-
NF	com um belo rapaz que descia da lua bonito e loiro	com um homem de descia da lua e o homem loiro e bonito passou	com um homem bonito que descia da lua, era um rapaz alto, loiro, forte e dos olhos azuis
RS	-	-	-
RA	com um menino loiro de olhos azuis até um dia sonhar novamente com ele e	-	um jovem loiro de olhos azuis
SC	-	-	-
SU	veio um lindo homem da lua [...] e disse pa Maria ele tava atrás de um homem que há amava, mas na cidade que ela morava não havia nenhum homem que há amava ai veio o homem lindo da lua e disse para Maria eu te amo	um homem muito bonito	-
TA	-	-	-
TS	um homem loiro da pele bem branca começou a sonhar todos os dias até que um dia	com um jovem loiro com a pele bem branca e muito belo eles tava denses da lua	um jovem loiro e pele bem branca que descia da lua e dizia que amava. O sonho repetiu-se várias noites.
YG	-	-	-

Na seqüência encontramos a descrição do jovem que aparece em sonhos à mãe da protagonista. Cinco aprendentes descrevem-no nas três versões da lenda, quatro deles mencionam a personagem em duas versões. Nove aprendentes não o descrevem nem mencionam nesse momento.

Aqueles textos que descrevem o jovem dos sonhos da mãe da protagonista revestem-no de uma beleza diferente daquela dos jovens indígenas. Descrevem-no como “um rapaz loiro que vinha do luar; com os olhos da cor do luar; um homem lindo dotado de poderes [...] poderes lunares”; “lindo”; “Era bruxo com poderes na lua cheia”; “um lindo garoto branco”; “branco com cabelos loira, olhos verdes [...] muito bonito diferente de Moema e dos rapazes da tribo”; “olhos esverdeados e cabelos negros”; “loiro com a pele bem branca e muito belo”.

Da mesma forma com que os aprendentes utilizam recursos lingüísticos para exaltar a beleza da jovem mãe da protagonista, fazem-no, também, para destacar os dotes naturais do rapaz que, além de descer da lua, ou seja, personificar um Ser sobrenatural, difere de todos os rapazes da tribo. Com isso os aprendentes apontam para o fato extraordinário que se esclarece ao término da narrativa, além de sugerirem uma idealização daquilo que terá acontecido entre a jovem e este ser enigmático.

A versão paradigmática da lenda descreve o jovem assim: “Um jovem loiro e belo descia da lua e dizia que a amava”.

Como vimos, nas versões dos aprendentes esse jovem se reveste de atributos físicos muito diferentes daqueles dos jovens indígenas. É branco, tem olhos azuis e cabelos loiros. Nos textos em que há descrição dessa personagem há, também, predominância dessas características. Lemos nessa descrição aspecto denotativo da influência européia na formação cultural brasileira, assim como a

ideologia do branqueamento tão fortemente arraigada (ver algo que fundamente essa afirmação).

Quadro 6
Como os aprendentes projetam a reação da Mãe da protagonista ao sonho

Aprendente	T1	T2	T3
AC	então se apaixonou pelo rapaz de seus sonhos	-	-
CD	-	-	-
DA	-	-	-
DL	-	-	-
GS	então ela ficou apaixonada	-	-
IJ	-	-	a filha do cacique se apaixonou por esse rapaz.
JM	e se apaixonou, mas não contou a ninguém, e assim se passou dias	-	-
JA	-	-	-
KO	-	-	-
KV	-	-	quando ela se apaixonou pelo rapaz,
MF	-	-	-
MS	-	-	-
NF	-	-	-
RS	-	-	-
RA	-	-	-
SC	-	-	-
SU	-	Monica ficou muito feliz com essa notícia e foi contar a notícia a seus pais	-
TA	-	-	-
TS	-	e ela ficou apaixonada por relhe	e ela acabou-se apaixonando
YG	-	-	-

A versão paradigmática diz que “o sonho repetiu-se muitas vezes e ela acabou por apaixonar-se”. Embora os aprendentes já tivessem essa referência, apenas oito deles registram a reação da jovem ao sonho dizendo que ela se apaixonou pelo rapaz. Dos aprendentes que fazem esse registro, apenas um o faz em duas das suas versões, os demais fazem-no em uma versão. Nesses textos o destaque é para o apaixonamento da jovem. Cinquenta e um textos omitem esse registro.

O efeito, na jovem, dos encontros ocorridos no espaço onírico pode não ter sido relevante para os aprendentes já que eles se aplicaram, antes, em destacar as qualidades físicas dos dois jovens envolvidos. Na descrição dos aspectos físicos dessas personagens poderia estar contida a idéia do conseqüente envolvimento amoroso.

Quadro 7
Como os aprendentes narram o desaparecimento do jovem dos sonhos da mãe da protagonista

Aprendente	T1	T2	T3
AC	depois de algum tempo o rapaz desapareceu de seus sonhos, a deixando em profunda tristeza	até ue um dia simplesmente o rapaz loiro desaparece de seus sonhos a deixando em profunda tristeza	até que um dia de repente o rapaz saiu de seus sonhos deixando Mara em profunda angústia.
CD	-	-	-
DA	-	-	-
DL	-	não o viu mais e ficou triste	
GS	Um dia este belo homem desapareceu, que nunca mais, ela o viu	-	-
IJ	-	-	-
JM	-	-	-
JA	-	-	-
KO	-	-	-
KV	-	-	ele sumiu de seus sonhos e ela ficou muito triste com o desaparecimento dele.
MF	-	-	-
MS	-	-	-
NF	-	-	-
RS	-	-	-
RA		o jovem não mais apareceu em seus sonhos. Amanda ficou triste. passou alguns dias e Amanda começou a ter tonturas e ficou em juada em tão a mãe de Amanda, diconfiou que ela estaria grávida, quando foi de noite Amanda estava dormindo quando o jovem rapaz apareceu em seu sonho	
SC	-	-	-
SU	-	-	-
TA	-	-	-
TS	-	-	-
YG	-	-	-

Dos vinte aprendentes produtores dos textos aqui analisados apenas cinco apresentam registro do desaparecimento do jovem dos sonhos da mãe da protagonista.

AC assinala esse fato nos três textos por ele produzidos: AC1, “depois de algum tempo o rapaz desapareceu de seus sonhos, a deixando em profunda tristeza”; AC2, “até que um dia simplesmente o rapaz loiro desaparece de seus sonhos a deixando em profunda tristeza”; AC3, “até que um dia de repente o rapaz saiu de seus sonhos deixando Mara em profunda angústia”. Os demais aprendentes que o mencionam, fazem-no em apenas uma das versões.

Temos, portanto, sete versões com esse registro sendo que duas afirmam que esse desaparecimento deixou a jovem “em profunda tristeza”. Essa referência está em conformidade com a versão paradigmática. Uma versão apresenta a jovem “em profunda angústia”; três “muito triste” e, uma, afirma que “ela nunca mais o viu”.

- **Gravidez da mãe da protagonista**

Quadro 8
Como os aprendentes projetam a gravidez da mãe da protagonista

Aprendente	T1	T2	T3
AC	Passou alguns dias e Mara descobriu que estava grávida	-	até que um dia misteriosamente Mara apareceu grávida
CD	que ficou grávida misteriosamente	com o passar do tempo ficou grávida misteriosamente	ela engravida misteriosamente
DA	apareceu grávida de um bebê	-	Ela ficou muito feliz, pois ela ia ter um filho ou uma filha
DL	Ela ficou muito feliz, pois ela ia ter um filho ou uma filha	-	-
GS	-	-	-
IJ	Ela tinha o desejo de ser mãe, era o maior sonho da vida dela.	Certa vez, Moema acordou numa linda manhã ensolarada com pássaros cantando. Moema pela primeira vez se viu grávida	ela engravidou sem ter relações com qualquer índio de sua tribo.
JM	e numa tarde percebeu que estava grávida	-	-

JA	-	-	que estava grávida de uma menina
KO	estava esperando um bebê	-	-
KV	descobriu que sua filha estava grávida de um desconhecido que Mara tinha se apaixonado nos seus sonhos que engravidou a moça da tribo dos Tupis	que tinha ficado grávida	um dia ela apareceu grávida
MF	-	-	-
MS	uma moça esperando uma filha então numa noite de lua cheia a moça deitava na rede e pensava no filho dela que ia nascer	-	-
NF	um dia ela acordou e falou à sua mãe que estava grávida.	dias depois ela engravidou do nada	Então ela engravidou
RS	estava grávida	que estava grávida	que estava grávida
RA	e ela agordou e foi contar para a sua mãe	e lidise que ela estava grávida porque foi obra do grande Tuchaua.	ele disse que ela estava grávida isso foi obra do grande "tuchaua" que quis
SC	-	-	-
SU	e disse para ela que ela estava grávida quando ele disse pra ela, ela ficou muito feliz com a notícia ela foi contar para os pais dela	e disse para Madica que ela estava grávida	-
TA	-	-	portanto não havia na tribo jovem algum que daria seu coração. Quando ela era virgem acabou engravidando
TS	Mara descobriu que estava grávida	Passado alguns Mara descobriu que estava grávida	Passado algum tempo a filha do cacique embora virgem pensou que está grávida. Contou então aos pais o que sucedeu.
YG	Um belo dia ficou sabendo que estava à espera de um bebê, ficou surpresa e foi contar aos seus pais.	-	os tempos foram se passando e ela engravidou.

Ao narrarem esse momento os aprendentes empregam expressões variadas, porém todas elas evocam a grandeza do evento anunciado. Eles exprimem a gravidez da mãe da protagonista com as seguintes palavras: "engravidou sem ter relações com qualquer índio"; "ficou grávida misteriosamente"; "isso foi obra do

grande ‘tuxaua’”; “descobriu que estava grávida”; “quando ela era virgem acabou engravidando”; “pensou que estava grávida”; “o jovem dos sonhos disse que ela estava grávida”; “quando era virgem engravidou do nada”; “engravidou de um desconhecido”; “acordou e disse a sua mãe que estava grávida”; “se viu grávida”; “ia ter um filho”.

Os aprendentes mostram-se criativos nesse ponto da narrativa, uma vez que se vêem diante da necessidade de explicar ou, talvez, justificar a gravidez da jovem. No entanto vinte e cinco dentre esses produtores de textos omitem essa seqüência.

Tal omissão pode ser interpretada como uma dificuldade em expressar, por escrito, algo tão significativo no contexto da lenda e, ao mesmo tempo, inexplicável ou incompreensível para o próprio aprendente.

Na versão paradigmática da Lenda da Mandioca a concepção da protagonista dá-se de modo sobrenatural, e o sobrenatural está num plano transcendente, por isso é difícil de compreender e de explicar: “[...] o jovem desapareceu de seus sonhos como que por encanto [...] Passado algum tempo, a filha do cacique, embora virgem, percebeu que esperava um filho”.

A literatura está repleta de casos de concepções miraculosas. Campbell (2004, p. 302), cita, dentre outros exemplos, as *Metamorfoses* de Ovídio cujos capítulos

[...] estão repletos de ninfas perseguidas por deuses sob os mais diversos disfarces. Júpiter como touro, cisne, chuva de ouro. Toda folha acidentalmente ingerida, toda noz ou mesmo um hausto de ar pode ser suficiente para fertilizar um ventre preparado. O poder procriador está em toda parte. E, segundo o capricho do destino, pode ser concebido tanto um herói salvador, como um demônio destruidor do mundo – jamais podemos saber.

Nos casos que apresentam concepção virginal do herói também não são encontradas explicações para o fato. O autor diz que as imagens da virgem-mãe são

abundantes nos contos populares e mitos. Nesses casos, a narrativa o apresenta, simplesmente, e a ênfase recai sobre o aspecto feminino da força criadora universal na qual a mulher-mãe é colocada em evidência. A esse respeito Campbell (2004, p. 291), se expressa do seguinte modo:

Nas mitologias que enfatizam o aspecto maternal, e não o paternal, do criador, essa mulher original ocupa o centro do palco do mundo, no princípio, desempenhando os papéis atribuídos em outros lugares ao homem. E é virgem, pois seu cônjuge é o Desconhecido Invisível.

Também essa mulher, por causa da concepção sobrenatural ininteligível, do ponto de vista humano, passa a sofrer toda sorte de provação, especialmente no decorrer da sua gravidez. Encontraremos a mãe da protagonista da lenda em estudo passando por provas nas seqüências posteriores.

Quadro 9
Como os aprendentes projetam a reação dos pais da jovem ao tomarem conhecimento da gravidez da filha

Aprendente	T1	T2	T3
AC	Sua mãe aceitou mas seu pai não gostou	-	-
CD	e o pai dela o cacique ficou muito furioso com ela então ele expulsou a de casa, então ela foi morar numa pequena cabana e sua família sempre levava comida para ela comer, até a sua gravides	seu pai o cacique perguntou de quem era a criança e ela disse que naum sabia. Então seu pai a expulsou-la de sua tribo, então ela foi embora, mas lá na rente encontrou uma oca e lá ela morou em toda a sua gravides, sua tia levava comida a ela para ela poder sobreviver.	e o pai dela o cacique ficou muito chateado porque ela estava grávida então ele a espulsou-la da aldeia, então, ela foi mora numa oca bem longe da aldeia. Ao devido sua gravides sua irmã foi levando alimento para ela. Então chegou o grande dia de o bebê nasce.
DA	O pai da moça não quis saber se o bebê tinha pai foi logo brigando mas a mãe carinhosa perguntou à filha quem era o pai, e a moça respondeu que ele não tinha pai.	-	-
DL	Seu pai, o tuxaua, perguntou quem era o pai, ela, porém, não sabia,, vejamos como aconteceu.	-	-

GS	-	-	-
IJ	Mas seu pai tinha o coração de pedra e não acreditou na filha, ele a despresava. Ele não acreditou nas palavras da filha, porque, além de não haver homens brancos na tribo dela, ela era virgem.	Foi uma gravidez, exeto que seu pai, o cacique não ficou muito feliz de sua ilha ter engravidado de maneira tão misteriosa e ele nem tampouco acreditou nas palavras da filha, que dizia ter engravidado de rapaz branco e, em sonho.	Seu pai não acredita nas palavras da filha, e daí nasceu uma certa intolerância do cacique com a filha.
JM	quando contou a seu pai ele não acreditou no que ouviu, ficou muito irritado com ela, mas não lhe deu nenhum castigo	-	-
JA	-	-	-
KO	o cacique ficou uma fera quando soube que sua finha ia ter um beber sem pai	o cacique ficou uma fera quando ele ficou sabendo que ela ia ter um filho sem pai	
KV	Embora o pai não aceite a pobre criança eu não sabia de nada sua mãe aceitou junto com sua filha. Embora sendo vó ela concordou que sua filha tenha uma filha. Seu pai queria casa-la com um guerreiro indígena que morava lá e era amigo co cacique para que ela não tenha um filho solteira, mas não deu tempo [...] Mara não queria se casar com o guereiro de sua tribo	seu pai, ao contrário de sua mãe, não concordava com ela ter um filho.	e o seu pai ficou furioso, com ela, pois ele pensava que ela havia dormido com algum homem, ela falava mil vezes que não havia dormido com nenhum homem, mas ele não acreditava em nenhuma palavra dela e então ele decidiu entrega a mão dela para um guerreiro da tribo, mas não deu tempo, logo [...]
MF	-	-	-
MS	então, quando o avô soube que tinha uma neta ele ficou muito inritado, ele não queria aceitar a neta de jeito nenhum	-	-
NF	o seu pai não concordou com isso	-	-
RS	-	-	-
RA	ela acordou e foi contar para a sua mãe mais o pai não sabia quando o pai descobriu ele perguntou que era o pai e Mara respondeu que não tinha pai o cacique ficou muito chateado com Mara.	-	-
SC	o pai de Mara que era o Quacique, não gostou nada de sua gravides dispresou Mara	-	-

SU	a mãe apoio a filha mais o pai ficou matratando a filha dele	o pai de Mônica não gostou nenhum pouquinho dessa notícia ele começou a discriminar a neta que iria nascer e Madica ficava muito triste por causa disso.	-
TA	-	-	sua mãe dava apoio mais seu pai não acreditava já desprezava com sua história ianka era uma indiazinha que quando engravidou seus pais a desprezaram!
TS	foi conta para seus pais mais seu pai não gostou dessa história de fala que a filha tava grávida a sua mãe gostou de saber que Mara estava esperando um filho	contou a seus pais mais só a mãe acreditou	Contou aos pais o que sucedeo. A mãe deu-lhe seu apoio mais o severo pai, não aceditando no que ouvia, passou a desprezá-la.
YG	-	-	-

Vinte e quatro versões da lenda fazem menção à reação dos pais da mãe da protagonista à notícia de que vai ser mãe. Todas são unânimes em apontar a aceitação da gravidez da filha por parte de sua mãe e a oposição do pai, o cacique, uma vez que sua filha é virgem.

Quanto à reação do cacique os aprendentes se expressam assim: AC1, “seu pai não gostou”; CD1, “ficou muito furioso” CD2/3, “expulsou-la de casa”.

Os três textos produzidos por CD nos chamaram a atenção: como Mara foi expulsa de casa, procurou abrigo “numa pequena cabana” (na primeira versão), em “uma oca” (na segunda versão), “numa oca bem longe da aldeia” (na terceira versão). Nesse seu abrigo, na primeira versão, a família, na segunda, sua tia e, terceira versão, sua irmã “levava comida para ela poder sobreviver”. Nessas versões, de um mesmo aprendente, aparece a figura do ajudador para que se cumpra o destino da criança.

A busca de refúgio na oca distante indica que “a criança do destino tem de enfrentar um longo período de obscuridade. Trata-se de uma época de perigo, de

impedimento” (CAMPBELL, 2004, p. 316). As expressões que encontramos nos outros textos dessa seqüência vêm indicar, justamente, as dificuldades que a jovem mãe encontrou, dificuldades essas impostas por seu pai, o cacique. Aquele que, por força da paternidade e da função de chefe da tribo, assumiria uma atitude de proteção, torna-se, no entanto, opositor.

Essa oposição é encontrada nos seguintes textos. DA1, “não quis saber se o bebê tinha pai foi logo brigando”; DL, “perguntou quem era o pai, ela, porém, não sabia”; IJ1, “Mas seu pai tinha o coração de pedra”, IJ2, “não ficou muito feliz [...] nem tampouco acreditou nas palavras da filha”; IJ3, “não acredita nas palavras da filha e daí nasceu uma certa intolerância do cacique com a filha”; JM1, “não acreditou [...] ficou muito irritado com ela, mas não lhe deu nenhum castigo”; KO1/2, “ficou uma fera”.

Na versão de KV1, o pai não aceitou a gravidez da filha e queria casá-la com um guerreiro indígena “para que ela não tenha um filho solteira”. KV2, “ficou uma fera”; KV3, “ficou furioso [...] não acreditava em nenhuma palavra dela então decidiu entrega a mão dela para um guerreiro da tribo”. MS1, “ficou muito irritado e não queria aceitar a neta de jeito nenhum”; NF1, “não concordou”; RA1, “ficou muito chateado com Mara”; SC1, “disprezou Mara”; SU1, “ficou matratando a filha”; SU2, “não gostou nenhum pouquinho [...] começou a discriminar a neta”; TA3, “não acreditava, disprezava”; TS1, “não gostou”; TS3, “o severo pai, não acreditando no que ouvia, passou a desprezá-la”.

Quatro aprendentes registraram essa seqüência nas três versões construídas por eles. Dois o fizeram em apenas duas versões e os outros, oito, em apenas uma versão. Cinco aprendentes a omitiram nas três versões. A reação do cacique descrita pelos aprendentes revela um dado importante tanto em relação ao contexto

cultural lendário quanto para o contexto sociocultural no qual vivem os autores desses textos. Os aprendentes projetam nas suas produções parte da realidade vivenciada por eles seja na família seja no entorno social.

A gravidez na adolescência é, sem dúvida, algo que deve ser tratado com a responsabilidade e seriedade merecida, tomando-se medidas que visem não só à prevenção, mas, sobretudo à orientação e ao esclarecimento da população adolescente. A lenda aqui trabalhada contribui para uma reflexão sobre o assunto ao mesmo tempo em que permite aos aprendentes darem a sua versão da reação de um pai e de uma filha em situação semelhante. Alguns deles projetaram no pai da jovem uma reação mais enérgica do que a da versão paradigmática.

É importante ressaltar que a lenda também oferece uma rica possibilidade de reflexão e discussão a respeito da jovem mulher que assume seu filho mesmo em meio a uma situação adversa. Isso é algo muito próximo da realidade dos aprendentes, autores dos textos aqui analisados.

Nesse sentido a escola tem, nas lendas, importante material que pode subsidiar momentos formais ou informais com o objetivo de trabalhar a formação dos aprendentes, em qualquer faixa etária. A escola mostrará, outrossim, que o processo de construção do conhecimento não se dá fora da relação fantasia e realidade, como atividade criadora, mas sim, enquanto ação dinâmica que permite ao ser humano construir sempre algo novo (VYGOTSKY, 1982). Para Lima (2003, p. 184), “Essa ação possibilita o ato de projetar, planejar, sonhar, vislumbrar mundos, realidades, através dos instrumentos necessários (as experiências) para sustentar tais elaborações”.

Nessa ótica, podemos entender que o processo de exploração das lendas ajuda os aprendentes a compreenderem sua realidade cotidiana e a estruturarem

seu pensamento quando reproduzem essas histórias, “alimentando fantasias decorrentes de carências, desejos gerados no convívio com os vários grupos de que fazem parte, com a possibilidade de aprimorarem o processo de elaboração textual” (LIMA, 2003, p. 183). Na análise, constatamos que os aprendentes operam com uma lógica da linguagem diretamente relacionada com o modo através do qual as unidades narrativas se ajustam às requisições da história que está sendo narrada (CITELLI, 2001, p. 106).

Cada seqüência da lenda trabalhada nesta pesquisa possibilita ao aprendente entrar em contato com um aspecto da realidade humana. Se nessa seqüência o aprendente se deparou com uma jovem grávida e, por isso, desprezada pelo pai, nas seqüências seguintes se deparará com uma criança e com as diferentes etapas pelas quais ela passa no curto período de sua existência humana.

- **Nascimento, vida e morte da protagonista**

Quadro 10
Como os aprendentes narram o nascimento da protagonista

Aprendente	T1	T2	T3
AC	Depois de algum tempo, Mara deu a luz a uma linda menina que chamou de Mandi	Então depois de algum tempo nasce Mandi	e teve uma menina [...] Mara deu o nome para a filha de Mandi
CD	Então nasceu sua filha Mani	Nasceu uma bela menina	Então nasceu uma linda m menina e se chamou Mani
DA	Passado alguns dias o bebê nasceu	teve um filho, mas quando o bebê nasceu todos se espantaram:	teve um filho, mas quando o bebê nasceu todos se espantaram:
DL	Um belo dia, a neta do tuxaua nasceu.	Mas meses depois nasceu uma menina.	Ela teve uma filha
GS	meses depois ela teve uma fila,	tinha nascido uma indiazinha linda	depois de meses nasceu a filha de Mara e ela colocou o nome de Mani.
IJ	Nasceu uma linda menina,	Passaram-se 9 meses, e nasceu uma linda menina.	Passaram-se nove meses e nasceu uma linda garotinha.
JM	(Enquanto dormia) Quando a filha de Mani nasceu	-	-
JA	nasceu uma linda garotinha chamada Mani	nasceu uma indiazinha chamada Mani,	-

KO	Depois de muito tempo Mani nasceu	nasceu uma menina [...] que sua mãe deu o nome de Mani	quando mani nasceu ela era branquinha branquinha
KV	a menina acabou nascendo	há menina nasceu	a criança nasceu
MF	nasceu uma indiazinha	Nasceu uma indiazinha	Nasceu uma indiazinha
MS	então no dia seguinte nasceu uma... menina	Nasceu uma linda indiazinha	Nasceu uma linda indiazinha
NF	Ela deve uma linda menina	então deve a Mandi a filha dela	-
RS	Passou o tempo e a criança nasceu	quando o bebê nasceu	passando os meses ela teve o seu filho e deu a ela o nome de Mandi
RA	Quando a menina nasceu se chamava Mandi	a menina nasceu a Amanda deu o nome a ela de Mani	quando a bebê nasceu ela se chamava (Mandi)
SC	avia nascido uma indiazinha	Nasceu uma indiazinha [...] a mãe da indiazinha chamou-na de Mani,	-
SU	até que um certo dia a pequena e linda menina nasceu	Até que certo dia a linda menina nasceu e todos na aldeia	nasceu uma pequena menina índia chamada lanka
TA	nasceu uma linda menina	nasceu uma linda menina	A lanka teve sua filha que se chamava Maria
TS	passou algum tempo ela teve uma filha	passou alguns tempos Mara teve Mandi	Para surpresa de todos Mara deu á luz uma menina
YG	Sua barriga desenvolveu-se e aos nove meses nasceu uma linda indiazinha	Depois de nove meses de gravidez nasceu Mandi	-

Ao se referir à aventura do herói, Campbell (2004, p. 311) fala da infância miraculosa, por meio da qual é demonstrado o fato de uma manifestação especial do princípio divino imanente ter-se tornado carne no mundo. O autor afirma que o herói pode representar vários papéis por meio dos quais cumpre o seu destino. Isso está de acordo com a concepção segundo a qual a condição de herói é algo a que se está predestinado, e não algo simplesmente alcançado.

Constatamos a importância dessa seqüência no conjunto textual da lenda pelo número de textos que a registram, cinqüenta e cinco. Apenas seis textos omitem esse evento em versões esparsas, o que não chega a comprometer a performance dos aprendentes quanto aos momentos chaves da narrativa, pois quando houve omissão em uma versão o mesmo não ocorreu nas outras duas do mesmo autor.

Essa constatação nos fornece dado significativo quanto à apreensão dos dois momentos fundamentais na constituição do enredo da Lenda da Mandioca, por parte dos aprendentes: o nascimento e o ressurgimento da protagonista. Nas seqüências anteriores verificamos uma preparação para o grande momento do nascimento da protagonista que os aprendentes registram de modo bastante singelo, conforme pudemos constatar nas transcrições textuais.

Houve pequena variação quanto ao nome dado à protagonista. Nove textos apresentam-na como “Mandi”. Esse é o nome encontrado na versão paradigmática. Onze textos chamam-na “Mani”. Um texto a apresenta com o nome de “lanca”, e, um outro texto, ainda, como “Maria”. Em trinta e dois textos, no entanto, não encontramos o nome da menina, mas estes se referem a ela de modo carinhoso: “bebê”, “a neta do tuxaua”; “uma linda menina”; “indiazinha”; “indiazinha linda”; “menina”; “criança”; “linda a garotinha”; “Ela teve uma filha”. Observamos que três dos textos que deram nome à protagonista o acompanharam do adjetivo “linda”.

Quadro 11
Como os aprendentes descrevem a protagonista

Aprendente	T1	T2	T3
AC	Mandi era adorada entre a tribo, Mandi tinha pele muito alva	uma criança muito formosa. Mandi tinha pele de uma cor bem alva, Mandi logo virou a alegria da tribo,	com a cor alva e muito diferente de todos os curumins [...] Mandi era a alegria da tribo.
CD	branca como uma mandioca	branca como uma mandioca	ela era branca como um leite.
DA	ele foi a alegria da moça e o nome do bebê era Mani	Como é branquinha a pele desse bebê.	-
DL	Sua pele era branca, branca como jamais se tinha visto. Ela era adorada por toda a tribo	branca com o nome de Mani. Ela era a alegria das pessoas na tribo, só não do cacique	branca como a lua, que era a alegria da tribo.
GS	a filha dela era tão branquinha, com cabelos loiros que é impossível os índios nascerem assim	Como é branquinha essa criança! Chamaram-na de Mani. Comia pouco e pouco bebia. Mani parecia esconder um mistério	Mani era branca e não como os outros índios. [...] Mani era alegre e divertida.
IJ	sua pele era branca, seus olhos eram negros e seus cabelos loiros. A mãe	de pele tão alva quanto o luar, os olhos tão azuis, e a cabeleira muito negra. Que	ela tinha a pele tão branca quanto a luz do luar, os olhos tão verdes,

	colocou o nome de mani nela.	nome dar para essa linda garota...então eles pensaram em Mani.;	quanto as folhas das árvores, os cabelos tão negros quanto a pele dos curumins da tribo.
JM	ela era de uma pele alva como a neve e lhe deram o nome de Mandi	Mani era uma menina muito branquinha, diferente dos outros curumins da tribo. Mani era o orgulho de sua tribo,	muito branca ela era a neta do cacique da tribo. Ela não tinha pai, quer dizer: ninguém, sabia quem era o pai dela. [...] o nome da menina era Mani, e ela era o orgulho da tribo.
JÁ	ela era muito especial para a tribo só avia índio moreno ela era a única índia de pele branca.	ela era uma pessoa com saúde, era feliz e Olha só ela era uma índia Branca a única da tribo	muito bonita de cabelos Bem Longo Branquinha era a única índia branca de lá da tribo era ficou ficou muito feliz com sua tribo indígena
KO	-	branca [...] ela era a alegria de sua tribo	-
KV	-	foi chamada de Mani, e sua pele era Branca que nem neve e ela era muito bela, Todos da Tribo dos Tupis adoravam a menina, Mas seu avô, não adorava a pobre menina.	com a pele branca como leite e muito bela que a chamavam de Mani, o tempo ia passando e ela ia ficando mais bela do que nunca.
MF	branquinha e sua mãe e seu pai tupis. Derão o nome de Mani	linda e Branquinha sua mãe e seu pai tupis. Deram-lhe o nome de Mani	linda e a mãe e o pai espantaram-se – Como é branquinha essa criança! Chamaram-na de Mani
MS	linda... chamada Mandi. A menina tinha uma pele muito branca	A linda indiazinha era muito branquinha e se chamava Mani,	de pele muito branca que seguindo adiante ela se chamou Mani uma linda menina da tribo de cacique mas ela era muito diferente das outras meninas que nascem ela era uma menina de pele branca as outras eram de pele marrom.
NF	-	-	-
RS	com a pele branca cabelos louros que nem a lua.	Ela era branquinha que nem a lua	bonita bem branquinha que nem a lua
RA	-	Mani era adorada pordos na tribo menos pelo cacique menos pelo cacique	-
SC	chamava-se Mani. A sua mãe se espantou a ver sua filha tão branquinha	branquinha muito branquinha	branquinha (- como é branquinha essa criança. Sua mãe e seu pai disseram.)
SU	e colocaram o nome da menina de Mani Todos ficaram muito felizes ao nascimento da menina menos o pai de Monica porque ele não gostava da menina filha de	e odos na aldeia ficaram muito felizes comemoraram muito menos o pai de Mônica porque não gostava da menina que tinha nascido	todas as pessoas da tribo adoraram ela ela era a filha do cacique e no nascimento da menina lanca fizeram uma festa de comemoração ao nascimento da lanca e

	Mônica sempre desprezava Mani		todos ficaram muito felizes
TA	seus pais deram o nome de Mani	bem branquinha, que até os seus paíz se assustaram quando viu sua filha e deram o nome de Mani. Então seus pais fikaram muito feliz com a sua chegada.	-
TS	de pele bem branca e cabelo bem loiro deu o nome da filha de Mandi	-	de pele alva e cabelos tão louros quanto a luz do luar. deram-lhe o nome de Mandi e na tribo ela era adorada como uma devendida. (<i>divindade-obs. nossa</i>)
YG	com a pele branca como o luar que rapidamente colocaram o seu nome de Mani. Mani era uma menina muito inteligente e muito legal, todos na tribo gostavam dela, pois ela era uma menina muito meiga	Mani era muito bonita e alegre que nasceu para um casal de índios Tupis. Mani era a alegria de toda a tribo, pois era uma menina meiga e muito alegre	uma linda indiazinha de pele branca como o luar e de olhos azuis como o mar. Mandi era a alegria de toda a tribo, todos gostavam dela pois ela era uma menina gentil e muito inteligenti.

A narrativa do nascimento da protagonista aparece mesclada por descrições dessa personagem. Quisemos, no entanto, comentá-las numa seqüência específica, com vistas a realçar a expressão lingüístico-textual dos aprendentes.

Verificamos que dez textos omitem a descrição da criança. Catorze dos aprendentes que a descrevem o fazem nas três versões, somando um total de quarenta e dois textos. Dois aprendentes descrevem essa personagem em duas versões e, outros dois, em apenas uma.

Os aprendentes descrevem a protagonista assim: “adorada entre a tribo [...] pele muito alva”; “uma criança muito formosa [...] pele de uma cor bem alva [...] virou a alegria da tribo”; “com a cor alva e muito diferente de todos os curumins”; “branca como uma mandioca”; “branca como um leite”; “ela foi a alegria da moça”; “branquinha [...] comia pouco e pouco bebia”; “Sua pele era branca como jamais se tinha visto”; “era a alegria das pessoas da tribo, só não do cacique”; “branca como a lua”; “com cabelos loiros que é impossível os índios nascerem assim”; “comia pouco

e pouco bebia. [...] Mani parecia esconder um mistério”; “Mani era branca e não como os outros índios [...] era alegre e divertida”; sua pele era branca, seus olhos negros e seus cabelos loiros”; “de pele tão branca quanto o luar, os olhos tão azuis e a cabeleira muito negra [...] linda garota”; “ela tinha a pele tão branca quanto a luz do luar, os olhos tão verdes, quanto as folhas das árvores, os cabelos tão negros quanto a pele dos curumins da tribo”; “ela era de uma pele alva como a neve; muito branca, ela era a neta do cacique”; ela era muito especial para a tribo [...] ela era a única índia de pele branca; ela era uma pessoa com saúde, era feliz [...] uma índia Branca a única da tribo”; “muito bonita de cabelos Bem Longo Branquinha era a única índia Branca de lá da tribo”; muito bela”; “com a pele branca como leite e muito bela [...] o tempo ia passando e ela ia ficando mais bela do que nunca”; “linda indiazinha”; “ela era muito deferente das outras meninas que nascem ela era uma menina de pele branca as outras eram de pele marrom”; “Mani era muito inteligente e muito legal, todos da tribo gostavam dela, pois ela era uma menina muito meiga”; uma linda indiazinha de pele branca como o luar e olhos azuis como o mar [...] gentil e muito inteligenti”.

Já nos referimos à criatividade dos aprendentes ao descreverem a mãe da protagonista e o jovem que aparecia em seus sonhos. No entanto, constatamos competência descritiva ainda maior com relação à protagonista. Todas as qualidades atribuídas a ela, destacando-a dentre todas as outras crianças da tribo, expressam os quantos ela é especial e, por isso mesmo, diferente.

Quando os aprendentes dizem que “ela era a alegria da tribo” estão afirmando que a protagonista é um ser importante para toda a tribo e não apenas para a sua mãe. Só uma pessoa não gostava dela, o avô, o cacique.

As comparações empregadas para descrever a protagonista, em alguns textos, exaltam-lhe ainda mais a beleza: “pele tão branca quanto a luz do luar”; “cabelos loiros que nem a lua”; “branquinha que nem a lua”; “pele branca como o luar e olhos azuis como o mar”.

Catorze textos registram que a protagonista se tornou muito importante para todos na tribo e utilizam expressões variadas para dizerem isso: “era adorada”, “alegria da tribo”, “orgulho da tribo”, “todos adoravam a menina”, “todos da tribo gostavam dela”.

Os aprendentes que apresentam a protagonista “adorada por todos na tribo” assimilaram, da versão paradigmática, a idéia de que ela era, na tribo, comparada a uma divindade. Temos, nesse fato, um exemplo de que aquilo que não é compreensível, de modo natural, passa a ser compreendido no plano sobrenatural.

Inferimos, com isso, que a variedade de expressões metafóricas encontradas nos textos foi estimulada pela necessidade de expressar, por meio de atributos plausíveis, o significado que essa personagem foi adquirindo para o aprendente no decorrer da narrativa, em cada versão, e das narrativas, se considerarmos a sucessão de versões produzidas por ele.

Isso vem confirmar, mais uma vez, que a arte, no caso específico dessa pesquisa, a literatura oral, influi significativamente no desenvolvimento da capacidade criadora do aprendente.

Quadro 12
Como os aprendentes projetam o definhamento da protagonista

Aprendente	T1	T2	T3
AC	-	-	-
CD	-	-	-
DA	-	Passaram-se algum tempo e Mani, parecida esconder um grande mistério, pois comia pouco e bebia pouco.	Os anos se passaram e Mani cresceu. Mas Mani escondia um grande mistério. Pois comia pouco e bebia pouco, Mani continuou assim
DL	-	-	-
GS	-	Uma bela manhã Mani não se levantou da rede. O pajé deu ervas e bebidas à menina. Mani sorria muito doente, mas sem dores.	Um dia ela adoeceu, o cacique mandou buscar ervas, ela estava muito mal e Mani sorria
IJ	Passaram-se três anos e Mani adoeceu, não brincava, não comia, só bebia água. Mara ficou muito triste, pois Mani só bebia água, não bebia mais o leite de seus seios.	Passaram-se três anos, Mani, por sua vez não falava não saía da rede, nem tampouco comia.	Depois de três anos, Mani, como foi batizada, não quis mais comer, só bebia leite materno.
JM	-	Mas um certo dia, Mani estava estranha como se guardasse um segredo, e não saiu da rede, ela não comia e nem bebia nada	Um certo dia Mani estava estranha e muito doente, ela não queria comer e nem beber.
JA	somente ela um dia a menina estava tão cansada e deitou-se na sua pequena rede de Palha e começou a penca em coisas reais e quando ela nasceu	aí um dia quando todo mundo foi dormir e Mani também aí chegou de manhã aí todos índios que estava na Oca que Mani todos levantaram da sua rede menos Mani os índios até ficaram assustado de mani não ter levantado aí chamaram seus pais	mais aí em alguns dias a menina feliz não era mais assim ficou tão triste que não queria comer, nem Bebê água só ficava quieta no seu canto não queria saber de nada ela tava muito quieta a sua tribo estava até notando a Sua falta de tão quieta sem comer nem bebe ela ficou doente e acabou morrendo na sua pequena Rede
KO	-	-	-
KV	um Tempo depois a menina adoeceu	Um certo dia, Mani adoeceu	Mas ela, não desconfiava que seu destino estava traçado pela morte, e mal, sabia ela, o seu destino cruel nem mesmo a sua própria família que acompanhava o seu crescimento até o fim da sua vida, e um dia trágico aconteceu. Uma bela manhã ela ficou doente
MF	Mani comia pouco e bebia pouco. Numa noite Mani se levantou da rede, o Pajé deu ervas e	Certa noite Mani adoeceu, csem dores nenhuma. Numa noite de luar Mani se	comia pouco e pouco bebia. Mani parecia esconder um mistério. Uma bela manhã Mani não se levantou da rede. O

	bebidas.	levantou da rede. O pajé deu ervas para ela	pajé deu ervas e bebidas à menina. mani sorria muito doente, mas sem dores.
MS	Mas a menina ficou muito doente com febre, tocer, dor de cabeça, muito doente mesmo	no certo dia Mani tinha um grande mistério escondido, numa noite de lua cheia Mani passa muito mal. Na manhã seguinte Mani não queria comer nada e não beber nada.	No certo dia a indiazinha estava muito doente e não comia e nem bebia mas teve um dia que Mani foi doesendo
NF	Depois de algum tempo ela não queria comer	e foi passando o tempo ela completou três anos	passou algum tempo ela não comia e nem bebia nada
RS	-	-	Depois de tempos a criança ficou doente e não queria mais comer
RA	-	um dia mani adoeceu	passou algos tempo Mandi na queria come bebe água
SC	comia e bebia muito pouco, uma certa manhã Mani não se lelvantou da rede e o quaseque deu ervas a Mani mas Mani não melhorava a menina ficou muito fraca e sorridente,	[...] Mani não se levantou da rede. Mani estava muito fraca.; SC3, Mani não se levantou da rede, o cacique deu ervas a mani mas Mani não melhorou, a menina ficou doente. Mani sempre permanecia sorrindo.	até que um certo dia lanca ficou triste não queria se alimentar não queria comer nada ela já estava doente e ficava com muita febre
SU	-	-	até que um certo dia lanca ficou triste não queria se alimentar não queria comer nada ela já estava doente e ficava com muita febre
TA	que quando todos dormiam ela ia olhar a lua, ela se deitava na rede e começava a olhar a inda lua. Quando chegou em casa sua mãe falou mani onde vc estava? eu tava vendo o luar da noite. No outro dia quando sua mãe foi ao seu quarto, ela chamou três vezes mani, mani, mani posso entra mais mani não respondeu e sua mãe ficou preocupada com mani, sua mãe falou posso entrar, mais mani não respondeu outra vez. Então sua mãe entrou em seu quarto e ela viu sua filha deitada na cama, e aí sua mãe chamou mani minha filha acorde já é ta de manhã e mani não acordava sua mãe	Quando mani foi deta muito Fraca, mais também Mani pouco bebia e pouco comia, quando Mani foi deitar muito fraca durmiu	maria já não comia e nem bebia nada. lanka ficou preocupada com sua filha! A mãe de lanka já não acreditava mais nela mais seu pai foi embora de casa pork lanka o disprezou.

	preocupada chamou de novo mani acorde e sua mãe meu Deus será que ela morreu ô meu Deus minha filha única.		
TS	até que um dia mandi ficou muito doente	e mandi ficou muito doente	Passou alguns tempos Mandi adoeceu ficou muito doente
YG	Em um dia ensolarado Mani não se levantou mais de sua reidinha pois estava muito doente	Em um dia ensolarado Mani não se levantou mais de sua reidinha pois estava muito doente	Os dias forma se passando e Mandi ficou doente, não queria se levantar e só ficava em sua reide se lamentando de dor.

Os textos dizem que a menina “parecia esconder um mistério”, passando a se alimentar pouco. Ficou doente e, mesmo durante o tratamento com ervas, ela “sorria”. Esses aprendentes reafirmam que a protagonista é alguém especial ao realçarem o seu caráter alegre, mesmo na doença.

Percebemos nessa seqüência que os aprendentes, cada um a seu modo, constroem um ambiente de recolhimento, no qual a protagonista torna-se o centro das atenções, inclusive do cacique. Uma ou outra versão da lenda mostra a menina com febre, muito fraca e a mãe preocupada com a sua saúde e, em alguns textos, também com seu isolamento.

Na versão paradigmática esse momento é narrado de modo lacônico: “Pouco tempo depois, a menina adoeceu e acabou falecendo” ao passo que nas versões dos aprendentes encontramos informações precisas com dados sobre o estado físico e psicológico da protagonista bem como sobre a preocupação da sua mãe, do cacique, e da tribo, por extensão, para com ela.

Ao analisarmos o modo como os aprendentes se expressam, inferimos que, ao construírem suas versões da lenda, eles projetam o mundo de suas vivências, experiências importantes que, no momento da produção textual, ressurgem como auxiliares na realização da tarefa de escrever. Ora, produzir sua própria versão da

Lenda da Mandioca a partir de versões orais e de um texto proposto, foi, para muitos desses aprendentes, um grande desafio.

Quadro 13
Como os aprendentes projetam a morte da protagonista

Aprendente	T1	T2	T3
AC	Depois Mandi morreu para tristeza de todos menos do cacique.	Mas de repente Mandi morre para tristeza de todos da tribo	Um dia misteriosamente Mandi morreu
CD	então ao passar dos dias sua filha morreu	e ao passar do tempo Mani morreu	Então mani morreu
DA	depois de um tempo Mani morreu. Toda tribo ficou muito triste, pois todos sentiu falta dela.	O tempo foi se passando e Mani morreu. Toda a tribo se entristeceu,	e acabou morrendo. Todos da tribo ficaram muito tristes
DL	mas um dia morreu, de modo que dias antes ela não se alimentava, morria silenciosamente e Toda a tribo se entristeceu.	Mas, anos após, a menina morreu.	Depois de tempos morreu
GS	anos depois a filha dela faleceu misteriosamente	E sorrindo Mani morreu.	e sorrindo Mani morreu, todos da aldeia ficaram muito tristes menos o cacique que não aceitara a filha de Mara.
IJ	Mani faleceu pois estava muito fraca.	Mani morreu numa noite de luar. Seu povo ficou triste.	Mani faleceu
JM	Passado dias Mandi morreu em sua rede de forma misteriosa	e morreu. A tribo toda ficou abalada e mais ainda seus pais.	Mau passou algumas horas e ela morreu.
JÁ	e quando viram ela estava morta ela tinha falecido em sua pequena e favorita rede ai quando foi de manhã a sua tribo foi chama-la viram que ela estava morta na rede chamaram sua família para ir lá	quando eles chegaram lá mani está morta e mani antes né deu um piu antes de morrer	-
KO	Mani morreu	faleceu porque não queria comer nada a tribo ficou muito triste pelo falecimento de Mani	depois de tão doente mani Morreu
KV	e acabou morrendo	e acabou morrendo sem explicação, sua mãe e toda a tribo ficaram muito tristes com a notícia	e acabou morrendo
MF	E sorrindo Mani Morreu	e sorrindo Mani morreu. Todos os índios ficaram triste por que tinha morrido um membro de sua família	E sorrindo Mani Morreu

MS	então muito feliz Mandi morreu e então o avô sobe dessa morte ai que o avô veio aceitar a filha de volta	no fim da tarde escurece muito e Mani cansada deita na rede e feliz morre. Então os tupis com os olhos cheios de lágrimas sabem que uma linda indiazinha morre.	e Mani morreu. Os pais de Mani ficaram muito triste e toda a tribo ficaram triste por essa indiazinha muito bonita chamada mani.
NF	e ai ela morreu	ela morreu então todos choravão encima dela	então ela morreu
RS	Mani morreu deixando sua mãe e todos da aldeia tristes	passado alguns dias o bebe morreu	então em um dia ela morreu e a mãe dela ficou muito triste
RA	Mandi morreu e toda a tribo ficou triste	quando passou alguns dias Mani morreu. A mãe de Mani chora e a tribo se entristece	quando foi um dia Mandi morreu e a Mara chorrou tanto pela morte de Mandi.
SC	e sorrindo Mani morreu.	e sorrindo Mani morreu.	e sorrindo Mani morreu.
SU	até que um certo dia a filha de Mônica morreu	até que um certo dia a linda menina morreu e todos ficaram muitos tristes	Até que um certo dia a pequena lanca morreu e todos da aldeia ficaram muito triste
TA	Então mani morreu sua mãe foi chamou seu pai o nome dele era Pedro seu pai ele viu sua filha na cama morta e disse mais também mani comia pouco e pouco bebia mani parecia esconder um mistério minha filha	Mas quando Amanheceu Mani já estava morta	-
TS	e acabou morrendo	e mandi acabou morrendo	e acabou morrendo
YG	e ela não levantou-se mais de sua reide, pois havia falecido. Todos ficaram muito triste, pois ela era uma pessoa muito especial.	Os dias foram se passando e Mani morreu silenciosamente em sua reide.	No dia seguinte Mani não resistiu e morreu, todos ficaram arrasados principalmente a mãe dela.

O texto paradigmático diz que o falecimento da protagonista deixou todos amargurados e que “somente seu avô, que nunca aceitara a netinha, manteve-se indiferente”. Em trinta e cinco versões dos aprendentes encontramos essa mesma concisão. As demais versões apresentam informações mais detalhadas sobre a morte da indiazinha.

Encontramos diversas expressões empregadas como que para dar maior visibilidade à dor e ao vazio deixados pelo desaparecimento da protagonista, como: “toda a tribo ficou muito triste, pois todos sentiu falta dela; toda a tribo se

entristeceu”; “morria silenciosamente”; “faleceu misteriosamente”; “faleceu, pois estava muito fraca”; “Mani morreu numa noite de luar. Seu povo ficou triste”.

A expressão “morreu numa noite de luar” evoca os sonhos da mãe da protagonista e sua concepção, no plano sobrenatural. Nessa versão ela retorna ao princípio da criação (a lua é cíclica nas suas diferentes fases), passando a pertencer a outro plano e, com isso, fica o vazio causado por sua ausência.

“Mandi morreu em sua rede de forma misteriosa”; “a tribo ficou abalada”; “tinha falecido em sua pequena e favorita rede”; e, para dizer que ela morreu em silêncio, encontramos a expressão “né deu um pio antes de morrer” (não deu um pio antes de morrer – correção nossa); “acabou morrendo sem explicação”; “Mas quando Amanheceu Mani já estava morta”; “Mani não resistiu e morreu, todos ficaram arrasados principalmente a mãe dela”; “Todos ficaram muito tristes, pois ela era uma pessoa muito especial”.

Constatamos que alguns aprendentes relataram a morte da protagonista como uma situação possível de causar alegria para ela: “e sorrindo Mani morreu”; “então muito feliz Mandi morreu”; “no fim da tarde escurece muito e Mani cansada deita na rede e feliz morre”.

Verificamos que os aprendentes procuraram enriquecer seus textos com formas diferentes daquela da versão paradigmática, aproximando-se mais da modalidade falada da língua, sem a preocupação da precisão ou da elegância de expressão, como é de se esperar na linguagem escrita. Isso denota que eles estavam à vontade ao produzirem os textos e ocupados em narrar a lenda por escrito como se o fizessem oralmente.

Observamos, também, que a morte da protagonista foi narrada em algumas versões, como algo muito natural. Isso pode ser confirmado pelo emprego das

expressões “morria silenciosamente”; “tinha falecido em sua pequena e favorita rede”; “e sorrindo Mani morreu”; “muito feliz Mandi morreu”; “no fim da tarde escurece muito [...] deita na rede e feliz morre”.

Esse caráter de naturalidade conferido à morte pode ser atribuído a sua inevitabilidade à que todo ser vivo está sujeito, ou, também ao fato dos aprendentes conhecerem, de antemão, o que sucederá à protagonista.

Seja o que for, interessa-nos, nesse trabalho, a desenvoltura com que os aprendentes disseram o que foram capazes de dizer, num período de tempo determinado (50’) e numa situação específica de produção (4º ou 5º tempo, turno vespertino, sala quente, quarenta alunos na mesma sala de aula, e ainda, uma professora que se encontrava com eles apenas uma vez na semana).

- **Enterro da protagonista, luto de sua mãe e da tribo**

Quadro 14
Como os aprendentes projetam o enterro da protagonista

Aprendente	T1	T2	T3
AC	Então Mara mandou enterra Mani na oca.	então mandi é enterrada em sua própria oca	e sua mãe a sepultou na oca,
CD	então ela a enterrou em sua oca	e ela foi enterrada na sua oca	-
DA	A mãe não querendo se separar da menina enterrou em sua oca.	-	Enterrou Mani em sua oca.
DL	Ela foi enterrada em sua oca (onde nasceu)	Enterrada na oca onde nasceu,	e foi enterrada em sua oca.
GS	Mara enterrou a sua filha dentro de sua própria oca para ficar perto dela	Os pais enterraram-na dentro da própria oca	Mara enterrou o corpo de Mani dentro da oca
IJ	enterrou sua filha na oca, pois não queria se separar de Mani.	Mara enterrou Mani em sua oca abaixo de sua rede não queria ficar longe da filha. Seu povo ficou triste.	e foi enterrada na oca de sua mãe. A mãe de Mani decidiu enterrá-la abaixo de sua rede assim não se separaria de sua filha.
JM	e sua mãe muito triste, quis enterrá-la na sua oca porque não queria se afastar dela	A mãe de Mani enterrou ela na própria oca, para ficar mais perto dela.	A mãe dela a enterrou em sua oca, porque não queria ficar longe de sua filha.
JA	enterraram ela no seu caixão.	aí os índio enterraram mani na sua oca [...] aí sua mãe ficou muito triste Toda a sua tribo também	aí a sua mãe enterrou a menina

KO	-	então enterraram mani debaixo da terra	e sua mãe Daiana foi enterrar
KV	e Mara enterrou Mani na sua oca porquê não queria se separar dela	E enterraram Mani na oca, onde moravam	e ela foi enterrada na oca.
MF	Sua mãe resolveu enterrá-la na sua própria oca	A mãe resolveu enterrá-la na sua própria oca.	Os pais enterraram-na dentro de sua própria oca.
MS	-	no certo dia eles cavam ¹² Mani na sua própria oca	Os pais dela cavaram ela na mesma oca de sua tribo
NF	a mãe chorava todos os dias e derramava lágrimas de seus olhos ela foi enterrada na oca	ela foi enterrada na oca da mãe o pai dela chorava muito	e foi enterrada na oca dos pais
RS	Sua mãe a enterrou dentro de sua oca para não se separar jamais de sua filha	e o enterraram em sua oca	e a enterraram
RA	a mãe de Mandi a enterrou na oca dela	Mani foi sepultada na oca	A Mara enterrou a Mandi na sua oca
SC	sua mãe muito triste enterrou-na dentro de sua própria oca	sua mãe enterrou-na dentro da própria oca	Sua mãe muito triste enterrou Mani dentro de sua própria oca
SU	-	-	-
TA	-	então sua mãe e seu pai enterrou num buraco	-
TS	Mara enterro a filha em sua oca	Mara resolveu enterra ela em sua oca	Ai Mara sepultou a filha em sua oca, por não querer separar-se dela
YG	Sua mãe muito triste para não se separar de Mani, a enterrou em sua oca.	Seu pai muito triste para não se separar de Mani, a enterrou em sua oca. Todos os dias eles chorava com a falta de Mani	A mãe de Mandi a enterrou em sua própria oca para não se separar de sua filha adorável.

Nove textos omitem essa seqüência. Quarenta e quatro versões, em conformidade com a versão paradigmática, registram que a protagonista foi enterrada na oca.

Apenas cinco versões diferem das demais e registram que “ela foi enterrada no seu caixão”; uma versão registra que ela foi enterrada pela mãe e pelo pai, “num buraco” e duas versões registram que a mãe enterrou a menina. Uma versão, ainda, registra que “enterraram mani debaixo da terra”.

¹² MF/2/3 emprega o verbo “cavar” com o sentido de “enterrar, sepultar”. Acreditamos que, não encontrando o termo adequado para a ação, o aprendente empregou outro, por associação de sentido.

Alguns textos nos quais encontramos que a protagonista foi enterrada na oca acrescentam que assim foi feito porque a mãe não queria se separar da filha, ou, “para ficar perto dela”. IJ1/2 chega a dizer que Mara enterrou Mani em sua oca, “debaixo de sua rede”, porque assim não se separaria de sua filha.

Esse momento da narrativa toca o simbolismo telúrico. O elemento terra está inserido no cotidiano como algo que gera em nós sentimento de apoio, segurança e proteção. O espaço de terra no qual nos fixamos, enquanto lugar de residência, situa-nos, geográfica e socialmente. Além disso, conforme Zelita Seabra (1996), a terra propicia e faz presente a experiência do colo que, enquanto envolvimento com o corpo da mãe, está próxima à experiência uterina. O colo é também, aquela experiência de apoio que permite crescimento. Para a autora, o ser humano afirma-se e define-se na relação com a terra, o mais humano dos elementos (p.185).

Ao constatar que em quase a totalidade dos textos analisados os aprendentes narram o sepultamento da protagonista, percebemos que esses produtores textuais assimilaram a importância desse evento para o contexto da narrativa. Constatamos, também, uma escrita densa de emotividade, o que denota que houve envolvimento dos aprendentes, provavelmente, pela relação desse ato fictício com as experiências reais. Os textos apontam a proximidade entre a relação mãe e filha e a relação protagonista – terra. Terra e mãe se fundem no simbolismo do aconchego e da fecundidade. A terra desempenha papel materno também quando a vida cessa, diz Seabra (1996), e, a prática mais antiga e mais universal para com os mortos, é a de enterrá-los e providenciar para que tenham um retorno seguro a seu “lugar” (ELIADE, 2002).

Com essa seqüência narrativa da lenda em questão, bem como, com todo o texto que narra a Lenda da Mandioca, o produtor das versões que compõem o corpo

textual com o qual trabalhamos pode entrar em contato com um texto construído oralmente e mantido por gerações, e, nele, encontrar um modo de tratar realidades como a vida e a morte, conferindo-lhes significado, a partir de suas experiências, de sua visão de mundo.

Quadro 15
Como os aprendentes projetam o luto da mãe da protagonista e da tribo

Apredente	T1	T2	T3
AC	Mara sempre chorava no túmulo e seu leite caía no túmulo de Mandi	Depois seus pais regavam a terra com choro.	e sempre sua mãe ia a sua sepultura e chorava muito e a água de seu choro começou a regar a terra
CD	então ela chorava muito porque a sua filha tinha morrido	-	sua mãe chorou, mas chorou sobre seu corpo.
DA	-	eles regavam o túmulo de mani com lágrimas.	A mãe de Mani chorou tanto que regou a oca de Mani com suas lágrimas,
DL	Sempre sua mãe ia até lá deixando cair leite de seus seios no túmulo.	-	-
GS	todos os dias Mara chorava no túmulo de sua filha Mani deixando cair leite de seus seios para que a filha voltasse a viver,	e regavam a sua cova com água, como era costume dos índios tupis, mas também com muitas lágrimas de saudades.	Todos os dias Mara ia até lá chorar, deixando cair suas lágrimas e um pouco de leite dos seios dela
IJ	Mara chorava muito e ainda tinha muito leite em seus seios. Chorando e derramando leite de seus seios ela regou a sepultura de Mani.	-	A mãe de Mani chorava todos os dias. E se perguntava “Por que com a minha filha? a alegria de sua tribo”.
JM	-	A tribo e os seus pais “regavam” constantemente o seu túmulo com lágrimas	A tribo toda ficou abalada e todo dia a tribo “regava” a sepultura de Mani com lágrimas.
JA	E sempre a sua mãe ia lá visitá-la na sua parte do caixão;	e o que regavam era o leite do peito de sua mãe que pingava ao ver o caixão de sua única filha lá na oca [...]	e toda noite ia ver a menina, ela chorava e a sua lágrima era o que derramava no caixão
KO	-	-	-
KV	e todos os dias Mara ia regar a sepultura de sua filha com suas lágrimas de Saudade e de Tristeza.	e sua mãe todos os dias ia regar com lágrimas onde foi enterrada	e todos os dias ela chorava suas lágrimas de saudades no túmulo

MF	Sua mãe chorava e regava sua sepultura com lágrimas. Numa certa manhã sua mãe foi na sepultura de Mani. Chorava muito, derramava leite de seus seios.	e regavam a sua cova com água como era costume dos índios tupis, mas também com muitas lágrimas de saudades.	-
MS	-	-	-
NF	e derramava lágrimas de seus olhos	-	então a mãe ia lá na oca e deixava o leite do peito cair
RS	todas as noites sua mãe chorava no lugar onde ela tinha sido enterrada.	todo dia os índios iam chorar em seu túmulo	todos os dias a mãe e o resto da tribo iam visitar o túmulo da criança e choravam muito e regavam aquele lugar e iam embora
RA	-	-	-
SC	e todos os dias sua mãe regava o túmulo de Mani junto com suas lágrimas	sua mãe chorava em seu túmulo e regava com suas lágrimas	todos os dias, Mara chorava na sepultura de Mani regando a terra,
SU	e a sua mãe chorava muito em todas as noites e ela ia aonde ela tinha morido todas as noites ela chorava por causa da sua filha que tinha morido ela deixava cair leite aonde a filha tinha morido para ver se a filha dela renasceria novamente.	Toda noite a mãe da menina chorava em seu túmulo.	a mãe de lança chorava todas as noites por causa de sua filha que tinha morrido e ficava muito triste.
TA	-	-	-
TS	Todos os dias iam chorar escorrendo lágrimas e derramando leite de seus seios	todos os dias Mara ia visitar Mandi e Mara comensava a chorar e deixando cair leite de seu peito	Desconsolada, chorava todos os dias, de joelhos diante do local deixando cair leite de seus seios na sepultura talvez assim a filha voltasse a vida passada.
YG	-	-	-

Vinte e dois textos omitem os sentimentos da tribo e da mãe da protagonista depois do enterro da indiazinha. Aqueles aprendentes que o registram, fazem-no a partir do que assimilaram da versão paradigmática que diz que Mara chorava desconsolada, “todos os dias, de joelhos diante do local, deixando cair leite de seus seios na sepultura”.

Os textos destacam a reação da mãe da protagonista com as seguintes expressões: “a mãe chorava e seu leite caía no túmulo de Mandi”; “deixando cair leite de seus seios no túmulo”; “chorando e derramando leite ela regou a sepultura de Mani”; “[...] e a água de seu choro começou a regar a terra”; “o peito de sua mãe pingava ao ver o caixão de sua única filha lá na oca”; “regava a sua cova com água como era costume dos índios tupis, mas também com muitas lágrimas de saudades”; “os índios iam chorar em seu túmulo”; “o resto da tribo iam visitar o túmulo da criança e choravam muito e regavam aquele lugar e iam embora”; “Desconsolada, chorava todos os dias de joelhos diante do local deixando cair leite de seus seios na sepultura talvez assim a filha voltasse a vida passada”.

As versões dos aprendentes conservam a simbologia do elemento líquido contida na versão paradigmática, porém, expressam-na, nos textos, por uma variedade léxica e semântica mais ampla. Além disso, nessas versões encontramos informações adicionais que denotam dinamismo, como a participação ativa da tribo naquele momento especial da mãe da protagonista.

Observamos que as palavras “lágrimas” e “leite”, precedidas ora pelo verbo *regar*, ora pelo verbo “derramar” ou palavra equivalente, são encontradas em todos os textos. Ao mesmo tempo em que essas palavras exprimem dor pela morte da protagonista antecipam o simbolismo nelas contido, de vida, regeneração, fecundidade. “Das águas do inconsciente universal surge tudo o que é vivente, como da mãe” (CIRLOT, 2005, p. 62). A esse respeito autor diz:

[...] elemento mantenedor da vida que circula através de toda a natureza em forma de chuva, seiva, leite, sangue. Ilimitadas e imortais, as águas são o princípio e o fim de todas as coisas na terra. [...] A imersão nas águas significa o retorno ao pré-formal, com seu duplo sentido de morte e dissolução, mas também de renascimento e nova circulação, pois a imersão multiplica o potencial da vida. [...] As águas simbolizam a união universal de virtualidades que se encontram na precedência de toda forma de criação (p. 62)

Naturalmente não se pode esperar que os aprendentes tenham consciência da riqueza simbólica contida nessa seqüência, nem, tampouco, subestimar sua capacidade de apreendê-la. No entanto, importa notar, aqui, o emprego de vocábulos essenciais na captação do momento em que a protagonista se encontra no limiar.

Na lógica do mito, nascimento, morte e renascimento estão associados à água. Na lenda estudada a água (em forma de lágrimas) é vertida pela genitora daquela cuja sepultura é regada. Parece que também aqui os aprendentes projetam no texto os elementos afeto, amor materno, emotividade, como expressão de experiências vividas, sobretudo, na relação familiar. Percebemos, assim, que as seqüências da narrativa não se comportam de maneira rígida, mas respondem à necessidade do narrador, de somar ou subtrair elementos, de modo a satisfazer aos imperativos da comunicação.

SU conclui as suas três versões da lenda com essa seqüência.

- **Ressurgimento da protagonista em forma de planta – natureza vegetal.**

Quadro 16
Como os aprendentes projetam o ressurgimento da protagonista

Apredente	T1	T2	T3
AC	Depois de uns dias nasceu um arbustro	Então de repenti cresce uma planta	depois começou a cresce uma planta
CD	eao passar do tempo nasceu um pequeno galho e bem na terra tinha uma semente	E ao passar do tempo nasceu uma linda planta	Daí nasceu uma planta
DA	Depois de algum tempo a mãe sentiu que a menina queria sair da cova. Quando ela desenterrou a menina, ela não estava mais lá, da menina só encontrou uma coisa	Depois de um tempo começou a sair uma plantinha do túmulo de Mani	o tempo foi passando e eles perceberam que do túmulo de Mani nascia uma plantinha bem verdinha
DL	Certo dia, brotou de lá uma planta,	de seu túmulo nasceu uma planta,	De lá brotou uma planta
GS	dias depois nasce uma	Um dia perceberam que o	um dia havia nascido

	plantinha no lugar onde Mani foi enterrada	túmulo de Mani rompia uma plantinha	uma plantinha no túmulo de Mani
IJ	Depois de um tempo, do chão da Oca de Mara surgiu uma planta.	No lugar onde Mani foi enterrada nasceu uma moita	Pouco tempo depois brotava uma planta
JM	Depois de alguns dias da morte de Mandi, abriu uma fenda na terra,	e assim no lugar onde estava o túmulo de Mani, nasceu uma planta.	Passaram-se alguns dias e uma planta de caule muito forte nasceu no lugar onde Mani foi enterrada
JÁ	-	Quando foram ver tinha nascido uma planta lá onde Mani estava enterrada	e de lá nasceu a mandioca e quem era Mani
KO	Onde Mani foi enterrada nasceu uma planta	Onde Mani foi enterrada nasceu uma planta	Onde Mani foi enterrada nasceu uma planta
KV	Quando um dia, ela viu brotar um arbusto de sua sepultura e semanas depois virou uma bela planta	um belo dia viu brotar um arbusto	uma manhã ela acordou e viu um arbusto brotando de lá
MF	Botou um abustre uma plantinha,	Uma manhã brotou uma plantinha	Um dia perceberam que do túmulo de Mani rompia uma plantinha
MS	Mas no dia cedo foi nascendo uma planta muito rápido	então com o demorar do tempo os tupis vejam sua oca se rachando então eles cavaram e lá no fundo do buraco tinha uma planta	No dia seguinte teve uma planta (muito branca)
NF	depois nasceu uma planta	então dela brotou uma folha verde	então lá brotou uma folha verde
RS	Depois de um bom tempo nasceu uma planta	em um belo dia foram visitar ele encontram uma planta	mais em um belo dia a sua mãe foi ver o túmulo e lá tinha nascido uma planta
RA	alguns dias depôs nasceu um arbusto	passou algundia e no local onde Mani esta nasceu uma planta	passou alguns dia e nasceu uma planta no lugar da Mandi
SC	A mãe de Mani notou um broto de uma folha desconhecida e foi crescendo	e nasceu uma planta	um dia a mãe de mani observou; um broto brotando em sima de seu túmulo,
SU	-	-	-
TA	e quando mani morreu nasceu uma semente que era mandi o nome que deram pra semente. A semente cresceu e ficou rica na tribo dos índios em troca da índia nasceu uma semente	E Mani deixou uma semente	-
TS	ai Mara foi em sua oca na sepultura de Mandi e viu uma folhas	um dia nasceu uma planta na oca onde Mandi foi sepultada	Passou alguns tempos Mara foi em sua oca e viu cresce um semente e foi crescendo
YG	Os dias foram se passando e no lugar em que Mani foi enterrada nasceram grossas raízes	Ao anoitecer, eles viram que nasceram grossas raízes	Os dias foram se passando e no lugar em que Mani foi enterrada nasceram grossas raízes

Etimologicamente, *metamorfose* significa “transformação”, isto é, mudança de forma, e é o título de várias obras literárias do mundo greco-romano, que narram as transformações de homens em animais, plantas, fontes ou objetos, explorando artisticamente mitos e contos populares herdados da tradição oral (D’ONOFRIO, 1999, p. 157).

Deduzimos que para os aprendentes essa etapa da narrativa se constitui na mais surpreendente e emocionante de todas. Trata-se do ápice, do inusitado. Pudemos conferir isso quando constatamos que a quase totalidade das versões registra o fenômeno e que apenas cinco versões não o fazem.

A versão paradigmática registra o nascimento de uma planta na cova da protagonista, assim: “Até que um dia surgiu uma fenda na terra de onde brotou um arbusto”, no entanto, as versões dos aprendentes são bastante criativas, sendo que nenhum deles repete expressões nas suas três versões. Mesmo naquelas muito parecidas, sempre há um advérbio, um adjetivo, uma forma verbal ou o próprio modo de nomear a planta, diferenciando uma versão da outra.

Pudemos verificar o exposto pela diversidade de expressões encontradas nos textos analisados. Transcrevemos, a seguir, apenas aquelas que denominam e caracterizam o vegetal bem como o verbo que as acompanha.

Temos, portanto: “nasceu um arbusto”; “cresce uma planta”; “começou a cresce uma planta”; “nasceu pequeno galho”; “nasceu linda planta”; “começou a sair uma plantinha”; “nascia uma plantinha bem verdinha”; “brotou de lá uma planta”; “nasceu uma planta”; “brotou uma planta”; “nasce uma plantinha”; “rompia uma plantinha”; “havia nascido uma plantinha”; “surgiu uma planta”; “brotava uma planta”; “uma planta de caule muito forte nasceu”; “tinha nascido uma planta”; “naceu a mandioca”; “ela viu brotar um arbusto [...] depois virou uma bela planta”; “Botou um abustre uma plantinha; rompia uma plantinha”; “foi nascendo uma planta”; “notou um

broto de uma folha”; “um broto brotando”; “nasceu uma semente”; “deixou uma semente”; “viu umas folhas”; “viu cresce um semente”; “nasceram grossas raízes”.

Segundo Cirlot (2005, p. 465), as plantas são imagem da vida e “expressam a manifestação do cosmo e o aparecimento primeiro das formas”. O autor afirma, ainda, que “Outro aspecto essencial destas é seu ciclo anual que patenteia o mistério da morte e da ressurreição, que pode ser simbolizado por meio delas”.

Nessa seqüência, constatamos que, diante da impossibilidade de descrever o mistério da vida que se renova, os aprendentes o fazem da forma como entendem que ele se manifesta. Isso denota a capacidade de contextualização. Desse modo, a partir dos dados coletados nos textos, entendemos que os aprendentes foram bem sucedidos ao registrarem essa etapa lenda nas suas produções, não obstante as limitações quanto à fonética e à ortografia. Os problemas dessa ordem precisam, sim, ser corrigidos, e cabe à escola fazê-lo, em situações de aprendizagem destinadas a esse fim. No entanto, o foco da pesquisa aponta, justamente, para avanço progressivo demonstrado pelo aprendente com relação à comunicação por meio de textos escritos e, não, para as falhas gramaticais que viesse a cometer.

Quadro 17

Como os aprendentes projetam a reação da mãe da protagonista e/ou da tribo ante o surgimento de uma planta na sua cova

Aprendente	T1	T2	T3
AC	então Mara achou que Mandi queria sair dali, então desenterrou	então Mara achou que Mandi queria sair dali, então desenterrou	a mãe de Mandi foi ver o que era quando ela arrancou a planta
CD	então seu avô para não ficar culpado fez as pazes com sua filha	-	-
DA	Quando ela desenterrou a menina só encontrou uma coisa	A mãe pensou que era Mani querendo sair do túmulo, todos começaram a cavar até que acharam uma raiz,	e cavaram para ver o que era
DL	-	-	-
GS	-	-	Mara achava que Mani queria sair, então ela cavou

IJ	Mara cultivou essa planta [...] Eles resolveram provar a raiz para ver se era boa. E gostaram muito dela a partir daí é a planta mais cultivada pelos índios.	-	-
JM	Ela quis cavar a terra para ver que tipo de planta era,	Os pais de Mani que eram o cacique da tribo e uma índia desenterraram a planta e acharam uma raiz	eles foram ver o que era
JÁ	-	-	-
KO	-	-	-
KV	e Mara pensou que Mani queria sair quando viu a casca morena que nem a pele de um índio.	e pensou que sua filha gostaria de sair e ela começou a desenterrera e ela viu uma raiz	e quando desinteirou viu uma raiz
MF	-	A mãe tirou toda a casca	-
MS	-	-	então eles cavaram e viriam lá no fundo e pensaram que era Mani mais era um alimento
NF	-	então cavaram e descascaram e firam cor dela	-
RS	Então começaram a utilizar esse fruto	-	a índia saiu e foi mostrar para o cacique
RA	a mãe de Mani cavou para saber o que era quando ela dis zentirou ela viu uma raiz grossa e a descascou	e a Amanda di senterou e quando fiu a raiz grosa e la as descascou	quando Mara disiterou ela fiu uma raiz Gros quando Mara descascou
SC	e a mãe de mani resolveu cavar	e a mãe de Mani cavou e viu uma raiz	a mãe de mani resolveu cavar e viu uma raiz
SU	-	-	-
TA	-	-	-
TS	-	-	-
YG	Todo o povo da tribo viu que aquelas raízes era uma fonte de alimento muito saldável	-	-

Ao narrarem a reação da mãe da protagonista e dos demais membros da tribo também os aprendentes se expressam de diferentes maneiras. Como é compreensível, há um predomínio das reações da mãe da menina e as ações referentes a essa seqüência giram em torno dessa personagem. Menos da metade dos textos se referem à reação das personagens, em relação ao surgimento da planta na cova da protagonista.

Constatamos que trinta e dois textos omitem a seqüência, no entanto, aqueles que o fazem se mostram bastante empenhados em dar algum destaque à seqüência.

O texto apresentado como modelo fala que a mãe se surpreendeu pensando que talvez o corpo da filha quisesse sair dali e que resolveu revolver a terra. Ao fazê-lo, encontrou raízes muito brancas como Mandi e, essas raízes, quando raspadas, exalavam um delicioso aroma.

Parece que essa versão impregnou os sentidos dos aprendentes porque cinco deles reproduzem a idéia de que a mãe da protagonista pensou que ela queria sair da cova e, dezessete, mantêm a idéia de que a mãe mandou cavar ou cavou, mandou desenterrar ou desenterrou, ela mesma, para ver o que era. Desse modo, os aprendentes imprimem dinamismo às suas versões junto com a idéia do papel feminino na manutenção e preservação da vida.

Queremos destacar que, enquanto os demais textos dizem que a mãe “cavou”, “arrancou”, ou “desenterrou a planta”, IJ1 emprega o verbo “cultivar” dizendo: “Mara cultivou essa planta [...] Eles resolveram provar a raiz para ver se era boa. E gostaram muito dela a partir daí é a planta mais cultivada pelos índios”. Com pouquíssimas palavras, esse aprendente se refere ao cultivo inicial da planta, à constatação, pelos índios, de que a planta era boa, por isso, investiram no amplo cultivo da mesma.

Notamos que, nesse momento da produção dos aprendentes, os textos já não revelam mais aquele envolvimento emocional causado pela morte, mas deixam transparecer um misto de surpresa, espanto, curiosidade e compromisso social. Isso é evidenciado pelo emprego de alguns verbos no plural: “começaram a cava”r; “desenterraram a planta”; “eles foram ver o que era”; cavaram e descascaram e

firam a cor dela”; “pensaram que era Mani mais era um alimento”; “Então começaram a utilizar esse fruto”; “a índia saiu e foi mostrar para o cacique”. YG1 conclui: “Todo o povo da tribo viu que aquelas raízes era uma fonte de alimento muito saudável”.

Deduzimos que, no transcorrer do processo de produção das três versões da lenda, os aprendentes terão feito um caminho interior de reflexão e maturação, uma vez que, com o avançar da produção de suas versões, houve um deslocamento de foco passando do individual para o coletivo. Esse processo se deu naturalmente.

Sabemos que a lenda em questão possibilita esse movimento, e, frente ao que pudemos perceber nos textos, isso nos leva a confirmar a já citada afirmação de Campbell (1990, p. 27), que diz que ao contar um mito, [...] “uma parte do organismo pode falar com outra e os indivíduos podem partilhar as suas experiências internas com as pessoas a sua volta [...]”.

Quadro 18
Como os aprendentes descrevem o vegetal que brotou da cova da protagonista

Aprendente	T1	T2	T3
AC	e viu uma raiz grossa com casca marro e por dentro era branca igual a Mandi	e viu uma raiz grossa com casca marro e por dentro era branca igual a Mandi	viu uma raiz forte , quando ela abriu viu que por dentro era bem branca que nem Mandi.
CD	bem branquinha	bem branquinha	com a raiz bem branquinha
DA	com a casca morena e a polpa muito alva, como a pele de Mani	grossa e morena como os curumins	e encontraram uma grande raiz, por fora morena e por dentro branquinha como a pele de Mani.
DL	cuja sua raiz era marrom e tinha na parte interna, uma parte branca, como a pele de Mani (a neta do tuxaua)	de raiz marrom e internamente branca, como Mani	com raiz grossa e marrom e branca por dentro, branca como a pele de Mani.
GS	uma plantinha desconhecida,	verde e viçosa. A plantinha desconhecida crescia depressa. Poucas luas se passaram e ela estava alta, que até fazia a terra rachar ao redor.	ela encontrou raízes grossas e brancas como a pele de Mani, então eles viram que era uma planta desconhecida que nunca tinham vistos,
IJ	e viu que a raiz era negra	muito verde e a raiz	de folhas tão verdes

	como os olhos de Mani e dentro branca como a pele de Mani.	dessa planta era negra como os cabelos de Mani, e dentro tinha uma polpa tão branca quanto sua pele.	como os olhos de Mani, a raiz tão negra quanto os olhos e Mani.
JM	quando desenterrou viu uma raiz branca, como a pele de Mandi,	de casca espessa e resistente e dentro dessa casca havia uma coisa branca como Mani.	era uma raiz branca como Mani
JÁ	-	-	-
KO	bem verdinha que tinha as raízes grossas bem morena como a pele dos curumins e debaixo da casca tinha uma polpa branca como a pele de Mani.	bem verdinha com as casca grossa morena igual pele dos curumins e a pele branca igual e Mani	bem verdinha com caca grossa e polpa branca parecia com a pele de Mani.
KV	-	-	-
MF	sua raiz era tão branquinha quanto de Mani.	com raiz grossa morena. [...] e tinha uma polpa branquinha como a de Mani	verde e viçosa. A plantinha desconhecida crescia depressa. Poucas luas se passaram e ela estava alta com um caule forte que até fazia a terra rachar ao redor. Vamos cavar? - comentou a mãe de Mani. Cavaram um pouco e à flor da terra, viram umas raízes grossas e morenas, da polpa branquinha quase da cor de Mani.
MS	-	verde	muito branca que era igual a pele de Mani.
NF	com folhas bem verdes com folhas meio amarela como o cabelo de mani e daí brotou uma planta branca que nem a pele de mani	era que nem a pele de Mandi	a raiz bem lora
RS	bem verde e sua raiz tinha uma casca grossa e ao raspar essa casca tinha uma polpa branca igual a pele de Mani.	com a casca escura e a polpa branquinha como a pele o bebe que se chamava Mani	que por fora era morena escura e por dentro era clarinha como a pele de Mani.
RA	e viu que parecia com a pele de Mandi	e foi qua a poupa parecia com a ele de Mani	foi que parecia a pele de Mandi
SC	e viu umas raízes grossas por fora escurinha como a pele dos curumins e por dentro branquinha como a pele de Mani	da cor da pele de Mani	grossa da cor da pele dos curumins e dentro da cor da pele de Mani
SU	-	-	-
TA	-	-	-
TS	verdes e na terra um negocio branco com um arruma (aroma) muito gostoso	a folha era bem verde e com a raiz bem Branca descobriro que era mandi	bem verde e com o corpo bem branco e era Mandi
YG	brancas como a pele de Mani	e com a cor igual a de Mani	grossas que era uma fone de alimento.

Constatamos, nessa seqüência, que trinta e quatro textos comparam a cor interna da raiz do vegetal que brotou da cova da protagonista à própria cor da protagonista, sendo que oito aprendentes se utilizam dessa comparação nas três versões, quatro aprendentes, em duas versões e, dois, em uma versão. Três aprendentes, ao descreverem a cor da raiz, comparam-na, também, à pele dos curumins, sendo que dois deles, no mesmo texto, apontam a brancura escondida sob a casca como sendo igual à pele da protagonista. Não encontramos comparações da planta com a protagonista nos demais textos.

De acordo com o exposto, temos o aprendente DA se referindo à raiz como sendo “grossa e marrom como os curumins”; KO diz que a planta tinha “raízes grossas bem morena como a pele dos curumins e, debaixo da casca tinha uma polpa branca como a pele de Mani”; SC também descreve a raiz como “grossa por fora escurinha como a pele dos curumins”, já por dentro, “branquinha como a pele de mani”.

Nessas versões constatamos a clareza com que os aprendentes definem, por meio da comparação que estabelecem, que a cor (externa) morena/marrom da casca está relacionada à cor da pele dos curumins e que a cor interna da raiz se assemelha a da protagonista.

Ressaltamos que a versão da Lenda da Mandioca de José Coutinho de Oliveira, proposta como paradigma aos aprendentes, no exercício de produção textual escrita compara a cor da raiz com a pele de Mandi, porém não o faz em relação à cor da pele dos curumins. Isso nos permite inferir que os aprendentes que ousaram extrapolar o modelo deixaram-se guiar muito mais pelo conhecimento que eles mesmos têm, a partir da experiência de contato com a mandioca seja por meio do cultivo e manuseio doméstico, seja por meio da visualização ou aquisição em

feiras ou supermercados. O que constatamos aqui é a interposição da experiência cotidiana atual na construção de um texto que se apóia numa lenda originada no cotidiano de uma cultura marcada pela oralidade, como é o caso das tradições indígenas.

Verificamos, ainda, que alguns textos apresentam descrições do vegetal incrementadas por expressões como “plantinha desconhecida”; “que nunca tinham visto”; “raiz negra como os olhos de Mani”; “planta muito verde e a raiz dessa planta era negra como os cabelos de mani”; “folhas tão verdes como sos olhos de mani e a raiz tão negra quanto os olhos de mani”. Esse último texto compara as folhas e as raízes da planta aos olhos da protagonista, dando a estes cores diferentes em cada comparação. IJ, no primeiro e no segundo texto de suas produções apresenta os olhos da protagonista negros, porém comparados à raiz da planta na sua cor externa.

Percebemos, ainda, que um outro aprendente, além da já referida comparação da cor interna da raiz com a cor da pele da protagonista, emprega o termo “de casca espessa e resistente e dentro dessa casca havia uma coisa branca como mani”. O aprendente não especifica que “coisa” havia dentro da casca. NF não compara os aspectos da raiz com a protagonista, mas outra parte da planta, as folhas: “com folhas bem verdes com folhas meio amarela como o cabelo de Mani”.

Pelo modo que os aprendentes descrevem o vegetal encontrado na cova da protagonista, percebemos que a versão paradigmática exerceu grande influência no registro desse momento. Todavia, os aprendentes não se prenderam a essa versão, mas encontraram outras maneiras de descrição a planta, ou mesmo, mesclaram às expressões encontradas na versão paradigmática, expressões encontradas em

outras versões da lenda, provavelmente naquelas que eles já conheciam por meio da tradição oral.

Em relação ao contexto em que se deu a produção das versões da Lenda da Mandioca cujos textos se constituem no material de análise dessa pesquisa, ressaltamos a importância da memória coletiva enquanto representante de um conjunto de significados socializados através da oralidade. “Esse processo de transmissão oral dos significados partilhados é enriquecido ao longo do tempo, ou toma nova configuração” (PITANGA, 2005, p. 25). Portanto, as contribuições pessoais que os aprendentes forneceram à Lenda da Mandioca, agregando aos seus textos aspectos do conhecimento empírico, resultado de vivências que se entrecruzam na tessitura do cotidiano, são aqui sobremaneira valorizadas, uma vez que resultam, também, de um empenho pessoal com vistas ao êxito na construção de textos escritos, portadores de sentidos, conforme Koch, (2003, p. 30) “[...] o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação”.

- **Revelação da razão do nascimento da protagonista através da aparição do jovem dos sonhos de Mara, em sonho, ao cacique.**

Quadro 19
Como os aprendentes projetam o sonho do cacique

Aprendente	T1	T2	T3
AC	-	-	-
CD	-	-	-
DA	depois em sonho uma pessoa aparece para o cacique dizendo que a moça era inocente.	-	-
DL	Nessa noite o avô de Mani sonhou que um moço ensinava-lhe como preparar o alimento e dizia que, sua neta se transformara na planta	Enquanto isso, o cacique dormia e sonhava com Diego ensinando como preparar o alimento.	Enquanto isso, 500 anos no futuro, Mac Donald volta e pela lua, ele no sonho do cacique, ele ensina como fazer a mandioca cozida.
GS	Um dia o cacique sonhou com o belo homem que Mara	-	-

	sonhava, o belo homem falou como cuidar da planta, então o cacique avisou toda a tribo		
IJ	-	-	O rapaz, dos sons da mãe de Mani, apareceu nos do cacique, e o ensinou com o cultivar a raiz da planta.
JM	E no sonho do cacique, o jovem explicou a ele que a morte de Mandi não foi em vão. O jovem ensinou ao cacique, como preparar o alimento e como cultivá-lo e assim o cacique perdoou Mani.	-	-
JA	-	-	-
KO	-	então a mãe de Mani teve um sonho com Mani e Mani disse como era para ela usar aquela planta pra fazer remédios, e comidas	-
KV	E apareceu para o cacique um homem que ensinou como cultivá-la e cozinha-la.	-	-
MF	-	-	-
MS	-	-	-
NF	e aí o rapaz desceu da lua e contou a história e aí o pai da jovem abraçou ela e contou o que tinha acontecido.	então o homem desceu da lua e explicou porque Mandi morreu, mostrou como era a coisa	-
RS	-	-	-
RA	-	e o jovem rapaz explicou tudo para o cacique e o cacique entendeu e pediu desculpa para Amanda.	-
SC	-	-	-
SU	-	-	-
TA	-	-	-
TS	o jovem loiro apareceu ao cacique e disse que Mandi era um alimento para o povo indígena	-	-
YG	-	-	-

Dez textos narram o sonho no qual o cacique recebe a explicação a respeito do nascimento e missão da protagonista.

Um texto apresenta a mãe da protagonista como aquela que sonha. Curiosamente esse aprendente, KO2, só registra o sonho em uma versão, omitindo-

o, portanto, nas demais, ou seja, na primeira e na terceira versão. Desconhecemos o motivo da versão do sujeito sonhador no feminino, no entanto, podemos supor a presença de motivações inconscientes nas quais entrariam em jogo questões de ordem psíquica mais profundas. É, também, possível que esse aprendente não tenha assimilado a figura masculina do sonhador ouvida na versão paradigmática.

Dois textos, a primeira e a segunda versão de NF não se referem a sonho, mas dizem que “o rapaz desceu da lua e contou a história ao pai”. A conteúdo da história contada pelo rapaz fica subentendido quando, na continuação da narrativa desse momento, o aprendente diz: “ai o pai da jovem abraçou ela e contou o que tinha acontecido”. De qualquer maneira o pai da jovem é colocado em contato com dois planos, o transcendente (“o rapaz desceu da lua”) e o imanente (“o pai da jovem abraçou ela”).

A narrativa desse sonho é bastante significativa no contexto das seqüências encontradas na lenda. Talvez pudéssemos dar a essa seqüência a denominação de apositiva, uma vez que sua função no conjunto do corpo textual é fornecer uma explicação dos acontecimentos que envolvem o nascimento e a morte da protagonista.

Outro aspecto importante quanto aos objetivos da pesquisa é que alguns aprendentes, ao narrarem o sonho do cacique, constroem uma seqüência completa com início, meio e fim, dentro dos padrões formais da produção escrita. Observamos, também, que os aprendentes que nos brindaram com essa seqüência fizeram-no com bastante desenvoltura do ponto de vista lingüístico textual.

Em quarenta e sete versões foi verificada a ausência do sonho, o que não foi entendido por nós como falha ou negligência do produtor de texto.

Inferimos que esse dado apresentado na versão paradigmática (o sonho do cacique) não terá sido relevante no conjunto de significados apresentados na lenda. Além disso, a versão paradigmática se constituiu em um modelo possível, mas não o único, sobretudo porque a ênfase, nos momentos que antecederam o ato de produção escrita, foi sobre o que os aprendentes já haviam ouvido no ambiente familiar, sobre aquilo que já conheciam a respeito da lenda da Mandioca, e, nesse caso, sabemos que as versões de uma lenda podem diferir quanto aos elementos acessórios, sendo, importante, porém, a manutenção da essencialidade do mito.

- **Seqüência conclusiva**

Quadro 20
Conclusão e explicação do nome Mandioca

Apredente	T1	T2	T3
AC	por isso deram o nome de Mandioca, porque Mandi foi enterrada na oca.	nascia a mandioca.	Essa fruta serviu de alimento para todos os índios.
CD	e então brotou o nome de Mandioca.	e ela foi chamada de Manioca. Mas hoje se conhece como Mandioca.	Dai o nome de mandioca.
DA	E botaram o nome desse alimento de Mandioca. Que quer dizer: (mani – oca – casa) Casa de Mani e esse é o alimento mais importante para os indígenas. E assim acaba a lenda da Mandioca.	E botaram nessa planta, o nome de Mandioca, que quer dizer casa de Mani (Mani – oca = casa). e esse alimento serviu de alimento para os indígenas. E aqui no Amazonas não tem quem não goste de mandioca.	-
DL	Quando a tribo soube ficaram todos felizes.	E ele, o cacique, reuniu toda a tribo e deu a notícia.	E a tribo vive bem para sempre.
GS	Então colocaram o nome da planta de mandioca porque Mani foi enterada na oca.	-	então chamaram a planta de Mandioca que quer dizer Mandi significa Mani e oca o lugar onde foi enterrada
IJ	Chamaram-na de Mandi-oca em homenagem a Mani.	A mani-oca mandioca.	Eles resolveram colocar o nome da planta de Mani oca que na língua tupi significa “casa de Mani”.
JM	e chamaram-na de Mandi-oca.	Eles resolveram chamar de Mani-oca que traduzido para o português é mandioca. E	eles deram o nome de mani-oca, mas, traduzido para o português brasileiro

		com o tempo aprenderam a cultivar e prepará-la como alimento. E no Amazonas todo, há alguém que não goste de Mandioca?	mandioca e hoje é o principal alimento indígena.
JA	-	que chamavam de Mandioca.	-
KO	O então botaram o nome de mani-oca casa de mani mas na nossa língua entendemos como mandioca.	então deu o nome de manioca casa de mani.	-
KV	A história termina com a morte de Mani que é enterrada na oca e rregada com lágrimas que vira um planta com raízes grossas com a carne branca que nem a pele de Mani que recebe o nome de Mandioca.	E Des Disso ela serve de alimento para as pessoas.	-
MF	E resolveram dar o nome de Mani-oca fora Mani foi enterrada na própria oca. Foi um alimento muito bom para os indígenas. Entretanto esse alimento dá para fazer muitas coisas.	Vamos chamá-la de Mani-oca comentaram os índios. Transformaram a planta em alimento. Quem é que não gosta de mandioca?	Vamos chamá-la de mani-oca resolveram os índios. Porque Mani foi enterrada na própria oca. Transformaram a planta em alimento.
MS	que o nome da planta se chamou de mandioca que essa mandioca foi cendo alimento para a tribo indígena.	que se chamou de manioca que se diz de mandioca. A mandioca se serviu de alimento de bebidas que ajudou muito a tribo dos tupis.	que chamou de mandioca que serviu de alimento hã tribo.
NF	e pudação então o nome da planta de mandioca. Agora a mandioca é conhecida pelo mundo todo mas também é perigosa e venenosa, também eles usam para fazer farinha, bola e etc. Assim termino. A lenda da mandioca.	então chamaram de a mandioca porque o nome dela era mandi-oca = mandioca e assim termina a história e todo começaram compra a mandioca.	e te la chamaram a de mandioca hoje ela é muito usada por todos os países.
RS	e passaram a chamar esse fruto de Mandioca, Como seu nome era Mani e tinha sido enterrada em sua oca deram o nome de MANDIOCA.	então colocaram o nome da planta de mani-oca.	então deram o nome de mandioca. Que significa: Casa de mani.
RA	e depois a mãe de Mandi colocou o nome de mandioca e a sim a mandioca se tornou	-	e ai acabou.

	uma comida típica dos indígenas.		
SC	então botaram o nome de Mani-oca e se tornou o principal alimento indígena.	é a famosa mandioca.	é a famosa mandioca.
SU	-	-	-
TA	que era o nome de mandioca. Essa palavra era mandioca que até hoje ela é comida e comprada na cidade de Manaus.	que deram o nome de Manioca que depois chamaram de Mandioca. e assim oi Mani deixou a Mandioca que até hoje serve de Sucos, Bebidas, Remédios e etc...	-
TS	ai o nome do alimento indígena foi mandioca.	e botaro o nome de mandioca.	que virou mandioca.
YG	e colocaram o nome de Mandioca, pois o nome dela era Mani e ela tinha sido enterrada em uma oca.	A partir daquele momento se passou a existir a mandioca que até hoje é fonte de alimento para todos nós	Pra omenagia-la colocou o nome de Mandioca pois o nome dela era Mandi e enterraram-o em uma oca.

DL1, “Quando a tribo soube ficaram todos felizes”. DL2, “E ele, o cacique, reuniu toda a tribo e deu a notícia”. (apenas esse aprendente, por meio do narrador da lenda, permite ao cacique dar a notícia de como deveria ser o preparo do novo alimento. A notícia inclui, ainda, que esse aprendizado veio por meio de um sonho). DL3 conclui: “E a tribo vive bem para sempre”. Essa é uma forma de conclusão semelhante às dos contos de fadas. Do mesmo modo que alguns aprendentes tomaram dessas narrativas fantásticas a expressão de abertura das suas versões da Lenda da Mandioca, DL1 a empresta para sua conclusão.

No entanto, conclui contextualizando com a realidade na qual ele mesmo, e cada um de nós esta familiarizado: “E todos começaram compra a mandioca”. Já, TA1, após concluir a narrativa da Lenda da Mandioca, passa a discorrer a respeito dos usos e costumes em relação a essa planta. Achamos melhor transcrever essa parte da narrativa que, na verdade, se configura em um texto à parte, não sendo considerado por nós constitutivo da lenda em estudo.

“A mandioca é muito gostosa já eu não gosto de comer mandioca minha mãe comi todos os dias de domingo ela é feita penerada o meu pai penera ela é comprada em pó.

A minha ela com em pó a mandioca ela compra de KG.

A mandioca é muito comprada na minha cidade a min há atia Cacilda Morais tem uma banquinha na Zona leste é aqui em Manaus.

Em final da história a mandioca até hoje é gostosa em troca de uma indiazinha surgiu a mandioca”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Durante o percurso que marcou as etapas desse trabalho, acompanhou-nos o entendimento de que o exercício da produção de textos escritos, no contexto escolar, tendo como referência as narrativas míticas regionais, representa uma possibilidade de promover o reconhecimento dos saberes socialmente construídos pelas gerações que nos precederam, transmitidos por meio da tradição oral. Esse reconhecimento atua positivamente no desenvolvimento da aprendizagem, à medida que desperta no aprendente a valorização de suas raízes, reconhecendo-se como parte dessa dinâmica cultural.

Questionamo-nos se, de fato, as narrativas míticas orais, contribuíam, ou não, para o desenvolvimento da produção textual escrita, e, se os textos narrativos resultantes dessas produções poderiam, também, revelar aspectos significativos da cultura regional, uma vez que a tradição oral está impregnada dessas manifestações. Essa expectativa pode parecer óbvia, no entanto, quisemos investigar, por meio da pesquisa, percorrendo um caminho metodológico voltado para a observação e análise comparativa dos textos.

Por meio do estudo dos textos da Lenda da Mandioca, segmentados em seqüências narrativas e dispostos, na ordem em que foram produzidos, pudemos compará-los, tanto em relação a um e outro texto do mesmo aprendente, quanto em

relação aos textos dos diferentes aprendentes que produziram o corpo textual analisado. Isso nos permitiu responder aos questionamentos bem como constatar a consecução dos objetivos da pesquisa.

Constatamos que o processo narrativo constituído de elementos encontrados na cultura regional favorece ao indivíduo a composição de suas idéias, sendo estas o entrelaçamento entre um plano e outro de atuação da atividade criadora. Isso foi percebido por nós pela forma criativa com que os aprendentes construíram a caracterização das personagens bem como suas ações, já que elas mostraram a relação que os alunos estabeleceram com seu mundo referencial (os acontecimentos da lenda se deram no meio da floresta; o dormir em rede; o pai que não aceita a gravidez da filha; a coragem da jovem em manter sua gravidez, a despeito do cacique, seu pai e chefe da tribo, ou seja, daquele que exerce dupla autoridade sobre ela; a dor da mãe ao separar-se da criança inerte; luto; o surgimento do alimento que lhes é tão familiar, cuja lenda explica a origem).

Esse fato reforça o alcance do objetivo da pesquisa quando, por meio da produção textual escrita, conduz o aprendente à valorização da cultura na qual está inserido. Portanto, a utilização das lendas amazônicas na escola contribui para que os aprendentes desenvolvam a linguagem escrita, além de fornecer elementos para a imaginação criadora.

Detectamos, no entanto, que alguns aprendentes ainda apresentam dificuldades quanto à ortografia, com relação ao correto emprego de letras maiúsculas ou minúsculas, à acentuação gráfica, à concordância verbal e nominal, a problemas relacionados à fonética e à sintaxe. Isso demonstra que houve uma assimilação deficiente dos pressupostos básicos que orientam a escrita em língua portuguesa. Além disso, verificamos caso em que se pode afirmar que o aprendente

se encontra, ainda, num nível bastante elementar de alfabetização se considerarmos que a primeira hipótese que a criança elabora, com relação à escrita, é a de que se escreve como se fala.

À escola cabe a função de auxiliar a criança a passar, gradativamente, do nível da oralidade para o nível da escrita, e isso comporta a exigência de uma elaboração mental muito maior, que, conforme apontam alguns estudos, pode variar de pessoa para pessoa, segundo o processo individual de maturação neurológica.

As discrepâncias entre fala e escrita, ou seja, os problemas de ordem fonética que, embora se possa supor superados pelo aprendente de sétimo ano, na realidade, ainda estão presentes e devem, sim, ser trabalhados de modo a auxiliar o aprendente no seu desempenho com o emprego da norma culta da língua no texto escrito. Esclarecemos que, no contexto da presente pesquisa, entendemos que esse aspecto da atividade de produção de textos no âmbito da sala de aula poderá ser tratado em uma pesquisa específica para esse caso.

Vimos, também, que a escritura ou reescritura de uma história, no caso da pesquisa, de uma lenda, não se constitui em mera repetição do que se ouviu. Esse exercício permite, acima de tudo, operar com os elementos da realidade atual, e, para isso, o aprendente recorre ao seu acervo de conceitos e experiências adquiridas no dia-a-dia e na relação com seu espaço sociocultural.

Cada vez que o aprendente descreve uma das personagens da Lenda da Mandioca, ele recorre ao seu mundo sociocultural para registrar suas ações. Isso demonstra o quanto esse aprendente está impregnado das marcas de sua cultura, o que nos permite inferir que as possibilidades do aprendente organizar e sistematizar sua forma de compreender a realidade de seu mundo circundante, ao se tornar um

ser culturalmente situado, serão, provavelmente, proporcionadas, também, pelo contato deste com o acervo lendário de sua região.

Percebemos, ainda, que, ao recriarem a história, os aprendentes tomam do real os elementos que são re-significados internamente e, assim, apresentam seus textos construídos de novas formas, constituindo-se, na verdade, em recriações marcadas pela criatividade. Os aprendentes revelam, nesse exercício, um grande potencial criativo, bem como capacidade de acrescentar a algo culturalmente construído, como é o caso da narrativa da origem da mandioca, a contribuição da sua originalidade.

A forma de recriação dos textos contendo a Lenda da Mandioca é singular. Registra a marca sociocultural dos aprendentes da escola investigada, que, ao relatarem um mito de origem, revelam para além do que conseguiram assimilar de estruturas gramaticais, a realização de um encontro com o mundo, com a realidade, que é a sua própria formação adquirida no meio em que vivem. Dessa formação faz parte, também, a história ouvida, lida e, agora, recriada.

Esses aspectos são expressos na linguagem, em certos termos, na descrição do ambiente onde transcorre a narrativa, na própria maneira de descrever as personagens da lenda. Esses textos revelam elementos da realidade cotidiana do homem e da mulher amazônida, herdeiros do mito com o qual alimentam a cultura oral e, do alimento material, cuja origem é explicada pelo mito.

Verificamos que, no dinamismo no qual transcorre, naturalmente, a vida do aprendente, ocorre um fenômeno interessante, por meio do qual a vida se projeta na lenda, sendo que elementos da lenda são identificados na vida. É a realidade espelhada na ficção. Situações como relações difíceis entre pai e filha (o), gravidez na adolescência, perdas irreparáveis, entre outras, podem ser processadas,

simbolicamente, de maneira mais natural, ou, pelo menos, suavizadas. Assim, o trabalho com lendas, bem como a escrita a partir de motivos mitológicos, pode cumprir, também, uma função catártica.

A pesquisa realizada corrobora a possibilidade de se trabalhar com lendas no espaço da sala de aula. Isso contribui para que a dinâmica relacional do aprendente com o acervo da literatura oral amazônica proporcione subsídios da tradição cultural local, para que o mesmo possa compreendê-la e valorizá-la como parte de suas origens. Isso é sentido como verdadeiro, quando, nas recriações da história em foco, são empregadas expressões de indeterminação espaço-temporal para indicar os elementos narrados, o que é um pressuposto básico da natureza da lenda como narrativa de caráter a-histórico, sem que exista a possibilidade de demarcá-la, cronologicamente, por se tratar de narrativa mítica.

Assim, o conteúdo estudado não se constitui em algo do passado, apenas ilustrativo, mas, em conjunto de saberes atualizados, cujos princípios continuam válidos e passíveis de serem trabalhados numa perspectiva humanizadora. O processo de exploração de textos míticos, como as lendas, ajudará os aprendentes a compreenderem sua realidade cotidiana e a estruturarem seu pensamento quando reelaborarem essas histórias, uma vez que o mito pode ser um instrumento adequado na compreensão do universo, pelo homem, e continua desempenhando a tríplice função de contar, explicar e revelar uma realidade (sonho de Mara, explicação para o nascimento de uma menina predestinada, morte prematura de Mani, o ressurgimento da indiazinha em forma de vegetal, o sonho do cacique e conhecimento da missão da protagonista).

Os textos da Lenda da Mandioca produzidos pelos aprendentes não são meras reproduções, mas recriações da Lenda, com nuances novas, incorporando

aspectos de seu universo enquanto autor – escritor – produtor de seu próprio texto. Esses textos revelam, também, que é possível construir conhecimento a partir da valorização de saberes tradicionais contidos nas lendas, desde o ensino fundamental, destacando, sobretudo, o caráter coletivo da construção desses saberes.

Embora a versão paradigmática tenha sido a mesma para todos os sujeitos da produção em questão, cada um deles, ao ouvir a sua leitura, foi mesclando, misturando aquilo que ouvia no momento da leitura àquilo que já havia ouvido, ou mesmo lido, a respeito da lenda. Dessa forma, os textos produzidos não são iguais, levando, portanto, a marca do seu autor.

Conceber o texto como espaço de interação aprendente, ensinante e sociedade, é entendê-lo como um lugar de entrada para o diálogo com outros textos, orais e escritos, como no caso dessa pesquisa. Portanto, a versão da Lenda da Mandioca produzida a partir do resgate de diversas versões orais facultou a sua materialização, por meio da escrita, graças aos textos pré-existentes, que possibilitaram o surgimento de novos textos. Nesse processo construtivo cada aprendente se torna participante ativo da interação por meio da qual ocorre o processamento textual.

REFERÊNCIAS

SEVERINO, Antônio. **Educação e Transdisciplinaridade. Crise e reencantamento da aprendizagem.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários.** Tradução de Carlos Sussekind... [et al.]; prefácio à edição brasileira Nicolau Sevcenko. Rio de Janeiro, José Olympio.

Caderno educação, Culturas e Desafios amazônicos, vol. 1, n. 1, Jan./Dez., (2005 -). - Manaus. Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2005.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus.** Tradução de Carmem Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1992.

_____. **com Bill Moyers.** Organizado por Betty Sue Flowers; Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. **O poder do mito.** 12 ed. São Paulo: Palas Atena. 1995.

_____. **O herói de mil faces.** São Paulo: Cultrix; Pensamento, 1999.

CESAR, Constança Marcondes. Implicações contemporâneas do mito. In: MORAIS, Régis de. (Org.). **As razões do mito.** Campinas: Papirus, 1980.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de texto no Ensino Fundamental. Poema, Narrativa, Argumentação.** São Paulo: Cortez, 2001.

COSTA VALL, Maria da Graça. **Redação e textualidade.** 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Repensando a textualidade. in AZEREDO, José Carlos (Org.) **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

D'Onofrio, Salvatore. **Teoria do Texto 1. Prolegômenos e teoria da narrativa.** São Paulo: Ática, 1999.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** *São Paulo*, Editora Perspectiva S. A., 1998.

_____. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FILHO, Américo Pellegrini. **Literatura folclórica.** São Paulo: Nova Stella, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A individuação nos contos de fadas.** Tradução; Eunice Katunda. 4ª edição. São Paulo: Paulus, 2003.

GARCIA, Othon. M. **Comunicação em prosa moderna.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GUERREIRO, Laureano. **A educação e o sagrado: a ação terapêutica do educador.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O Texto e a construção dos sentidos,** São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **A coesão textual.** São Paulo, Contexto, 2005.

LIMA, Antonia Silva de. **A LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA: dois olhares para um mesmo destino.** Tese (Doutorado em Letras – área de concentração em Teoria da Literatura), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **O SELVAGEM**. Edição comemorativa do centenário da 1ª edição; prefácio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

MELO NETO, João Cabral de. **Antologia poética**. 5ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MORAIS, Regis de. **Stress Existencial e Sentido da Vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

NASCIMENTO, Aldenise Pinto de Melo do. **O MITO E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DA CULTURA AMAZÔNICA: "Estudos dos mitos amazônicos numa aproximação com os mitos gregos". - Os mitos na práxis educacional da cidade de Manaus**". Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

NICOLESCU, Basarab et al. **Educação e transdisciplinaridade**. Tradução de Judite Vero, Maria Fátima de Mello e Américo Sommerman. Brasília: UNESCO, 2000. (Edições UNESCO).

_____. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

NISKIER, Arnaldo. **LDB: a nova lei da educação: tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica**. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

NOVASKI, Augusto. Mito e racionalidade filosófica. In: MORAIS, Régis de. (Org.). **As razões do mito**. Campinas: Papirus, 1980.

PETRÁGLIA, Izabel Cristina. **"Olhar sobre o olhar que olha": complexidade, holística e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PITANGA, Maria Eunice Sá. **Mitos e ritos na contemporaneidade: desafio à nossa vã filosofia**. (in Caderno educação, Culturas e Desafios amazônicos, vol. 1, n. 1, Jan./Dez., (2005 -)). - Manaus. Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2005.

PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução do russo de Jasna Paravich Sarhan. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SEABRA, Zelita. **Tempo de camélia: o espaço do mito**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SENA, Odenildo. **A engenharia do texto: um caminho rumo à prática da boa redação**. Manaus: EDUA/FAPEAM, 2005.

SERAFINI, Maria Tereza. **Como escrever textos**. Tradução de Maria Augusta de Matos. Adaptação Ana Maria Marcondes Garcia. São Paulo: Globo, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 2001.

TROCMÉ-FABRE, Hélène. A árvore do saber-aprender: rumo a um referencial cognitivo. Tradução de Marly Segreto. São Paulo: TRIOM, 2004.

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WANZELER, Eglê Betânia Portela. **Çairé: Nos rios do imaginário, a construção da identidade cultural**. Dissertação de Mestrado "Sociedade & Cultura da Amazônia" do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2002.

ANEXOS

ANEXO A

TEXTOS DOS APRENDENTES

Primeira versão

AC1

Texto nº 1

Ler a da Mandioca

Era uma vez, em uma tribo indígena, uma menina chamada Mara. Mara estava sentada observando a lua, sonhando em se casar e ser mãe.

Enquanto dormia Mara sonhava com um rapaz belo que vinha da lua, então se apaixonou pelo rapaz de seus sonhos, depois de um tempo o rapaz desapareceu de seus sonhos, e ela deixava em profunda tristeza.

Passou alguns dias Mara descolibril que estava grávida, sua mãe aceitou mais, seu pai não gostou. Depois de um tempo Mara deu à luz a uma linda menina que chamou de Mandi, Mandi era adorada entre a tribo, Mandi tinha a pele muito alva. Depois Mandi morreu por tristeza de todas as meninas da tribo. Então Mara mandou enterrar Mandi na oca. Mara sempre chorava no túmulo e seu leite caía no túmulo de Mandi.

Depois de uns dias nasceu um abutã, então Mara achou que Mandi queria sair dali, então desenterrou e viu uma raiz grossa com a casca marrom e por dentro era branca igual a Mandi, por isso deram o nome de Mandioca, por que Mandi foi enterrada na oca.

CD 1

Lenda da Mandioca

①

Era uma vez uma filha de um Cacique
 que ficou arrevida misteriosamente, e o pai
 dela o Cacique ficou muito furioso com ela, então
 ele expulsou-a de casa, então ela foi morar
 numa pequena cabana, e sua família sem-
 pre levava comida para ela comer, até a sua
 gravidez, então nasceu sua filha branca, bran-
 ca como uma mandioca, então ao passar dos
 dias sua filha morreu, então ele a enterrou
 na sua casa, então ela chorava muito porque
 sua filha tinha morrido, ao passar de tem-
 po nasceu uma pequena galinha, e em um
 dia tinha uma ~~semente~~ semente bem bran-
 quinha, então seu avô para não ficar cu-
 rioso fez as pazes com sua filha e então
 batou o nome de mandioca.

DAM Lenda Lenda da Mandioca

A lenda da mandioca aconteceu em uma tribo quando o filho do cacique apareceu gravida de um bebê. O pai da moça não quis saber de is bebê, tinha pai fei logo brigando, mas a mãe carinhosa perguntou a filha quem era o pai, a moça respondeu que ele não tinha pai. Passado alguns dias o bebê nasceu, ele foi a alegria da moça e o nome do bebê era Nami, depois de um tempo Nami morreu.

Toda tribo ficou muito triste, pois todos sentiu falta dela. O mãe não querendo se separar da menina enterrou em sua casa.

Depois de um tempo a mãe sentiu que a menina queria sair da casa. Quando ela desenterrou a menina, ela não estava mais lá, a mãe da menina se encontrou uma coisa com a casca marrom e uma polpa muito alva, como o pele de Nami, depois, em sonho uma pessoa apareceu para o cacique dizendo que a moça era invisível.

E listaram o nome desse alimento de Mandioca.

que quer dizer: (Nami - era - casa) lenda de Nami, e esse é o alimento mais importante para os indígenas.

E assim acaba a lenda da Mandioca.

DL 1 Lenda da Mandioca

Havia na tribo, a filha do tucáua, que (tinera) tinha muita vontade de se tornar mãe, certo dia, sem mais nem menos, achou-se grávida. Seu pai, o tucáua, perguntou quem era o pai, ela, porém, não sabia, respondeu como do costume.

Um belo dia, a neta do tucáua (dessa) nasceu. Sua pele era branca, branca como gamboa se tinha visto. Ela era adorada por toda a tribo, mas, um dia, morreu, de modo que dias antes ela não se alimentava, morria silenciosamente. Todo o tribu se entristeceu. Ela foi enterrada em sua sepultura onde nasceu. Sempre sua mãe ia até lá, chorando e chorando de seu seio no túmulo. Certo dia, botou de lá uma planta, cuja raiz era marrom e tinha (uma) na parte inferior, uma parte branca, como a pele de Mani (a neta do tucáua).

Nessa noite, os chefes de Mani souberam que um moço ensinava-lhes como preparar o alimento, e dizia que a sua neta se transformara na planta. Quando a tribo soube, ficaram todos felizes.

Essa planta é a mandioca, e os chefes de Mani ficaram felizes.

451 Lenda Quenda da quenda

Uma vez numa tribo indígena havia uma mulher chamada Maria sem dia no nome dela apareceu um homem branco ali e ela ficou apaixonada por ele e depois ela teve uma filha, a filha dela era tão bonita, com cabelos longos que é impossível ver alguém que não goste depois a filha dela falou para o pai que ela queria ir embora e ele não queria a menina, então ela levou a sua filha de volta para sua própria casa para ficar perto dela, todos os dias Maria chorava as lágrimas de sua filha Maria, deixando para ela um pouco de leite para que a filha voltasse a beber, dias depois nasceu uma plantinha no lugar onde Maria foi enterrada, uma plantinha discreta, da primeira noite que nasceu com um talo branco que Maria chorava e não havia ninguém para cuidar da planta, então o pai que amava a filha estava sempre olhando a morte da planta da quenda porque Maria foi enterrada ali.

IJA Lenda da mandioca

Era uma vez, uma bela jovem de uma tribo Tupi, seu nome era Mara e era filha do Cacique.

Ela tinha um desejo de ser mãe, era o maior sonho da vida dela.

Um dia, ela apareceu grávida, e disse pro pai dela que tinha engravidado de um lindo garoto branco que aparecera em seus sonhos. Mas seu pai tinha o coração de pedra e não acreditou na filha, ele a desprezava. Ele não acreditou nas palavras da filha, porque além de não haver homens brancos na tribo dela, ela era virgem.

Nasceu uma linda menina, sua pele era branca, seus olhos eram negros, e seus cabelos loiros. A mãe colocou o nome de Mani nela.

Passaram-se três anos e Mani adoeceu, não brincava, não comia, só bebia água.

Mara ficou muito triste, pois Mani só bebia água, não bebia mais o leite de seus seios.

Mani faleceu pois estava muito fraca.

Mara enterrou Mani em sua oca, pois não queria se separar de Mani, Mara chorava muito e ainda tinha muito leite em seus seios.

Chorando e derramando leite de seus seios ela regou a sepultura de Mani.

Depois de um tempo, do chão da Oca de Mara surgiu uma planta.

Mara cultivou essa planta, e viu que a raiz era negra como os olhos de Mani e dentro branca como a pele de Mani.

Eles resolveram provar a raiz para ver se era boa.

E gostaram muito dela. A partir daí é a planta mais cultivada pelos índios.

Chamaram-na de Mandioca em homenagem a Mani.

JM / Lenda da Mandi

numa tribo Tupi, existia Mami uma jovem muito bonita que era filha do cacique, que queria que ela se casasse com um jovem da tribo, mas que ela não estava disposta a entregar o seu coração a nenhum jovem da tribo.

Passado-se alguns dias, Mami estava deitada em sua rede pensando na vida, e subitamente, no seu sonho, apareceu um jovem bonito bronzeado que descia do céu.

Ele se tornou se repetiu várias vezes, e se apaixonou, mas não contou a ninguém, e assim se apaixonou e numa tarde, percebeu que estava grávida, quando contou a seu pai, ele não acreditou no que ouviu, ficou muito irritado com ela, mas não lhe deu nenhum castigo enquanto dormia, quando a filha de Mami nasceu, ela era de uma pele alva como neve e lhe deram o nome de Mandi.

Passado-se dias Mandi morreu em sua rede, de forma misteriosa, e sua mãe, muito triste, quis enterrá-la numa sua rede porque não queria se afastar dela. Alguns dias depois da morte de Mandi, abriu uma fenda na terra e ela quis ir para a terra para ver qual tipo de planta era, quando desenterrou, viu uma rapiz branca, como a pele de Mandi, e chamaram-na de mandi-sua.

E no sonho do cacique, o jovem explicou a ele que a morte de Mandi não foi em vão. O jovem explicou ao cacique como preparar o alimento e como cultivá-lo e assim o cacique percebeu Mami.

JA 1 Lenda da Mandioca

Bem era uma vez numa tribo indígena morava uma
 linda garotinha chamada de mani, ela era muito especial
 para a tribo por que na tribo não havia gente branca
 só avós índios morenos e ela era a única índia de pele
 branca sempre de um dia a seguinte estava tão cansada
 e deitou-se na sua pequena rede de palha e começou a
 dormir em paz sem ter o sono. Quando ela acordou e viu
 ali em volta ela estava muito da timba folhada na sua pequena
 e fofinha rede ai quando foi de manhã a sua tribo foi
 chama-la visam que ela estava lá morta na rede che-
 maram sua família para ir lá quando chegaram
 ela na sua caixa e sempre a mãe não se
 visita-lá na sua parte de coque.

K01 Lenda mandiçoa

Numo dia a língua do cacique estava
 emprenhada um leão, o cacique ficou
 um dia fora quando voltou que sua fi-
 lho era um leão sem pai.
 Depois de muito tempo mani morreu
 mas depois de alguns dias mani
 morreu onde mani foi enterrado mas
 veio uma planta bem verde que
 tinha as raízes brancas bem mansas
 como a pele dos elefantes e depois
 de certo tempo uma pele branca
 como a pele de mani estava batida
 e miente de mani era como de
 um leão no mesmo tempo mas
 mandemos como mandiçoa.

KV1

Lenda Da Mandioca

Um belo dia o cacique descobriu que sua filha estava grávida de um desconhecido que nunca tinha se aparecido antes nos seus sonhos que impregnou a mãe de Tulo dos Tupis. Quando sua mãe não aceitava a coisa, ela concordou que sua filha tivesse uma filha. Seu pai quis casar-la com um guerreiro indígena que nasceu lá e era filho do cacique para que ela não tivesse nenhum outro namorado, mas não deu tempo e mesmo assim nasceu a filha não que viveu com o guerreiro de sua tribo um tempo depois o menino morreu e ela morreu também e sua esposa ficou triste e todos os dias ela chorava e se lembrava de sua filha com muitas lágrimas de saudade e de tristeza.

Quando um dia ela viu brotar um caule da sua epítaxe, e quando ela viu uma bela planta e ela pensou que Memé queria sair quando viu a raiz branca que nem a pele de um inseto. Quando descobriram a raiz e a carne que nem a pele de Memé.

E apareceram para o cacique um homem que era como outros e ela gostava dele.

A história termina com a morte de Memé que se enterra e ela se transforma em mandioca que tem uma planta com raízes grossas com a carne branca que nem a pele de Memé que recebe o nome de Mandioca.

Texto nº 1

MF1 Lenda da Mandioca

11

(Mami é uma indiguinha)

Numa tribo indígena, nasceu uma indiguinha, branca e
i seus mães e seu pai supis. Chamava-se Mami.

Mami comia pouco e bebia pouco.

Numa noite Mami se levantou da rede,
e foi olhando e bebidas. É assim que Mami
muriu.

Sua mãe resolveu enterrar lá na sua
própria oca. Sua Mãe Phuenwa e regava sua
sepultura com lágrimas.

Numa certa manhã sua mãe, foi na
sepultura de Mami. Chorava muito, derramava leite
de seus seios.

Foi um dia triste para os índios, por que lá
nasceu um membro de família.

Brutou um arbusto uma plantinha, sua
mãe era tão branca e sua filha de Mami.

É assim que deu o nome de Mami-oca, pois
mami foi enterrada na própria oca.

Foi um alimento muito bom para os
indígenas. E também um alimento da terra para fazer
muitas coisas.

MS1 Lenda da Mandioca

• Era uma vez numa linda tribo grandes covas
muitas felizes pois o seu coral tinha uma moça espe-
rande uma filha então num certo dia ela fugiu a
moça deitada na rede e pensava no filho dela que ia
nascer então no dia seguinte nasce uma linda menina
chamada mandi.

• Geminha tinha uma pele muito branca lan-
tão quando o pai dele que tinha um papoete ele ficou muito
doente e ele não queria aceitar a morte ele queria
que ele não morresse e ele demorou de tempo a morrer
foi o crescimento muito rápido.

• Mas a menina ficou muito doente com
febre, ~~do~~ febre, dor de cabeça, muito doente e ela
então muito feliz, mandi morreu então o pai
dele deu a morte e foi que o pai dele queria a filha
dele ele voltou no dia dele foi nascer de uma
planta muito rápida que o nome da planta se chamou
de mandioca que essa mandioca foi remate alimen-
to para a tribo indígena.

MS1 Lenda da Mandioca

• Era uma vez numa linda tribo grandes casais
muitos felizes pois o pai e a mãe tinham uma moça espe-
rande uma filha então numa noite de lua cheia a
moça estava na rede e pensava no filho dela que ia
nascer então no dia seguinte nasce uma lindíssima
chamada mandi.

• Geminio tinha uma pele muito branca en-
tão quando o pai dele que tinha umamita ele ficou mui-
to enrubescido, ele não queria aceitar a mãe de leite
então ele não queria aceitar a mãe de leite então
ela cresceu muito rápido.

Mas a menina ficou muito doente com
febre, ~~ela~~ não tinha dor de cabeça, muito doente, mas
então muito feliz, mamãe morreu então o pai
dele disse para ele que ele não queria a filha
dele ele voltou mas no dia dele foi nascendo uma
planta muito rápida que o nome da planta se chamou
de mandioca que essa mandioca foi remédio alimen-
to para a tribo indígena.

NF1 Lenda da mandioca

Era uma vez um jovem que sonhava ter um pedaço
 e sua mãe, e toda noite ele sonhava com um belo ra-
 goz que desce da lua bebida e loura, um dia ele acordou
 e falou a sua mãe que estava grávida e o seu pai não acredita
 com isso. Ela disse um dia linda menina com o pelo branco
 cabelos loucos que nasceu no dia. Depois de um tempo ela não quis
 comer e ele morreu a mãe chorosa dos olhos ela foi estivo
 da no céu e deram fogo fogueiras de seu olho, depois nasceu
 uma planta com folhas brancas. Perde com folhas brancas que
 não o cabelo de mãe e daí brotou uma planta branca
 que tem o pelo de mãe e os olhos de mãe, logo e com
 a história e aí o pai do jovem descobriu ela e contou que
 tinha praticado o suicídio então o nome da planta de
mandioca.

Cigano e mandioca e comida de pulo mundo. Toda
 vez também é quicada e venenosa, também ela é usada para
 fazer farinha, bolo e etc. e assim termina a lenda da
mandioca.

Essa lenda fala sobre a mandioca, como ela se originou. É assim.

Era uma vez a filha do cecique estava grávida e ela chissou pro ele e falou que a criança ia nascer sem pai. Passou o tempo e a criança nasceu sua pele era branca como a lua. Seu nome era mani e ela via querido por todos na aldeia. Do passar o tempo Mani morreu, deixando sua mãe e todos da aldeia tristes. Sua mãe a enterrou dentro de sua casa para não se separar jamais de sua filha. Todas as noites sua mãe chorava no lugar onde ele tinha sido enterrado. Depois de um bom tempo nasceu uma planta sua folha era bem verde e sua raiz tinha uma casca grossa e ao raspar essa casca tinha a polpa branca igual a pele de mani.

Então começaram a utilizar esse fruto e passaram a chamar esse fruto de mandioca. Como seu nome era mani e tinha sido enterrado em sua casa deram o nome de MANDIOCA.

RA1. Lenda samandiaca

Puxa! Sabendo em mandiacá lembrei da lenda que minha mãe contou para mim.

Éra uma vez uma menina que se chamava maria ela era filha do cacique, quando era de peiti ela sonhava com um menino logo de olhos azuis, até um dia ela sonhou novamente com ele, ele disse que ele esta perdido e ela acordou e foi contar para a sua mãe, mas o pai nao sabia quando o pai descobriu ele perguntou que era o pai, mas ele respondeu que nao tinha pai o cacique ficou muito chateado com maria.

Quando a menina nasceu se chamava mandi alguns meses depois mandi morreu e todo o tribo ficou triste a mãe de mandi a enterrou e na oca dela alguns dias depois nasceu um arbusto a mãe de mandi colocou para saber o que era quando ele dis sentiram do pau uma raiz grossa, a descascou e viu que parecia com a pele de mandi e depois a mãe de mandi colocou o nome de mandiacá e a sim mandiacá se tornou uma comida típica dos indígenas.

5C1 Lenda Lenda da mandioca

16

Em uma tribo avia nascido em uma indígena havia chamado Mani. A sua mãe se espantou ao ver sua filha tão branca e Mani comia e bebia muito pouco, uma certa manhã Mani não se levantou da rede e quando deu esmo a Mani mas Mani não melhorava e assim na ficou muito fraca e sorridente e sorrindo Mani morreu, sua mãe muito triste enterrou-na dentro de sua própria casa e todos os dias sua mãe regava o túmulo de Mani junto com suas lágrimas, a mãe de Mani plantou um broto de uma folha de mandioca e foi crescendo e a mãe de Mani resolveu cavar e viu umas raízes grossas por fora encruamba como a pele dos curumim e por dentro branquinha como a pele de Mani então bataram o nome de Mani-seco e se tornou o principal alimento indígena.

SU 1 Lenda da Mandioca

Mônia era uma jovem linda filha de um caçador que tinha um sonho de ter uma filha até que certo dia em uma noite veio um lindo homem da luz de cabelos brancos e disse pra Mônia ele tinha oitavas de um homem que dá o nome mas pra criança que eles moravam não havia nenhum homem que lhe passava ao lado do homem bonito da luz e disse pra Mônia eu te amo e disse pra ela que ela estava grávida quando ele disse pra ela ela ficou muito feliz com a notícia ela foi contar para os pais dela a mãe depois filha nasceu o pai ficou muito triste a filha dele deu um nome de Mônica da ficar triste até que um certo dia a pequena e linda menina nasceu e colocaram o nome da mesma de Mônia todos ficaram muito felizes ao nascimento da menina mesmo o pai de Mônia porque ele não gostava de menina filha de Mônia sempre chorava Mônia até que um certo dia o filho de Mônia nasceu e a mãe chorava muito em todas as noites chorava muito e ela se sentia ela tinha perdido todos os filhos dela chorava por causa do seu filho que tinha morrido ela dizia assim assim até onde o filho tinha morrido para ser se o filho dela nasceria novamente.



A lenda da mandioca nasceu uma linda menina, que seus pais deram seu nome de mani, que quando todos dormia ela ia olhar a lua, ela se distraía no céu e começava a olhar a linda lua.

Quando chegou em casa sua mãe falou mani onde vc estava? eu estava vendo o luar da noite.

No outro dia quando sua mãe foi ao seu quarto, sua mãe chamou mani e chamou três vezes mani, mani, mani, pesso entre mais mani não respondeu e sua mãe ficou preocupada com mani, sua mãe falou pesso entre, mais mani não respondeu entre as.

Então sua mãe entrou em seu quarto e ela viu sua filha deitada no cama, aí sua mãe chamou mani minha filha, já tá de manhã e mani não acordava sua mãe preocupada chamou de novo mani acorde, e sua mãe viu duas serpentes que ela morreu e morreu muito filha única.

Então mani morreu, sua mãe foi chorar seu pai e nome dele era chibé, aí pai de sua filha no cama morta e disse mais também mani comia pouco e pouco lábio mani parecia escondido um mistério, minha filha, quando mani morreu nasceu uma semente que era mandioca e nome que deram pra semente. A semente cresceu e ficou rica na terra dos índios em terra do índia nasceu uma semente que era o nome de mandioca.

Essa palavra na mandioca que até hoje ela é comida e com praça na cidade de Manaus.

A mandioca é muito gostosa já eu não gosto de comer mandioca minha mãe come todos os dias de domingo ela é feita pimenta e meu pai pensa ela é comprido e é por aí.

A minha mãe com ela pra a mandioca, ela comprido de 16. A mandioca é muito comprido na minha cidade e minha tia cacilda mais tem umê banquema na zona leste e aqui em Manaus.

Com final do história a mandioca até hoje é gostosa em terra de uma indígena surgiu a mandioca.

Am!

T51 Lenda Do mundo de

Uma vez havia um homem muito rico que morava em uma cidade. Ele tinha muitos filhos e filhas. Um dia ele morreu e deixou um grande legado para os seus filhos. Mas os filhos não sabiam o que fazer com o dinheiro. Então eles foram para o mundo de fora e começaram a trabalhar. Um dia eles encontraram um velho homem que tinha um jardim muito bonito. O velho homem disse para eles que eles poderiam trabalhar no jardim e ele lhes daria comida e um lugar para dormir. Os filhos ficaram muito felizes e começaram a trabalhar. Mas um dia eles descobriram que o velho homem era um feiticeiro. Ele queria que eles trabalhassem para ele para sempre. Então eles fugiram do jardim e voltaram para casa. Mas o velho homem os encontrou e os levou de volta para o jardim. Então eles ficaram presos lá para sempre.

YGI Lenda da Mandioca

Maria era o nome de uma índia muito bonita que morava numa tribo com seus pais. Maria queria muito ter uma criança, mas não havia homem que a interessasse. Um dia ela ficou sabendo que estava a espera de um filho, ficou surpresa e foi contar aos seus pais.

Seu barriga desenvolveu-se e aos nove meses nasceu uma linda criança, com a pele branca como se fosse de um europeu.

Mãe era uma menina muito inteligente e muito capaz, todos na tribo gostavam dela, pois ela era uma menina muito amiga.

Em um dia mãe contou-lhe com sua vaidade para crianças, mas se ela se fosse a mãe sua mãe teria sido mais de sua mãe, pois havia falado.

Todos ficaram muito tristes, pois ela era uma pessoa muito especial. Sua mãe muito triste para mãe se separou de sua filha entendeu-a com sua mãe.

Os dias foram se passando e no dia que Mãe foi enterrada, apareceram grandes raízes brancas como a pele de Mãe. Todos se puseram a trabalhar para que aquelas raízes se tornassem fonte de alimentos muito valiosos e colocaram o nome de mandioca, pois o nome desta era Mãe e ela tinha sido enterrada em uma terra.

TEXTOS DOS APRENDENTES

Segunda versão

AC2 Lenda de Mandioca

Há muito tempo atrás existia uma índia chamada Nara, filha do poderoso cacique. Em uma bela noite de luar Nara dormi profundamente, e tem um sonho de que aparecia-lhe um rapaz loiro com os olhos da cor do luar, e esse sonho sempre se repetia, até que um dia simplesmente o rapaz loiro não apareceu de seus sonhos e deixando em profundos tristezas.

Então depois de um tempo Nara mandi uma criança muito formosa, ~~seu~~ Mandi tinha a pele de uma cor de melalho, Mandi logo sentiu a alegria da tribo, mas de repente Mandi mudou para Tristezas de todos da tribo.

Então Mandi é enterrada em sua própria casa. Depois sempre seus pais regam a terra com choro.

Então de repente cresce uma planta, e os pais de Mandi, curiosos foram ver o que era, e de repente se depararam com uma raiz grossa com uma casca da cor dos curumim e dentro ~~de~~ da cor de Mandi, nasce a mandioca.

022 . Lenda da Mandioca

Existia uma tribo plauite, mais muito longe daqui, pois lá havia uma linda plaulter filha de um cacique, que ao passar do tempo ficou grávida misteriosamente, seu pai o cacique perguntou de quem era a criança e ela disse que ninguém sabia.

Então seu pai já expulsou-a de sua tribo, então ela foi embora, mas lá na frente ela encontrou uma oca e lá ela morreu em toda sua gravidez, sua tia levou comida e ela, para ela poder sobreviver.

Nasceu uma bela menina de olhos castanhos claros e bem branquinha, de cor de um giz e seu nome era plami, e ao passar do tempo mani morreu e ela foi enterrada na sua oca. E ao passar do tempo nasceu uma linda planta bem branquinha e ela foi chamada de plamicoca. Mas hoje se conhece como mandioca.

Título: 2

3

DA2 Banda da Mandioca

Lenta vez numa tribo tupi, a filha do cacique teve um filho, mas quando o bebê nasceu todos da tribo se espantaram:

- Como se lixamquinha a pele desse bebê.

Passaram-se algum tempo e Nami, parecia esconder um grande mistério, pois fazia pouco e comia pouco. O tempo foi se passando e Nami morreu.

Toda a tribo se entristeceu, eles regavam o túmulo de Nami com lágrimas.

Depois de um tempo, começou a sair uma plantinha do túmulo de Nami. A mãe pensou que era Nami, querendo sair de seu túmulo, todos começaram a cavar, e até que acharam uma raiz grossa e macia como os eburinos.

E listaram nessa planta, o nome de Mandioca, que quer dizer casa de Nami (Nami-oca = casa).

Esse alimento serviu de alimento para os indígenas. E aqui no Amazonas não tem quem não goste de Mandioca.

D12 Lenda da mandioca

Um tempo, havia uma menina que se chamava (Maori) Maria. Era filha de um cacique.

Enquanto isso, no futuro, havia um homem lindo, era o Liégo. Ele viu que os índios passavam muita fome, e, como ele era dotado de poderes, viu que a situação era mudar o passado para o futuro e se modificar. Então, como seus poderes eram lunares e Maria queria ser mãe e contemplava a lua, ele apareceu em sonho a Maria, descendo da lua e dizendo que a amava. Isso repetiu-se muitas vezes, até ela se apaixonar e ela não contou a ninguém. Não o viu mais e ficou triste. Mas, meses depois, nasceu uma menina branca com o nome de Mami. Ela era a lida, alegria das pessoas na tribo, só não do cacique. Mas, anos após, a menina morreu.

Enterrada na oca onde nasceu, de seu túmulo nasceu uma planta, de raiz marrom e internamente, branca como Mami. Enquanto isso, o cacique dormia e sonhava com Liégo ensinando como preparar o alimento. E ele fez o cacique reunir toda a tribo, e deu a notícia.

GS2 Banda da Mandioca

Em uma vez numa tribo indígena tinha nascido uma indiazinha linda e a mãe chamada Mami e os pais tupis esperanzavam-se:

— Como é bonquinha esta criança!

Chamavam-na de Mami Bem e pouco a pouco belia Mami parecia esconder um mistério.

Uma bela manhã, Mami não se levantou da rede. O pai desse erro e belidas é Mami.

Mami saíra muito doente, mas sem dor.

• O nome de Mami morreu.

Os pais enterraram-na dentro da palmeira seca e regaram a sua terra com água, como era costume dos índios tupis, mas também com muitas lágrimas de saudade.

Um dia, perceberam que o tupulo de Mami rompia uma plantinha verde e rija. A plantinha descolada era a depressão.

Poucas luas se passaram e ela estava alta, que até fazia a terra rachar ao redor.

JM 2

Lenda da mandioca

Numa tribo Tupi, existia Mami. Mam era uma menina muito branquinha, diferente dos outros curumins da tribo.

Mami era o orgulho da sua tribo, mas um certo dia, mami estava estranha como se guardasse um segredo e não saía da rede, ela não comia e nem bebia nada e morreu. A tribo toda ficou abalada e mais ainda os seus pais.

A mãe de Mami enterrou ela na sua própria rede, para ficar mais perto dela. A tribo e os seus pais "regaram" constantemente o seu túmulo com lágrimas e assim no lugar onde estava o túmulo de Mami, nasceu uma planta. Os pais de Mami que eram o cacique da tribo e uma índia desenterrou a planta e acharam uma raiz de casca espessa e resistente e dentro dessa casca havia uma coisa branca como Mami. Eles resolveram chamar de mami - oca que traduzido para o português é mandioca. E com o tempo, aprenderam a cultivar e prepará-la como alimento. E na Amazônia todo, há alguém que não gosta de mandioca?

Em uma tribo, (há muito tempo atrás), existia uma jovem índia muito bonita, ela era filha do pajé, ela se chamava **Moema**.

Praticamente, todas as noites, quando **Moema** se deitava em sua rede para dormir, ela via um lindo rapaz branco, com a cabeleira loira, olhos verdes, era realmente um rapaz muito bonito, e muito diferente de **Moema** e dos rapazes da tribo. **Moema** tinha a pele escura, e os olhos tão negros quanto uma noite sem estrelas, todavia ela era muito bonita.

Certa vez, **Moema**, acordou numa linda manhã ensolarada com pássaros cantando. **Moema** pela primeira vez se viu grávida.

Seu pai, o cacique, não ficou muito feliz de sua filha ter engravidado de maneira tão misteriosa, e ele nem tampouco acreditou nas palavras da filha, que dizia ter engravidado de rapaz branco e, em silêncio.

Passaram-se 9 meses, e nasceu uma linda menina de pele tão alva quanto o luar, os olhos tão azuis, e a cabeleira muito negra.

Que nome dar pra essa linda garota... então eles pensaram: **Mani**.

[...]

Passaram-se 3 anos, **Mani**, por sua vez, não falava, não saía da rede, nem tampouco comia.

Mani morreu numa noite de luar.

FORONI

Moema enterrou **Mani** em sua oca abaixo de sua rede não queria ficar longe de sua filha.

Seu pai ficou triste.

[...]

No lugar onde **Mani** foi enterrada nasceu uma moita muito verde e a raiz dessa planta era negra como os cabelos de **Mani**, e dentro tinha uma pepêra tão branca quanto sua pele.

A mani oca
mandioca.

Texto 02

JA 2 Lenda do mandiocão

3

• Era uma vez numa tribo indígena morava um indiazinho chamado de Mami. Ele era uma pessoa com saúde, era feliz e olha só, ele era uma índia Branca, a única da tribo. Um dia quando tudo mundo foi dormir e Mami também, chegou de manhã aí todos índios que estavam na Beá que Mami estava todos levantaram de sua rede menos Mami. Os índios ficaram assustados de Mami não ter levantado, aí chamaram seus pais. Quando eles chegaram lá, Mami está morto e Mami antes de morrer deu um pipi antes de morrer, aí os índios enterraram Mami na sua Beá e o que regorram era o leite do peito de sua mãe que pingava ao ver a coitada do seu único filho lá na Beá, aí sua mãe ficou muito triste, todo a sua tribo também e quando foram ver tinha nascido uma planta lá, onde Mami estava enterrado, que chamavam de mandiocão.

lenda de mandeio

texto: 2.

9

nome: Karina Oliveira dos Santos
Koz em um certo dia nasceu uma me-
nina branca que usou ^{um} de seu nome
de maniantã mani abo era o alegue
de sua tribo quando mani entendeu
e aninhos faleceu por que não queria
comer modo a tribo ficou muito
triste pelo falecimento de mani então
enterraram mani debaixo do terreiro
de mani foi enterrado nasceu uma
planta bem verdeinha com as casca
grossa morena igual pele dos curumins
e a pele branca igual de maniantã
a mãe de mani fez um sonho
com mani e mani disse como era
para ele ~~que ele usou aquela~~
planta para fazer curandias e comi-
das então deu o nome de ~~ma-
ni~~ manico caso do
mani.

KV2 Lenda da Mandioca

Havia numa tribo, uma índia, que tinha ficado grávida, ao ter um sonho, com um belo homem que havia se apaixonado. Seu pai, ao contrário de sua mãe, não concordava em ela ter um filho.

Seu menino, portanto, foi chamado de Mami, e sua pele era branca que nem a mãe, e ela seria muito bela, como de fato os Tupis adoram. Ela se lembrava, mas não sabia quem era o pai.

Um belo dia, enquanto ele estava dormindo, teve um sonho de um homem que disse: — Sua filha, nunca esteve com nenhum homem, mas foi enviada de pele de Deus para trazer privilégio para sua tribo.

No ato de Mami adormecer, e acabou morrendo em epilepsia, e sua mãe, e todos da tribo, ficaram muito tristes com a notícia. E enterraram Mami na praia, onde mora sempre, e sua mãe todos os dias se ruga, com lágrimas

onde foi enterrado, um belo dia, veio brincar num arbusto, e pensou que sua filha gostava de sair, e ele começou a desenterrar, e ele saiu como raiz, grossa e macia, que nem a pele de um Tupi e quem dia deixassem morrer e virou quareta igual a pele de Mami.

É Deus mesmo que serve de alimento para as pessoas.

Texto 1

MF2

Lenda da Mandioca

(14)

Trêsceu uma indígeninha linda e Brasileira
sua mãe e seu pai tupis.

Porém, ela é nome de Mani.

Esta moçoita mani adoeceu, porém deves muitas
mas. Quando soube de sua enfermidade levantou
da cama.

O pai deu ordem para ela, e chamou de
Mani morreu. Todos os índios ficaram tristes
por que tinham perdido um membro de sua
família.

A mãe chorava e sentia lá sua
preço de. Uma mancha tinha uma planta de
cujos frutos a mãe tirou toda a casca e tinha uma
planta branquinha como a de mani.

Vamos chamar-lhe de Mani - deu consentiram
os índios. Transformaram a planta em alimento.

Dizem que esta semente de Mandioca.

Sete: 02

MS2 Donda da Mandioca

(12)

• Nasceu uma linda indiazinha e a mãe e o pai tupis.

• A linda indiazinha era muito brancinha e se chamava Mami, no certo dia mami tinha um grande mistério escondido, numa noite de lua cheia mami passa muito mal.

• Na manhã seguinte Mami não queria comer nada e não beber nada, no fim da tarde escurece muito e Mami cansada deita na rede e feliz morre.

• Então os tupis com os olhos cheios de lágrimas sabem que uma linda indiazinha morreu, no certo dia eles encontram mami na sua própria casa, então com o decorrer do tempo os tupis veem sua casa se rachando eles pensaram que era mami saindo de sua casa então eles encontram e lá no fundo do buraco tinha uma planta verde que se chamou de mandioca que se diz de mandioca.

• A mandioca se serviu de alimentos de bebidas que ajudou muito a tribo de tupis.

Texto 2

RS 2

Lenda da mandioca

14

Havia uma tribo que tinha uma índia chamada de Mandioca que estava grávida quando o seu marido de mão morreu com a pele escura e sim com a pele sem brancura. Os caciques ficaram espantados mais aqui tinham passado alguns dias o bebê morreu e o enteraram na sua casa todo dia os índios iam chorar com seu timulo um um bebê dia foram prestar ele encontraram uma planta com a casca escura e a polpa branquinha com a pele o bebê que se chama na mani então colocaram o nome da planta de mani-oca.

MANI-oca



RA2. Lenda da mandioca

Tudo começou quando um jovem que apareceu em sonhos da Amanda em uma noite o jovem não mais apareceu em seus sonhos Amanda ficou triste, passou alguns dias e Amanda começou a ter tonturas e ficou em juízo em tão a mãe de Amanda, descobriu que ela estava grávida, quando foi de noite Amanda estava dormindo quando o jovem rapaz apareceu em seu sonho e falou que ela estava grávida porque foi obra do grande tubaçu em tão quando foi de manhã a Amanda foi contar para os seus pais mas o cacique não quis acreditar quando a menininha nasceu a Amanda deu o nome a ela de mani, mani era adorado pardo na tribo menos pelo cacique um dia mani adoeceu quando passou alguns dias mani morreu. A mãe de mani chorou e a tribo se entristeceu

FORONI

mani foi sepultado na terra, passou alguns dias e no local onde mani está nasceu um planta e a Amanda ~~de mani~~ de seu filho e quando foi a raiz grossa e ela se descascou e foi que a poupa parecia com a pele de mani e o jovem rapaz explicou tudo para o cacique e o cacique entendeu e pediu desculpa para a Amanda.

Texto 2

502

Lenda da Mandioca

(15)

Houve em uma tribo de tupis uma indiazinha
branquinha, muito branquinha, sua mãe que se chama-
va Mara, Mara se espantou — Como, minha filha é tão
clara, o pai de Mara que é o Quaciqui, não gostou
nada de sua grandeza e desprezou Mara, a
mãe da — indiazinha chamou-na de Mami, Mami
peucelema e peucelebia, Mami, artes de Mami nasceu
sempre sonhava com um homem branco com Mami.
Uma certa manhã Mami não se levantou da
rede Mami estava muito brava e chorando Mami
morreu, sua mãe enterrou-no dentro da própria
cova, sua mãe chorava em voz trêmula e regava
com suas lágrimas e nasceu uma planta, e
a mãe de Mami cavou e viu uma raiz de
cova da pele de Mami deu a famosa mandi-
oca.

Título: 2

(13)

542

lenda da Mandioca.

Madica era uma jovem muito bonita que tinha o seu sonho de se casar, até que um certo dia numa noite, veio um homem muito bonito e disse para Madica, que ela estava grávida, Madica ficou muito feliz com essa notícia e foi contar a notícia a seus pais a mãe alertou a neto que iria nascer malvado e pai de Madica não gostou nenhum pouquinho dessa notícia e começou a discriminar a neto que iria nascer e Madica ficou muito triste por causa disso.

Até que certo dia a linda Madica nasceu no aldeão todos ficaram muito felizes comemoraram muito menos o pai de Madica porque não gostava do menino que tinha nascido até que um certo dia a linda menina morreu e todos ficaram muito tristes e toda noite a ~~mae~~ mãe da menina chorava em seu túmulo.!

TA2 Banda da Mandioca

Um belo dia nasceu uma linda jovem bem branquinha, que até seus pais se assustaram quando viu sua filha que duram o nome de Mami.

Então seus pais ficaram muito felizes com sua chegada.

Quando mami foi dada muito fraca, mais também Mami pouco lubio e pouco esmia, quando Mami foi dada muito fraca deumiu.

Mas quando amanheceu Mami já estava morta então sua mãe e seu pai interroy num buraco.

E Mami deixou uma semente que duram o nome de Manioca que depois chamaram de Mandioca.

E assim foi Mami deixou a Mandioca que até hoje serve de Suco, Bebidas, Pimentão etc...

Texto - 2

22

Y52 Trança da Manduca

Mami, era uma menina muito bonita e alegre que nasceu para um cacá de índios Tupus.

Mami era a alegria de toda a tribo, pois era uma menina engraçada e muito alegre.

Em um belo dia amarelado Mami não se levantou mais de sua rede, pois estava muito doente.

Os dias foram se passando e Mami morreu silenciosamente em sua rede.

Deu pois muito triste para mãe se se partiu de Mami, e entendeu em sua vida. Todos os dias ^{se} chejava com a falta de Mami.

Aa noite, eles viram que nasciam igressas vizias e com a cor igual a de Mami.

E a partir daquele momento se passou a existir a manduca que está hoje a fonte de alimento para todos nós.

TEXTOS DOS APRENDENTES

Terceira versão

AC3 Lenda da Mandioca

Uma vez uma mulher chamada Manda teve uma filha do cacique, um dia Manda foi dormir e teve um sonho com um raposo. Logo depois com os olhos abertos ela viu o raposo. Manda começou a ter uma vontade constante de comer, até que um dia de repente o raposo veio dos seus sonhos deuses. Manda tem profunda angústia.

Um dia que um dia misteriosamente Manda apareceu e trouxe uma menina com a cor alva e os olhos diferentes de todos os outros.

Manda deu o nome para a filha de Manda e Manda era a alegria da tribo.

Um dia misteriosamente Manda morreu e os seus olhos se repetiram na cor, e se repetiu sua mãe na sua cultura e chorou muito e a água da sua choro começou a regar a terra. Depois começou a crescer uma planta e mãe de Manda foi a ser a que era quando ela começou a plantar. Foi uma raiz forte, quando ela nasceu veio por dentro e lá bem branca que nem Manda.

Essa planta serviu de alimento para todos os índios.

um

CD3

Lenda

da Mandioca

Há muito tempo, mais muito tempo atrás, vivia uma mulher, filha de um cacique, numa aldeia. Ela engravidou misteriosamente e o pai dela, o cacique, ficou muito chateado por isso. Ela estava grávida, então ele a espulso da aldeia, então ela foi morar muito longe da aldeia. Por causa da sua gravidez, sua irmã foi levado alimento para ela. Então chegou o grande dia de se fazer nascido. Então nasceu uma linda menina e se chamou mani e ela era branca como um leite. Então ao passar do tempo seu pai percebeu e então mani morreu. Sua mãe chorou, mas chorou sobre seu corpo. Foi feita uma planta com a seiva bem branca e daí o nome mandioca.

DA3 Lenda da Mandioca

Há muito tempo, em uma distante aldeia, havia uma índia que tinha um grande desejo. Tanto desejo aca ter um bebê. Em certa vez, enquanto dormia teve um sonho. No sonho dela, havia um homem muito lindo dizendo que o desejo dela iria se realizar. Ela ficou muito feliz, pois ela ia ter um filho ou uma filha. De passar o tempo nasceu. Ela chamou a criança de Mami.

Os anos se passaram e Mami cresceu. Mas Mami aprendia um grande mistério. Pois como pouco a bebê pouco, Mami continuou assim e acabou morrendo. Todos da tribo ficaram muito tristes e enteraram Mami em sua casa. O mãe de Mami chorou tanto que chegou a casa de Mami em duas semanas. O tempo foi passando e eles perceberam que do túmulo de Mami nascia uma plantinha bem verde e saavam para ser e que ela se enraizavam uma grande raiz, por fora melada e por dentro amarela e era como a pele de Mami.

D13 Lenda da mandioca

Era, uma vez, uma linda mulher
 (índia), filha do cacique.
 Ela desejava muito ser mãe, e contou
 para muitos de sua tribo que queria
 isso, 500 anos no futuro. Thucyo Macdonald,
 um pesquisador norte-americano, de sua
 tribo (os índios) viu a tribo de Morai, filhos de
 Cociqui, passando fome e morrendo no
 calor. Os plantações de milho tinham pragas,
 porque uma falha de cultivo a floresta e o
 homem tinham sido tribos (os habitantes) com
 filhos na América e como a floresta
 vive e habita dos galambos, desde o dia
 imediatamente, os galambos de tornaram
 pragas. Então, Macdonald com seu segredo
 (era isso em pedras na sua (sua) volta
 nos pedras no passado e Maria senha
 com esse homem e se amou.
 Ela teve uma filha branca como a
 lua, que era a alegria (dona) do tri-
 bo, depois de tempo, morreu e foi
 enterrada em sua sepultura.
 De lá, botou uma planta com raiz
 grossa e macia e foi muito por seu
 filho, ficando como a pele de milho. Em
 quanto isso, 500 anos no futuro,
 Macdonald revela a filha, sua e ele no sa-
 nho do cacique, e ele ensina como
 fazer a mandioca cozida. E a tribo
 vive bem para sempre.

Existia, numa tribo, há muito tempo atrás, a filha do cacique, ela engravidou sem ter relações com qualquer índio de sua tribo.

Ela falava pro seu pai, ou seja, o cacique que em seus sonhos aparecia um rapaz, branco, de olhos azuis esmeraldas e cabelos negros. Era um rapaz muito lindo realmente.

É que esse rapaz falava com ela em seus sonhos, a filha do cacique se apaixonou por esse belo rapaz. Seu pai não acreditava nas palavras da filha, e daí nasceu uma certa intelecância do cacique com a filha.

Passaram-se 9 meses, nasceu uma linda garotinha, ela tinha a pele tão branca quanto a luz do luar, os olhos tão verdes quanto as folhas das árvores, os cabelos tão negros quanto a pele dos corumims da tribo.

Depois de 3 anos, Mami, como foi batizada, não quis mais comer, só bebia leite materno.

Mami faleceu, e foi enterrada na ca. de sua mãe, a mãe de Mami decidiu enterra-la abaixo de sua rede assim não se separaria de sua filha.

A mãe de Mami chorava todos os dias. E se perguntava: "Por que com a minha filha? A olegia de sua tribo".

Passou tempo depois brotara uma planta, de folhas tão verdes como os olhos de Mami, a raiz tão negra quanto os cabelos de Mami.

O rapaz, dos sonhos da mãe de Mami, apareceu nos do cacique, e o ensinou como cultivar a folha e a raiz da planta.

Eles resolveram colocar o nome da planta de "Mamioca" que na língua tupi significa "casa de Mami".

JM 3

Lenda DA MANDIOCA

ERA UMA VEZ, NUMA tribo indígena vivida desvotada para uma menina muito brava ela era a meta do cacique da tribo.

Ela não tinha pai, quer dizer: ninguém sabia quem era o pai dela. Por isso o cacique era mais que zangado com sua filha por ter tido uma filha sem saber quem era o pai.

Mas, seu afeto pela sua filha era muito grande. O nome da menina era Mami, e ela era a orgulho da tribo. Um certo dia, Mami estava estranha e muito doente, ela não queria comer e nem beber. Mas passou algumas horas e ela morreu.

A mãe dela a enterrou no seu colo, porque não queria ficar longe de sua filha.

A tribo ficou triste e todos os dias a tribo ia rezar a sepultura de Mami com lágrimas.

Porém, se alguns dias e uma planta de caule muito forte nasceu no lugar onde Mami estava enterrada eles foram ver o que era e era uma raiz branca como Mami, eles deram o nome de Mami-oca, mas, traduzida para os portugueses brasileiros mandioca - > hup, é o principal alimento indígena.

Texto nº 03.

J43 Lenda da mandioca

Era uma vez numa tribo indígena viveu uma índio muito bonito que estava apaixonado de uma menina muito bonita de cabelos bem longos. Bacoquinho era o único índio branco de lá da tribo era muito feliz com sua tribo indígena mais eu em alguns dias a menina feliz não era mais assim ficou tão triste que não queria comer, nem beber água só ficava quieta no seu canto não queria beber de nada ela ficou muito quieta a sua tribo estava se notando a sua falta até que ela sem comer sem beber ela ficou doente de doente mais ainda e acabou morrendo na sua pequena rede ai a sua mãe enterrou a menina e toda noite ia ver a menina ela chorava e a sua lagrimas era o que derretia no coração e de lá nasceu a mandioca e quem era Mami.

KV3

Lenda

Mandicó

Há muito tempo, havia uma índia, muito bela,
 que gostava de ter um filho, e que fosse uma
 bela criança. Um belo dia, teve um sonho com um
 belo rapaz, com os olhos verdes, e com os
 cabelos pretos enrolados, e desde todos os dias
 os sonhos com esse rapaz, quando ela
 se espantou pelo rapaz, ele sumiu dos
 seus sonhos, e ele ficou muito triste,
 com o desaparecimento dele.
 Um dia ele apareceu grávido,
 e seu pai ficou furioso, com isto
 pois ele pensava que ele havia dor-
 mido com algum homem, ele falou
 mil vezes que não havia dormido com
 nenhum homem, mas, ele não acreditava,
 por nenhuma palavra dele e então,
 ele decidiu entregá-lo para a mãe dele pe-
 re um quequinho de trigo, mas,
 não deu tempo logo, a criança
 nasceu, com a pele branca como leite
 e muito bela que a chamaram de
 Mami, e tempo ia passando, e ele ia
 crescendo, mais e mais, e ficando
 mais belo do que qualquer um
 da tribo, ele não desconfiou que
 seu destino estava ligado pela
 morte, e mal sabia ele, o seu pes-
 sado cruel, nem mesmo sua
 própria família que acompanhou o
 seu crescimento até o fim da
 sua vida, e um dia tragico
 aconteceu.
 Uma bela manhã, ele ficou doem-
 do, e acabou morrendo, e ele foi enté-
 rrado no dia e desde todos os dias,
 ele chorava suas lágrimas de
 saudade no túmulo, uma mancha de
 quando se viu um arbusto, logo
 tendo de lá e quando ele estava
 fora viu uma raiz grossa e
 quando chegaram, tinha o nome
 de, que nem a pele de Mami e foi daí,
 que recebeu o nome de Mandicó.

M53 Lenda da Mandioca

Nasceu uma linda indijinha de pele muito branca que se quisde casar, ela se chamou Mami, uma linda mandioca da tribo de coriqui, mas ela era muito diferente das outras mandiocas que existem, ela era uma mandioca de pele branca, as outras eram de pele marrom.

De dia se quisde a indijinha, estava muito doente, ela não comia e não podia beber, nos três dias que Mami foi doente a Mami morreu.

Os pais de Mami ficaram muito triste e toda a tribo ficou muito triste por essa indijinha muito bonita chamada Mami. Os pais dela contaram ela na mesma era de sua tribo, no dia seguinte teve uma planta muito branca que era igual a pele da Mami, então eles contaram a Mami, ela não filou e pegaram que era Mami, mas era um alimento que chamam mandioca que serviu de alimento há tribo.

MF3

Lenda Da Mandioca

Existiu Mandioca uma índiazinha linda e a mãe e o pai Tupis esparçaram-se.

- Não se é enganar esta história!

Chamavam-na de mamã. Como parece, soube beber.

Mamã parecia mesmo um mistério. Era bela moçoila, Atiani não se levantou da rede.

O pai de mamã e bebidas a menina mamã sorria, muito discreta, mas sem dizer.

6. Quando mamã morreu.

Os pais chegaram-na dentro de sua própria casa e ficaram a sua volta com água, para ela beber. Mas os índios Tupis, mas também, para muitas lágrimas de saudade.

Um dia, perceberam que dia tímido de Mamã parecia uma planta verde e seca. A plantinha desconhecida crescia de novo.

Poucos dias se passaram e ela estava alta, com um caule forte que até fazia a terra balançar ao redor.

Quem é essa? - perguntou a mãe de Mamã.

Conhecem um pouco, a flor da terra, mas com umas raízes brancas e macias, quase da cor de mamã. Palpa brancinha, quase da cor de mamã.

- Vamos chamar-la de mamã - disse, lembrando os índios. Porque mamã foi enterrada na sua própria casa.

Assim chamaram a planta em homenagem.

NF3 Lenda Da Mandioca

Era uma vez uma jovem moçoira que se casara
 em sua família e um filho ela nasceu com um
 homenzinho bonito que nasceu do lugar era um rapaz
 alto, bono, forte e de olhos azuis. Então ela engravidou
 de um menino a legítima bem branquinha que
 nasceu no seu primeiro tempo ela não comeu e mais
 bebê nada então ela morreu e foi enterrada na casa
 do pai. Então a mãe se foi ao céu e durou o
 céu do céu. Então ela trouxe uma folha
 verde e ela tem uma e ela se chama a da
 mandioca hoje ela é muito usada em todo
 o país.

RS3 Lenda Mandioca

Há muitos anos atrás existia um índio indigena que havia uma índia que estava grávida, proibindo os maus espíritos de seu filho e deu a ela o nome de mandi. Mais tarde da tarde voltava para a pele do criança uma escura sem nenhuma máis também mesmo gostaram da criança. Depois de tempos a criança ficou doente e mãe queria mais comer então sem um dia ela morreu e mãe dela ficou muito triste e a criança ficou doente os dias a mãe e o resto da tribo iam visitar o túmulo da criança e choravam muito e rogavam aquele lugar e iam embora mas em um dia aliad a sua mãe foi viz o túmulo e lá tinha nascido uma planta que por fora era marrom escura e por dentro era clara como a pele de mandi. O índio saiu e foi mostrar para o cacique então durante o nome de mandioca.

esse significa: Casca de mandi.

RA3

Lenda mandica

'Era uma vez uma história da mandica' que começa a
 muito tempo atrás que a filha do cacique que se chamava
 Maria. Ela não tinha um sonho que era de casar e ter
 um filho mas a mãe não gostava de ninguém da
 tribo e sem do pai e o pai que ela sonhava
 todo dia com um filho com olhos azuis,
 quando foi um dia Maria contou a mãe com a
 jovem Maria de dez que ela estava quando
 isso aconteceu ao grande "Tuchoua" que
 quis quando o bebê nasceu ele se chamava
 (mandi) porque ele tinha um olho
 que era como um olho de água quando foi um
 dia mande morreu e a mãe chorou tanto
 o nome de mande.
 A mãe enterrou o mande na sua casa/
 barragem e quando ela morreu ela se
 ligou do mande quando morreu de
 enterrou ela em um lugar onde quando
 mande morreu ela foi que quando a mãe
 de mande e a mãe.

5C3

Lenda Lenda da Mandioca

Foi uma vez uma índia que se chamava Mame, Mame teve uma filha chamada Mani, a mãe de Mani se surpreendeu - como é benquilha, do tão criança. Sua mãe e seu pai disseram:

Mame pouco come e pouco bebe, um certo dia Mani não se levantou da rede, iscaique deu essas a Mani, mas Mani não melhorou, a Mame na dificuldade de Mani, Mani sempre permanecia serinda. Então de Mani morreu.

Sua mãe muito triste entendeu Mani deu tuc de sua própria ca, todos os dias, Mame chorava na sepultura de Mani, segundo a terra, um dia a mãe de Mani descobriu um bruto branco em cima de seu túmulo, a mãe de Mani resolveu coarir e viu uma raiz, quando ela coar da pele dos outros, e dentro da coar da pele de Mani, e coar que deu origem de Mani - era o milho, o alimento dos índios.

Texto nº 03

513

Lenda Da Manduca

Na aldeia nasceu uma pequena menina índia chamada Zanca. Todas as pessoas da tribo adoravam ela, ela era a filha do cacique e no nascimento do menino Zanca tiveram uma festa de comemoração ao nascimento de Zanca. E todos ficaram muito felizes até que um certo dia a Zanca ficou triste não queria se alimentar não queria crescer nada ela já estava doente e ficou com muita febre até que um certo dia a pequena Zanca morreu e todos da aldeia ficaram todos muito tristes a mãe de Zanca chorava todas as noites por causa de sua filha que tinha morrido e ficava muito triste.

Texto nº 03

TA3 Lenda Da Mandioca

Tanka era uma jovem filha de casais pobres
não havia tido, porém algum que devia ser criança.

Quando de sua morte, ela se apaixonou por sua mãe.
Logo após mais seu pai não acreditava se apaixonar com
sua filha Tanka era uma indígena que quando engravidou
seu pai a dispensou!

Se Tanka teve sua filha que se chamava Maria, mas se não
estava e não tinha nada.

Tanka ficou preocupada com sua filha!

Com o di Tanka se não acreditava + não mais seu pai foi
indiano de casa para Tanka a dispensou.

Am /

T53 Lenda do Mondico

Um dia veio uma mulher muito bonita, filha de um rico, que veio deitada com os braços e pernas estendidas, e com os olhos fechados, e quando chegou ao chão, não se levantou e ficou ali até morrer. Ela não tinha nem um pé de terra e nem um pedaço de pão, e quando chegou ao chão, não se levantou e ficou ali até morrer.

Três meses, a filha não se levantou e ficou ali até morrer. Ela não tinha nem um pé de terra e nem um pedaço de pão, e quando chegou ao chão, não se levantou e ficou ali até morrer.

Para que a filha não se levantasse, a mãe dela fez um feitiço e quando ela chegou ao chão, não se levantou e ficou ali até morrer.

Porque alguns dias depois, a filha não se levantou e ficou ali até morrer. Ela não tinha nem um pé de terra e nem um pedaço de pão, e quando chegou ao chão, não se levantou e ficou ali até morrer.

Assim, alguns dias depois, a filha não se levantou e ficou ali até morrer. Ela não tinha nem um pé de terra e nem um pedaço de pão, e quando chegou ao chão, não se levantou e ficou ali até morrer.

YG3

Lenda de Mandioca

Ha muitos e muitos anos atrás numa tribo de índios, morava uma índia muito linda que era filha do Karique.

A índia gostava muito de uma seringueira que ela preferia por ser uma árvore.

Os tempos foram se passando e ela engravidou.

Depois dos nove meses de gravidez nasceu Mandi, uma linda criança de pele branca como o luar e de olhos azuis como o mar.

Mandi era a alegria de toda a tribo, todos gostavam dela, pois ela era uma menina gentil e muito inteligente.

Os dias foram se passando e Mandi ficou doente, mãe queria se alimentar e os filhos em sua vida se alimentando de ela.

Um dia, quando Mandi não resistiu e morreu, os dois ficaram chocados e principalmente a mãe dela.

A mãe de Mandi a enterrou em sua própria casa para não se separar de sua filha adorada.

Os dias foram se passando e a mãe Mandi para enterrar marcou grandes raízes que era uma grande fonte de alimento.

Para homenagem a ela colocou o nome de Mandioca pois a mãe dela era Mandi e enterraram-a em uma casa.

ANEXO B